Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 31 de OUTUBRO DE 97 1-N.º 7550-ANO 51.º-PREÇO $50

EDIÇÃO DE DOMINGO

Willy Brandt

A MINHA BATALHA PELA PAZ

Especulou-se muito, como aliás todos os anos, sobre quem seria galardoado com o prémio Nobel da Paz de 1971. Entre as individualidades ou entidades premiáveis figurava, por exemplo, a Organização Esperantista Mundial, mas o parlamento norueguês inclinou-se para um homem controverso, que aliás é bem conhecido no país: o dr. Willy Brandt, antigo burgomestre de Berlim, antigo chefe da oposição social-democrata e actual chanceler da Alemanha Federal. Brandt, de seu primitivo nome Herbert Karl Frahm, ergueu-se durante anos contra a barbárie nazi e foi, precisamente na Noruega, um elemento preponderante da resistência.

São do chanceler alemão as considerações que reproduzimos nas páginas centrais deste suplemento, extraídas, por acordo com a Editorial Início, do volume «A batalha pela paz». Para além do que pudesse dizer-se sobre o seu perfil humano e político, elas revelam suficientemente quem é Brandt e que ideias-mestras o movem na sua luta pelo apaziguamento do mundo de hoje.

DAMAS MOSTRA COMO É

Nas páginas interiores, o jovem guarda-redes «internacional» explica, especialmente para o «Diário de Lisboa», como é que se defende uma baliza de futebol. O correcto e o errado, exemplificados fotográficamente por Damas, fornecem uma bela lição de futebol em imagens.

A Mosca pica hoje

DL

Neste número
Suplemento literário

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Sete dias em cinco continentes

DIA 25

BREZNEV EM PARIS

Na sua qualidade de Secretário-Geral do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev colheu a França como primeira etapa da sua visita a países não comunistas.

A sua chegada a Paris onde foram tomadas excepcionais medidas de segurança (10.000 polícias mobilizados e 58 deportações preventivas), Brejnev foi recebido com honras de Chefe de Estado.

Georges Pompidou, que esperava Brejnev no aeroporto, acompanhou-o até á cidade e ofereceu um banquete em sua honra.

JULGAMENTO NO CAIRO

O antigo Ministro da Guerra egipcio, General Mohamed Fawzy começou a ser julgado por um tribunal militar, sob a acusação de ter tentado derrubar o presidente Sadat.

A acusação que pediu a pena de morte para Fawzy, afirmou que o general, tal como os outros conspiradores, se opunha à decisão do presidente Sadat de constituir uma federação com a Libia e a Siria. Após as alegações da acusação, o tribunal suspendeu os trabalhos até dia 1 de Novembro.

E opinião geral que a pena de morte não será aplicada.

DIA 26

PEQUIM NA ONU

A China Popular obteve finalmente, ao fim de 22 anos, a sua admissão na ONU e um lugar no Conselho de Segurança com direito a veto.

Como consequência do resultado da histórica votação (76 votos a favor, 35 conta e 17 abstenções) a China Nacionalista, mais conhecida por Formosa, foi expulsa da organização.

Portugal, depois de ter votado a favor da moção americana (derrotada) que pretendia uma maioria de dois terços para qualquer decisão de expulsar a Formosa, acabou por apoiar a moção albanesa que levou à expulsão de Taipé.

ISRAEL PEDE MAIS AVIÕES

Falando perante o parlamento, Golda Meir pediu aos Estados Unidos o fornecimento dos aviões «Phantom» que há largos meses Israel vem tentando obter.

Ao mesmo tempo declarou: «A demora dos Estados Unidos tem um significado muito especial do ponto de vista militar e político, visto não constituir segredo para egipcios e russos».

E Golda Meir foi mais longe ao declarar que Israel não aceitará condições políticas que possam pôr em perigo a sua segurança, mesmo que o preço seja o das armas que necessita para a sua defesa.

KOSSIGUINE: ABRAÇO A FIDEL DE CASTRO

O primeiro-ministro soviético, Alexei Kossiguine, chegou de avião a Havana para uma visita de quatro dias a Cuba.

Mal entrou em território cubano, o jacto russo que transportou Kossiguine foi escoltado por quatro «Migs» pertencentes à Força Aérea de Cuba.

No aeroporto, o dr. Fidel de Castro, chefe do governo cubano, e o presidente Osvaldo Dórticos receberam calorosamente Kossiguine, com quem trocaram um longo abraço.

DIA 27

MORTES NA IRLANDA

Em Turf-Lodge, Belfast, os soldados britânicos em serviço na Irlanda mataram quatro franco atiradores e feriram gravemente um outro no decorrer de uma autêntica batalha campal. Os incidentes tiveram início no funeral de um membro da IRA abatido por esses mesmos soldados.

Entretanto, numa emboscada, morreu um polícia e outro ficou gravemente ferido.

Em Londerry, a explosão de uma bomba matou dois soldados britânicos.

ACORDO FRANCO - RUSSO

Com Brejnev em Paris, a França e a Rússia assinaram um acordo económico por 10 anos que permitirá intensificar as suas trocas comerciais.

Como primeiro passo a fábrica de automóveis francesa Renault, pertencente ao Estado, assinou também um contrato no valor de 1.200 milhões de francos para ajudar a equipar e organizar uma gigantesca fábrica de camiões na Rússia.

Entretanto Brejnev visitou a casa onde Lenine passou três anos de exílio político.

BOMBARDEAMENTO INDIANO

Segundo a rádio paquistanesa morreram 64 pessoas em consequência do bombardeamento efectuado pelos indianos contra o território paquistanês na fronteira entre os dois países.

DIA 28

A INGLATERRA NO MERCADO COMUM

Finalmente os ingleses decidiram-se: a Câmara dos Comuns votou hoje a favor da entrada da Grã Bretanha no Mercado Comum. O resultado da votação (356 votos contra 244) excedeu as mais optimistas expectativas do Governo Conservador.

SATÉLITE BRITÂNICO

A Grã Bretanha colocou hoje em órbitra pelos seus próprios meios, um satélite totalmente concebido e fabricado por técnicos britânicos. O lançamento efectuou-se na base de Woomera. Deste modo a Inglaterra tornou-se o sexto pais a entrar no chamado «clube espacial».

ENSAIO NUCLEAR

O Tribunal de Apelo dos Estados Unidos recusou-se a ordenar a suspensão de uma experiência nuclear subterranea a realizar na próxima semana na ilha Amchitka.

Esta decisão do tribunal é uma vitória para Nixon, que já tinha autorizado a deflagração apesar dos protestos de grande parte dos seus compatriotas e dos governos do Japão e Canadá.

TITO NA CASA BRANCA

Para conferenciar com o presidente Nixon sobre temas de interesse mundial, o marechal Tito chegou a Washington onde o presidente Nixon lhe dispensou calorosa recepção.

DIA 29

INAUGURAÇÃO DO «COMIBERLANT»

Com a presença dos Chefes de Estado e do Governo Português foi inaugurado, em Oeiras o Quartel-General do Comando da Area Ibero-Atlântica (Comiberlant).

À cerimónia assistiram ainda as mais importantes individualidades da Organização do Tratado do Atlântico Norte, bem como os embaixadores e representantes militares dos países da organização acreditados em Lisboa.

MORTE DE UM POLÍCIA IRLANDÊS

Em Belfast, morreu um polícia e outros dois ficaram feridos quando uma bomba explodiu numa esquadra da polícia.

Antes, um soldado britânico foi atingido por uma bala num joelho quando participava numa patrulha do bairro católico de Ardyne.

DIA 30

O SENADO AMERICANO CONTRARIA NIXON

O Senado americano rejeitou a proposta orçamental para auxilio ao estrangeiro feita pelo presidente Nixon e que comportava milhões de dólares.

O presidente considerou a votação altamente irresponsável, afirmando que pode vir a destruir 25 anos de uma política externa construtiva provocando riscos inaceitáveis para a segurança interna norte-americana.

DELEGAÇÃO SOVIÉTICA NA UNIÃO INDIANA

Uma importante delegação soviética chegou hoje a Nova Delhi para uma visita de seis dias. Dirigida pelo marechal Pavel Koutakhov, chefe do Estado Maior da Força Aérea, a delegação foi recebida no aeroporto pelo chefe do estado maior da Força Aérea Indiana, marechal P. C. Lai.

Apesar dos desmentidos oficiais a delegação deve discutir as necessidades defensivas da União Indiana resultantes do perigo de uma guerra com o Paquistão.

GUERRILHEIROS MATAM POLÍCIAS EM BUENOS AIRES

Dois polícias mortos, explosão de quatro bombas e mais de 48 armas roubadas de um armeiro, eis o resumo da actividade dos guerrilheiros urbanos, no dia de hoje, na capital argentina. Foi rendoso.

BANCO DO ALENTEJO

Filial de Lisboa: Praça D. João da Câmara, 18

8º Aumento de Capital

Rateio das acções destinadas à subscrição pública

A subscrição das 70 000 acções destinadas ao público atingiu os seguintes valores:

Boletins	Número de Subscritores	Número de acções subscritas
De 1 acção	48 077	48 077
De 2 acções	7 953	15 906
De 3 acções	1 463	4 389
De 4 acções	824	3 296
De 5 acções	3 574	17 870
De 6 a 10 acções	3 336	27 899
De 11 a 20 acções	962	14 690
De 21 a 50 acções	466	15 401
Mais de 50 acções	191	27 186
Total	66 846	174 714

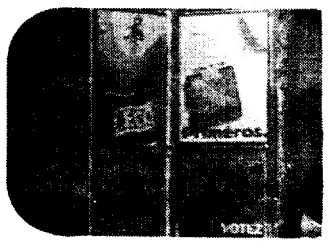
Dada a grande afluência de subscritores e o elevado número de acções subscritas — 174 714 —, teve de se proceder ao respectivo rateio, o qual, dando preferência às pequenas subscrições, se efectua do seguinte modo:

Subscrições	Acções Atribuídas
De 1 a 10 acções	1
De 11 a 20 acções	2
De 21 a 50 acções	4
De mais de 50 acções	5

A restituição do valor correspondente às acções não atribuídas far-se-á a partir do dia 3 de Novembro nos balcões onde tiveram lugar as subscrições

Lisboa, 31 de Outubro de 1971

O Conselho de Administração



Outono de eleições em Genebra

por NUNO COUTINHO

O dia, junto ao Lago Léman, faz lembrar curiosamente uma Primavera. Se exceptuarmos o tom das folhas das plantas, podíamos, pensando bem, julgar viver no mês de Abril.

Nos jardins da cidade, as flores selvagens reflorescem, embora com as corolas de tons menos vivos. Mas estão lá.

Junto à Estação Central uma velha senhora caminha ajoujada ao peso de um enorme ramo de campânulas recentemente colhidas, nos arredores de Genebra.

Maisà Maisàfrente,juntoaocais Mont-Blanc, um homem, cujo corpo já conheceu a passagem de numerosas Primaveras, passeia em calções, gozando as delícias desta outra Primavera que teima em adoçar o tempo. Os Alpes, ao fundo, estão longe.

Os insectos ouvem-se ainda vibrar e zumbir, um pouco por todo o lado. Não há chuva para os afogar, nem frio para os matar. A sua esperança de vida foi prolongada este ano, tornando a cidade mais bela ao juntarem as cores das suas asas à policromia garrida das flores dos jardins.

Mas hoje, a cidade tem mais colorido ainda. São os cartazes da publicidade dos partidos políticos que disputam os lugares de deputados no Conselho Federal do Cantão. «Vote em...» «Vote...» «Não se esqueça de votar...» Em fundos azuis, vermelhos, amarelos, eu sei lá.

«Não se esqueça de votar» porque o genevense tem mais em que pensar e ver. Tem as obras do escultor britânico Lynn Chadwick, titular do Grande Prémio da Bienal de Veneza em 1956 e que é apresentado, pela primeira vez, na cidade. Tem a reunião da Comissão dos Estupefacientes das Nações Unidas, onde são estudados os planos de acção a empregar, a curto e longo prazo, na luta contra o abuso das drogas. Tem o Salão de Artes Domésticas, no Palácio de Exposições, onde são apresentadas as últimas novidades do que há de mais belo para decorar uma casa. Tem ainda um Congresso, como tantos que se fazem na cidade ao longo do ano. Este tem a particularidade de reunir 300 especialistas que, no Hotel Intercontinental, estão a reflectir quanto ao futuro da comunicação escrita. As tendências que marcarão os mercados de jornais, revistas e livros, nos próximos 20 anos, são a sua principal base de meditação. Tem ainda a transferência da sede da «Investors Capital Trust» (uma importante empresa de colocação de capitais) para o Mónaco, com todo o ruído que uma decisão do género implica para os suiços. «Nós não fugimos» - disse Robert Loertscher, o único administrador da I. C. T., mas o certo é que o caso faz lembrar outros mais ou menos semelhantes ocorridos recentemente.

Mas os cartazes lembrando um dever, que se não deve esquecer, estão lá. Nas ruas e praças, tal como as flores e as borboletas.

E o cidadão de Genebra vai às urnas.

Votar por quem?

A união dos partidos comunista e socialista de Genebra, aparentemente desaprovada pelo Partido Comunista Suiço, deixou muitos eleitores na dúvida quanto ao valor do seu boletim de voto. Enquanto um grande número de socialistas se encontra longe das posições do partido, os comunistas, que se proclamam da oposição, deram a sua canção a um movimento que participa nas responsabilidades do governo. Por isso, os respectivos adeptos nadam num ilogismo e é perfeitamente compreensível a perplexidade de uns e outros.

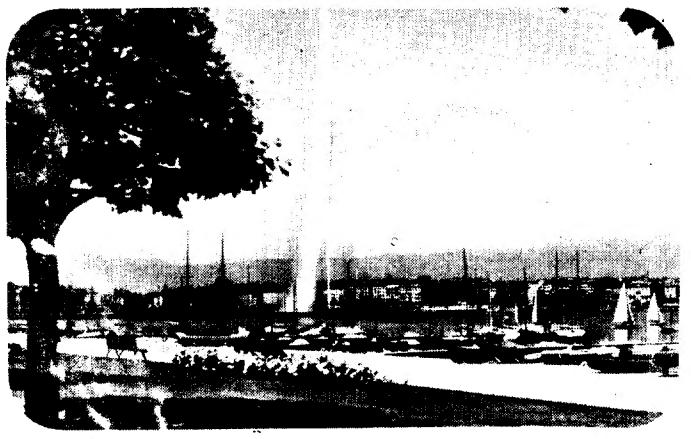
Mas esta união (provisória) entre socialistas e comunistas não é a única a preocupar os eleitores de Genebra. Os partidos tradicionais sofrem do mesmo mal.

Um eleitor que vote pelos cristãos - democratas estará a fazê-lo porque lhe interessam as ideias defendidas por aquele movimento. Contudo, ao cumprir o seu dever de cidadão, ele não se apercebe de que dá também o seu apoio aos partidos radical, agrário e socialista que formam a coligação governamental, arriscando-se a fazer aprovar leis contrárias às suas aspirações de ética religiosa, moral e económica, que os seus representantes deveriam defender.

Enfim, além da Aliança dos Independentes, movimento avesso a qualquer coligação, mesmo parcial, outros casos semelhantes existem no confuso panorama político de Genebra. Até mesmo um eleitor radical poderá ver discutidos pelos socialistas os problemas levantados pelos seus representantes no Conselho Federal. Como se vê, a coisa não é fácil. O panorama não é claro. O eleitor que aprofundar as suas convicções terá com que se preocupar, certamente.

Contudo não cremos que a vélhinha que, frente à Estação Central, abraçava o enorme ramo de flores,ou o homem idoso de calções que, junto ao cais, lia calmamente um livro enquanto caminhava, se preocupassem com os problemas dos radicais ou dos cristãos mais ou menos democratas, nestes dias de Outono que são Primavera nas margens do Léman. Na terceira idade, com os problemas sociais já resolvidos, eles preferem certamente o esvoaçar dos insectos e o colorido das flores.

E eu também, apesar da idade ser outra.



Junto ao Léman, os dias de Genebra são primaveris.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de15 anos)

UM PROBLEMA DE CABECAS

Depois de tratar milhares de cabeças (femininas) Susan Shaw faz agora voltar milhares de cabeças (masculinas). Não se trata de um enigma: é que a loura senhorita de extracção inglesa subiu de cabeleireira a actriz. Telespectadores em crise de programação ao vivo puderam vê-la mais do que uma vez acompanhando o trio humorístico The Goodies e o cómico Dick Emery. Há jornais que não perdem pitada deste noticiário.

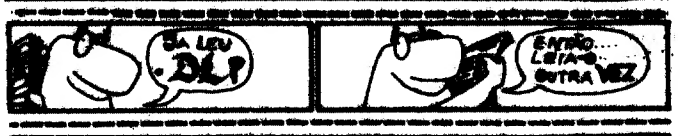
A experiência francesa do Teatro Descentralizado

Chega-nos de França uma notícia que registamos com agrado: entre Outubro de 1970 e Junho de 1971 os chamados teatros de descentralização (ou «teatro para o povo») montaram um total de 260 peças e acolheram cerca de 1.440.000 espectadores. Todos os espectáculos de animação realizados em regime itinerante tiveram (no total) a assistência de cerca de 500 mil espectadores.

Sobre este saldo, extremamente positivo, de cerca de dois milhões de espectadores, a percentagem de operários oscila entre os 3 e os 7 por cento. A classe média, o funcionalismo público e um certo sector das profissões liberais fornecem sem dúvida o mais volumoso contingente.

A fecunda experiência do T.N.P. (Teatro Nacional Popular) prova que a supressão dos subsídios fez decrescer consideràvelmente a frequência dos espectáculos. O inverso foi entretanto confirmado pela franca ascensão da Comédia Francesa, que neste momento se prepara para realizar uma série de espectáculos em Portugal.

Não obstante o seu elevado custo, os bilhetes de variedades ou de salas de ensaio representam seguramente mais de 80 por cento das entradas vendidas.



TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971-1972

HOJE — 16 HORAS

ÚLTIMA AUDIÇÃO DO 1.º CONCERTO

Abertura Sinfónica «O Judeu» (1.ª audição), de António Victorino de Almeida
1.º Concerto para Piano e Orquestra, de Tchaikowsky
4.ª Sinfonia, de Brahms

MAESTRO: Manuel Ivo Cruz
PIANISTA: Fernando Laires

Grupo A — 6 anos

2.º CONCERTO

Abertura, de Marcos Portugal
Concerto para Violino e Orquestra, de Mendelssohn
5.ª Sinfonia, de Shostakovitch

MAESTRO — Manuel Ivo Cruz
VIOLINISTA — Lídia de Carvalho

4 de Novembro de 1971 — 21.45 h. — Grupo B 10 anos
7 de Novembro de 1971 — 16 h. — Grupo A 6 anos

3.º CONCERTO

1.ª Sinfonia, de Brahms
A Biosfera (1.ª audição), de Marius Nobre
O Descobrimento do Brasil (1.ª audição), de Heytor Villa Lobos

MAESTRO — Alceo Bochinno

18 de Novembro de 1971 — 21.45 h. — Grupo B 10 anos
21 de Novembro de 1971 — 16 h. — Grupo A 6 anos

BILHETES À VENDA NO TEATRO

COMPANHIA DO TEATRO MUNICIPAL

«A SALVAÇÃO DO MUNDO», de José Régio

Encenação de COSTA FERREIRA

A ESTREAR NA 2.ª QUINZENA DE NOVEMBRO

Grupo C — 14 anos

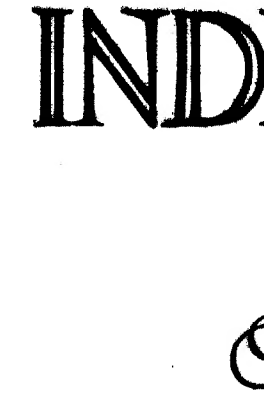
MONTEPIO GERAL • CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA •

POUPAR COM INTELIGÊNCIA, É GANHAR INDEPENDÊNCIA!

O MONTEPIO-GERAL CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA ajuda os portugueses a poupar desde 1844

* VASCO MORGADO APRESENTA *

CAPITÓLIO



QUERIDA MAMA

Peça escrita de JEROME ROUSSIN com CARLOS DUARTE, ALDA PINTO, ANTÓNIO MACHADO, LUÍS ALBERTO, ANTÓNIO RAMA, ANA LE MATTRE, CLÁUDIA MARTINS e OCTÁVIO BORGES

LAURA ALVES

Todas as noites, 21.45 h. Domingos, e feriados 16 e 21.45 h.

11.º MÊS

VILLARET

UM GRANDE BALLET INGLÊS dirigido por ANTÓNIO BARDIS

Todas as noites 2-SESSÕES-2 20.45 e 23 h.

Domingos, feriados à tarde, 16 h
3.ª feira, excepcionalmente, descanso da companhia
GRUPO C (M/ 14 anos)

VARIEDADES

HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE
com a colaboração especial de PAULO RENATO

EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO

de Ray Cooney e John Chapman

A COMÉDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA

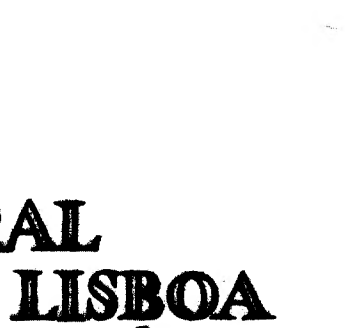
HOJE e AMANHÃ 2 sessões 20.45 e 23
amanhã e 2.ª feira (feriado) MATINÉES ÀS «! H
4.ªs-feiras, descanço da C.ª

8.ª SEMANA

MONUMENTAL

CASINO DA QUINTA
ARMANDO CORTEZ • LAURA E CASTRO
LAURA ALVES • FERNANDA ALVES
MARIA PEDRO

numa peça em que a vedeta é uma vaca



para toda a gente

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.
6.ªs-feiras e sábados 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos, 16 e 21.45 h.
GRUPO D (M/ 18 anos)
2.ªs-feiras, DESCANSO DA C.ª

4.º MÊS
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

Brevemente: QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
Grupo D 18 anos
VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO — 10 % de redução sobre a tabela de preços

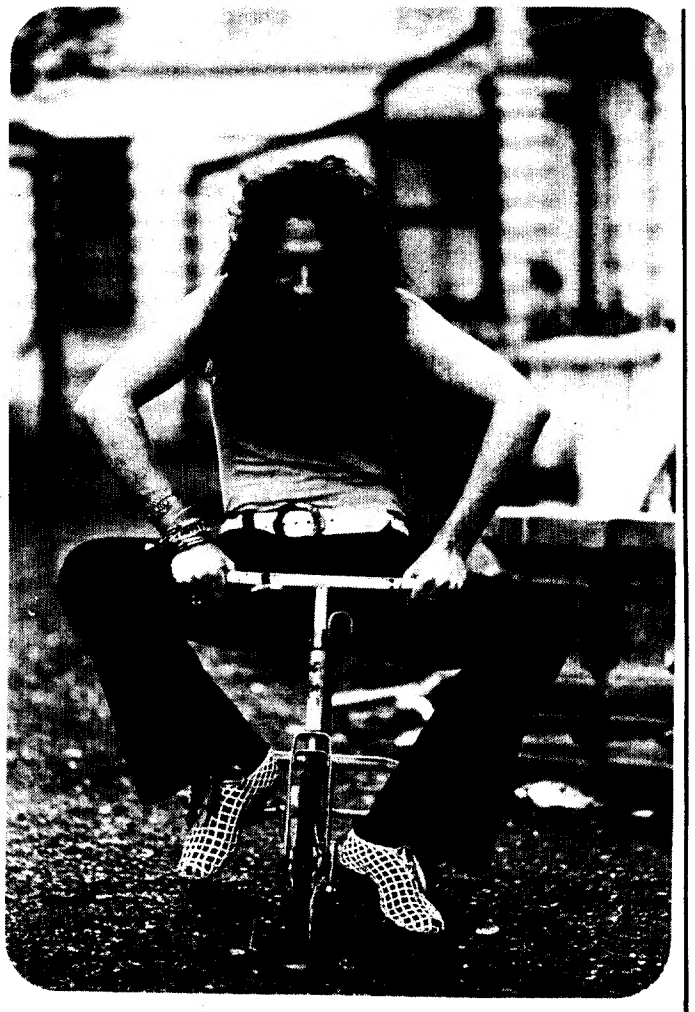
Sábado às 16.30 h.
Domingo às 18.45 h.
«FÉRIAS NA LUA»
— maiores 4 anos —
Esp. subs. Fundo Teatro

ALICE COOPER É NOME DE HOMEM NO "POP"

Alice Cooper é... um homem. E pronto, podia ser apenas uma questão Cooper é, também, o nome de um grupo de de «rock», um «rock» ao mesmo tempo «heavy» (pesado) e imaginativo, bem expresso, aliás, no álbum (o primeiro do grupo) «Killer».

«Killer» apareceu agora em Londres, depois do seu lançamento nos Estados Unidos. O êxito deste L. P. demonstra-se fácilmente pelo facto de haver já uma espécie de movimento «pró-Alice» no meio adolescente (feminino) dos «States». O ar afectado de Cooper, o tom carregado que Alice impõe ao seu próprio rosto, são outros tantos «motivos» que as jovens americanas (certas jovens, está bem de ver) estão a aproveitar.

Quanto ao resto, à música pròpriamente dita, diz quem teve já oportunidade de «a» ouvir que Alice é um músico sério, bem como a música que faz. Vá lá uma pessoa entender estas coisas!



Com este aspecto todo chama-se Alice (Cooper)

DELEGADO DE PROPAGANDA MÉDICA

Admite importante laboratório estrangeiro para trabalhar em Lisboa e província.

EXIGE-SE

- Habilitações — Mínimo 7.º ano do Liceu
- Livre de obrigações militares

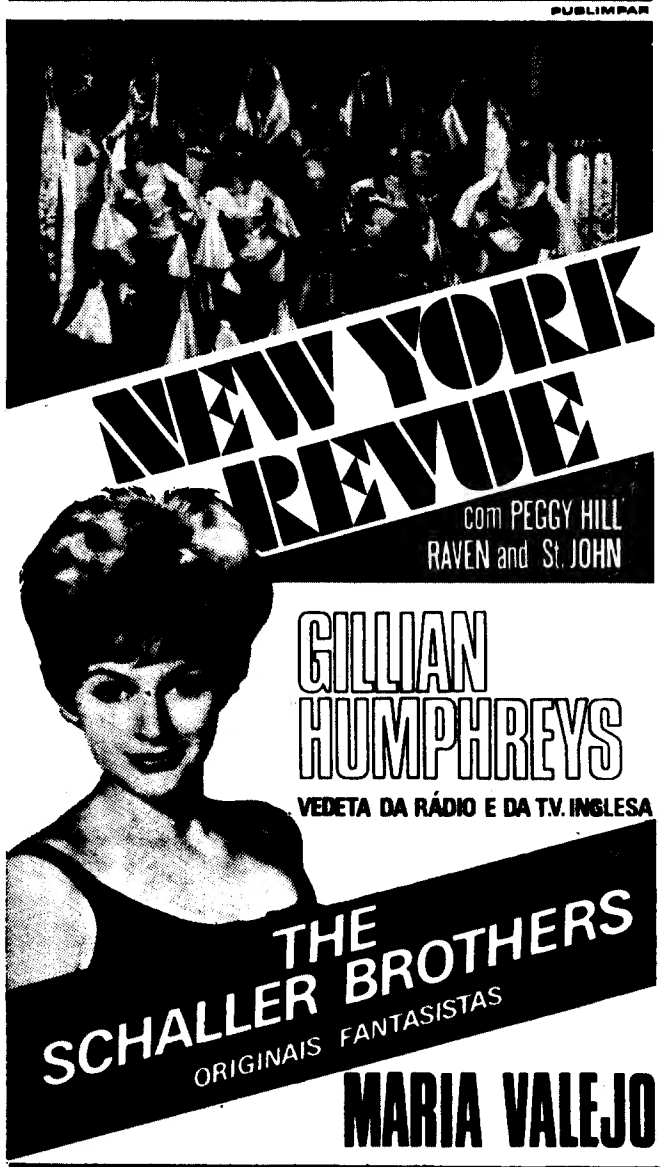
CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

- Frequência universitária
- Experiência profissional
- Possuir automóvel
- Idade até 35 anos

Os n/ delegados têm conhecimento deste anúncio

Resposta a este Jornal ao n.º 923

PUBLIMPAR



Shegundo Galarza e seu Conjunto
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua Orquestra
christine etoile
NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0H.
maiores de 21 anos

COFRE DE PREVIDÊNCIA
DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

AVISO

A fim de evitar, quanto possível, a devolução anual de circulares e relatórios por desactualização das moradas dos respectivos sócios, solicita-se que os mesmos se dignem comunicar à Secretaria do Cofre as suas actuais residências.

Lisboa, 31 de Outubro de 1971

A DIRECÇÃO.

COMÉDIE-FRANÇAISE

espectáculos apresentados pela
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
com o alto patrocínio da
ASSOCIATION FRANÇAISE D'ACTION ARTISTIQUE

5.ª f., 4 de Nov.º / 6.ª f., 5 de Nov.º às 21.30 h

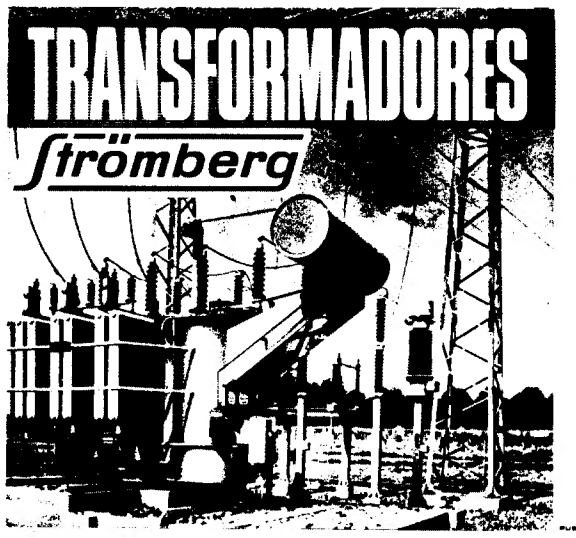
TARTUFFE

de **MOLIÈRE**
GRANDE AUDITÓRIO

Bilhetes à venda na bilheteira das 13 às 20 h., telef. 77 91 36 120$/80$/35$. 50 % de desconto a ESTUDANTES.

(Grupo C — 14 anos)

I SEMANA FINLANDESA



Serviços municipalizados de Loures
1 transformador 10 MVA-60 kv
1 transformador de distribuição

Serviços municipalizados de Vila Nova de Gaia
10 transformadores de distribuição

Luís Bandeira Lda
1 transformador

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
Trv. Fábrica dos Pentes, 8 • Tel. 654332-654165 • LISBOA

PROGRESSO NAS LENTES DE CONTACTO

Notícias sobre o Congresso Internacional de Lentes de Contacto, em Buenos Aires

Regressou recentemente de Buenos Aires o sr. Juan Delgado Espinosa, director em Portugal do Centro Internacional de Investigação e Adaptação de Lentes de Contacto, Pç. Marquês de Pombal, 1-3.º-E (Lisboa), o qual assistiu ao Congresso Internacional de Lentes de Contacto na capital argentina na qualidade de vice-presidente.

O contactologista apresentou um trabalho sobre Ortoqueratologia, um novo sistema de adaptação de lentes de contacto a crianças, tendo êste trabalho obtido assinalado êxito abrindo deste modo novos caminhos e possibilidades a um avanço na contactologia mundial, tendo este trabalho ficado classificado entre os congressistas como um dos mais avançados do mundo.

Neste congresso foram também apresentados trabalhos sobre técnicas e instrumentos contactológicos que permitem actualmente adapatar lentes de contacto de diâmetros diminutos e de finíssima espessura resolvendo assim problemas de adptação que até agora eram difíceis ou impossíveis de adptar.

Na base de diversos temas foi focado o da adaptação de lentes gelatinosas que permitem agora maior tolerância e cujos métodos se têm desenvolvido nos últimos anos.

O C. I. I. A. L. C. crê-se insinuante na medida em que está apetrechado com a aparelhagem e instrumentos técnicos mais avançados continuando o seu importante trabalho de investigação em colaboração com os médicos oftalmologistas e contribuindo desta forma para a saúde dos, que padecem de defeitos visuais..

COLISEU

HOJE, às 21.30
(Grupo A — 6 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE

CIRCO

Com as maiores atracções:

Cães futebolistas; olímpicos; a Sansona do século XX, a mulher mais forte do mundo; aramistas aéreos; os saltadores do deserto, etc., etc.

AMANHÃ, **Tarde às 16 horas com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos.**

A NOITE, às 21.30 (Grupo B — 10 anos).

SE VIAJA...

POR PRAZER...
EM NEGÓCIOS...

VIAGENS IT

AVIAO, HOTÉIS, VISITA DA CIDADE

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

Rua Duque de Palmela, 35
Telefones: 4 26 40 — 4 93 54
LISBOA

TONICHA VAI A BARCELONA GRAVAR DOIS DISCOS COM AUGUSTO ALGUERÓ

— Vou a Barcelona gravar dois discos com Augusto Algueró e tenho um convite para me deslocar à Africa do Sul e fazer três espectáculos e outro para a América do Norte. Depois de andar a jogar as escondidas com incómodos de saúde, conto retomar a minha actividade normal, especialmente no estrangeiro. Vou ainda a Torremolinos participar num espectáculo que é uma réplica semelhante ao Estoril-70 e que será transmitido em directo pelas televisões espanholas e portuguesas.

Nestes dois discos que gravarei com Algueró para a Belter, constam números de Ary dos Santos, Nuno Nazareth Fernandes, Fernando Guerra e do próprio Algueró, todos cantados em espanhol.

Disse-nos Tonicha, sexta-feira na Tipoia, onde compareceu e colaborou nos habituais recitais que naquela casa de fados vem fazendo o poeta José Carlosss Ary dos Santos. Entre duas bebidas e uma multidão entusiástica e incomum, prosseguiu a «Menina», à nossa pergunta: «Acha que o convívio com o Ary é útil para a sua carreira e reportório futuros?»

— Sem dúvida. Depois de «Menina», Ary já escreveu mais para eu cantar. Até ele surgir, limitava-me a cantar aquilo que me davam ou era possível arranjar, na generalidade coisas banais e sem mérito, quer musical, quer literário e eu não tinha outro remédio senão cantar essas coisas. Com Ary dos Santos e a partir dele, tudo se modificou e estou decidida á cantar doravante canções de qualidade.

«E quanto à sua experiência, digamos assim, musical que teve antes com José Cid?»

— Claro. Foi efectivamente com o José Cid que eu comecei a ter oportunidades a sério e fizemos um disco muito curioso, aquilo a que eu chamo uma verdadeira tentativa de estilo. E claro que é muito difícil estas coisas boas surgirem, pela escassez de gente que trabalhe em profundidade. Mas agora tudo melhorou e apareceram nomes como o Nuno Nazareth, o Ary, o Fernando Guerra, o José Letria, o Fernando Tordo, que muito têm contribuído pela elevação de nível das músicas e das letras das canções. Aliás, gravei três discos com o José Cid que tiveram um êxito de exercício de estilo mas foram injustamente um fracasso de venda.

Quanto ao Festival do Rio, Tonicha preferiu não se pronunciar mais e desabafar com mágoa que festivais são um negócio e um negócio de tal monta que canções portuguesas e representantes portugueses muito a custo terão acesso a prémios. Um tema que Tonicha considera perigoso e ocioso aprofundar.

«Abstraindo o sucesso, qual a canção, Tonicha, que autênticamente lhe deu mais prazer cantar até hoje?»

— A canção que até hoje mais gostei de cantar, é uma canção que ainda não está gravada em disco e que se chama «Poema Pena».

«Quais os autores?»

— O José Carlos Ary e o Nuno Nazareth.

Tonicha concluiu segredando-nos que lê todas as entrevistas que lhe fazem e que, ao contrário do que todos dizem ou fingem, todos gostam de ler as entrevistas que lhes fazem e àvidamente devoram o que se diz e imprime a seu respeito.

Praticamos uma filosofia realista

É com realismo e sentido de responsabilidade que representamos o expoente máximo na comunicação gráfica.

É com realismo e boa vontade que os nossos técnicos de análise estudam, gratuitamente, uma maior racionalização para os serviços da sua empresa.

É com realismo e sentido prático que, ao colocarmos uma máquina Rank Xerox*, procedemos gratuitamente ao treino do operador que com ela vai trabalhar.

É com realismo e bom senso que mantemos gratuitamente um serviço constante de assistência técnica.

É com realismo e êxito que praticamos a nossa filosofia - a eficiência.

* RANK XEROX e XEROX são marcas registadas da Rank Xerox Limited.

RANK XEROX

Para todos os gostos e feitios novos discos no mercado

A jovem **Nazar Ferrer** é vencedora da última edição da «Grande Noite do Fado», gravou já o disco que constituia um dos prémios assegurados pela Casa da Imprensa. Fê-lo para a etiqueta «Estúdio» e foi (tal como na noite da sua vitória) acompanhada pelos guitarristas José Maria Nóbrega e António Chaínho. Trechos constantes desse 45 rpm: «Eu canto versos de amor», «Minha vida de amargura», «Um fado para Lisboa» e «Asa de gaivota escura».

Gina Maria no seu estilo pelicular: quatro trechos populares num disco para a «Alvorada». Composições gravadas: «Tu namoras outra», «Marcelada», «Muchacha galega» e «Senhora da Granja». Arranjos de Arlindo Carvalho.

O acordeonista José António gravou quatro números da autoria de Vitorino Matono: «Nos socalcos do Douro», Saias rodando», «Charém algarvio» e «Para lá dos Carvalhos». Disco «Alvorada».

Há quem goste: e a **Banda da Sociedade União Seixalense** gravou as composições «Regresso de um fuzileiro», «Rio Sousa». Luís de Camões» e «Rio Lima». Acetato para a «Melodia».

Os solistas Maria Manuela e José João açambarcam o destaque num disco de 45 gravado pelo **Rancho Folclórico da Casa do Povo de Maiorca,** em que o ensaiador Rual Simões Pereira dirige os trechos «Fala-me oh Rosa», «Oh tocador da viola». «Aí oh aí» e «A saltadeira».

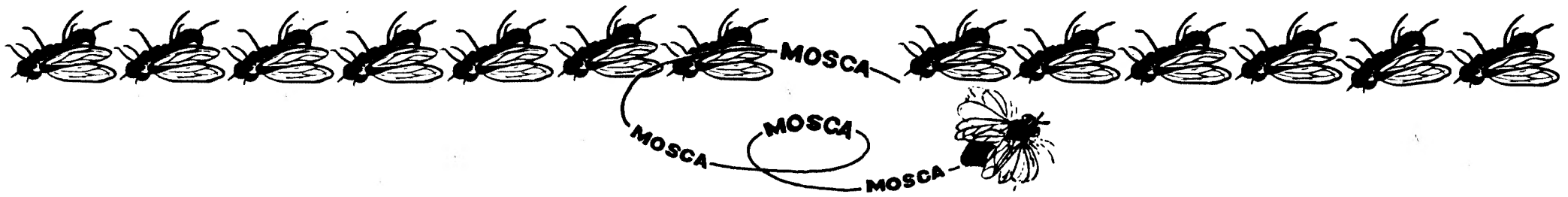
Ainda dentro do sector nitidamente popular, mais uma gravação: o **Conjunto Típico Irmãos Dias** apresenta-se em «A receita do Ti Zé», «Carteiro sem pasta», «A moto do Mota» e «Teu eternamente».

Para a «Copacabana» a cançonetista brasileira **Martinha** gravou «Aqui» e «Eu daria a minha vida».

O conjunto **«Studd Pump»** exibe-se num «E. P.» para a «Alvorada», interpretando as composições «Spare the children» e «Floating».

António Calvário na linha do seu costumado reportório: «Chorona», «A primeira pedra», «Canção da juventude» e «Digam o que digam». A base deste 45 para a «Alvorada» são canções de Raphael, como se nota.

O Conjunto Típico Rio gravou quatro trechos: «Esquece o passado», «Partida», «Emigrante português» e «Casinha da aldeia».



A DROGA

A droga está na moda. Abre-se uma revista, um jornal, uma publicação qualquer e depara-se, inevitàvelmente, com uma ou mais fotografias de indivíduos já drogados ou em vias de se drogarem. Relacionados com a droga, mil e um artigos científicos ou pseudo científicos em que se afirma que o haxixe é menos perigoso para a saúde do que o cigarrito ou em que se divulga a abalizada opinião dum professor desconhecido da Califórnia acerca das vantagens do uso da cocaina nas escolas primárias. Preocupam-se os governantes e os governados com este magno problema que está, efectivamente, a tomar proporções alarmantes não apenas nos Estados Unidos mas em todo o mundo, e ainda que não fosse senão por isso A MOSCA não podia deixar de se interessar pela droga. Como é do conhecimento geral, as moscas têm as suas drogas próprias e intransmissíveis e apenas são vítimas das drogas humanas quando picam inadvertidamente a careca dum drogado ou tentam saciar a fome extraindo uma gotinha de sangue da perna duma senhora que está ingerindo drogas para emagrecer. Podia, assim, A MOSCA dedicar-se ao estudo das suas próprias drogas e deixar as humanas aos humanos, mas a verdade é que esta mosca é destinada a bípedes destituídos de asas e, possívelmente mais interessados nas drogas consumidas pelos seus semelhantes do que nas drogas consumidas pelas moscas pròpriamente ditas.

Reunidas as moscas desta MOSCA para deliberarem acerca do assunto, resolveu o chefe da redacção que este número fosse dedicado a drogas ainda não tratadas pelos grandes cientistas americanos e deu conhecimento da sua decisão aos seus subordinados, que foram para casa incumbidos de planificar uma mosca dedicada a drogas pouco conhecidas. Diga-se, de passagem, que eles sofreram toda a noite e que alguns não conseguiram, sequer, atinar com uma droga que não tivesse já sido usada em São Francisco ou que não estivesse à venda em Estocolmo.

Felizmente um deles resolveu falar de «drogas colectivas», alegando que as mesmas eram tão mortíferas como as drogas atraído a atenção das revistas de divulo endenderam à primeira.

Perante esta afirmação, a redacção ficou perplexa por ninguém ainda ter ouvido falar neste tipo de droga e o redactor a que nos vimos referindo foi convidado a esclarecer as suas palavras.

Diga-se, em abono da verdade, que o fez em termos tão claros que todos o entenderam à primeira:

Para que ninguém tenha dúvidas acerca do que é uma «droga colectiva», reproduzimos tão fielmente quanto possível a explicação deste redactor.

«Distingue-se a droga individual da droga colectiva porque a primeira é destinada a indivíduos isolados enquanto que a segunda se destina a ser consumida por colectividades. A primeira, por outras palavras, põe indivíduos isolados a sonhar enquanto que a segunda tem o mesmo efeito sobre colectividades inteiras. Há ainda outras diferenças que é necessário ter em consideração para se caracterizar a droga colectiva com o rigor e a precisão que se impõe. A droga individual é tomada por indivíduos conscientes, isto é, por indivíduos sabem estar a tomar uma droga ao en estes indivíduos, por outras palavras, per bem que estão a tomar uma droga, estão drogados. A que se destina a drog Já acima o dissemos: a «droga colectiva permite que certas colectividades tomem o sonho pela realidade e o falso pelo verdadeiro. Tal como certas crianças têm necessidade de cantar à noite para afastar os papões, certas colectividades têm necessidade de inventar mitos e fantasia para o mesmo efeito... A principal droga colectiva portuguesa é o turista.

Perante esta explicação, a redacção da MOSCA resolveu enviar os seus repórteres para a rua e incumbir uma comissão de estudar o problema da droga turística com a maior brevidade possível.

Este número da MOSCA é, por tudo isto, inteiramente dedicado à «droga turística».

OIÇAM AS ENTREVISTAS DA LOCUTORA MARIA LEONOR

A vida de Carlos Azeredo Antunes conta-se em três palavras: nasceu em Lisboa, na freguesia de Arrroios, cursou na Sorbonne e foi nomeado, muito recentemente, professor extraordinário da Universidade de Marselha onde passará a reger uma cadeira de sociologia. Apanhado em Lisboa pelos nossos repórteres, recusou-se a ser entrevistado e só cedeu quando lhe garantimos formalmente que não lhe perguntariamos «se gosta de Portugal».

— Que diria o meu amigo se, ao chegar a França, fosse assaltado por uma senhora ansiosa por saber as suas opinões sobre o clima francês? Que diria o meu amigo se, ao aterrar no campo de aviação de Heathrow, no cumprimento dum contracto profissional, lhe caisse em cima uma volumosa senhora repleta de sorrisos e de boas vontades, que lhe perguntasse: «Is this tle first time you come to Great Britain? Do you like it?» Bem sei que numa senhora não se bate nem com uma rosa, mas também sei que toda a regra tem excepção... O senhor nunca pensou no ridículo de tudo isto? Nunca pensou no que eles ficam a pensar de nós, da nossa ansiedade de sermos admirados, da nossa parvoíce, do nosso provincianismo?

«Dissemos que sim, que já tinhamos pensado nisso e que até já ouviramos estrangeiros comentando estas entrevistas à gargalhada. C. A. Antunes continuou:

— Pois aqui tem você uma manifestação da tal droga colectiva de que estava a falar. Ao obrigar o desgraçado do visitante a dizer uma babuseira que ele tem mesmo de dizer — está a ver alguém responder «é a primeira e a última vez que cá vim porque detestei cá estar?» — esta senhora revela a necessidade premente que a colectividade portuguesa tem de se sentir amada, querida, acariciada, invejada e mais palavras terminadas em ada. Dir-se-ia que a colectividade portuguesa se sente insegura e tem de recorrer a estas infantilidades para se convencer de que existe. O turista, por outras palavras, é usado como uma droga ou, melhor ainda, como um tranquilizante. O português, para se sentir seguro de si, usa o desgraçado do visitante sem perceber que este apenas cá veio porque lhe venderam um «pacote» com viagens, sol, mar e estadia num hotel, por um preço que lhe era acessível, mas que se está nas tintas para tudo o resto. Conheço uma senhora que todos os dias tem uma angustiasita por volta das seis e meia da tarde, e para dominar, tira da gaveta da mesinha de cabeceira um tubo de pastilhas tranquilizadoras e toma duas. A nossa colectividade funciona da mesma forma — para se tranquilizar, recorre aos préstimos das Marias Leonores e pergunta aos estrangeiros, por intermédio delas, se eles gostam de Portugal e dos portugueses.

Trata-se dum vício curiosíssimo que merece a atenção dos médicos. Que diria você se eu agora lhe perguntasse se você gosta de mim?

Apressamo-nos a afirmar que simpatizávamos muito com ele e que tinhamos por ele a mais viva admiração. Cortou-nos a palavra com secura:

— Estou a ver que o país anda todo viciado e que já não há nada a fazer para o curar. Só quando nos estivermos tanto nas tintas para os estrangeiros como eles tão para nós, é que nos poderemos considerar adultos. Pessoalmente, não lhe escondo que sempre que oiço uma

Maria Leonor qualquer a chatiar um desgraçado que teve de cá vir para ganhar vida com pergunta destas, apetece-me torcer-lhe o pescoço. O diabo da senhora não tem o direito de nos fazer passar por provincianos de quarta ordem só porque não sabe o que lhes há-de dizer. Sou de opinião que ela faria muito melhor em estar calada...

Devo dizer, aliás, a droga turista está muito espalhada entre nós. Vá o meu amigo a um destes restaurantes tidos por castiços e veja como os turistas são tratados. Dir-se-ia que D. Afonso Henriques criou o país para o transformar numa espécie de Disneyland europeia. Levaram-me há dias a um desses locais e verifiquei que só lá estavam dois portugueses e mesmo esses visívelmente ocupados em jantares de negócios com estrangeiros. Pois fique sabendo que o proprietário da casa andou de mesa em mesa a chatiar os desgraçados com perguntas:

— You like Portugal?
— You like the fado?
— Food here very good, yes, very good, very good bife...

Ficamos por aqui. A posição de C. A. Antunes é clara e não deixa dúvidas acerca da droga que vimos tratando.

O ZÉ POVINHO ENTREVISTA UM TURISTA

(ou, "como esta coisa se passa")

Zé-Povinho - Então você gosta de Portugal?
Turista - Oui, Oui, País bonito, trés grand.
Zé-Povinho - Um clima destes não têm vocês lá nas Franças hã?
Turistá - Non. non...
Zé-Povinho - E da nossa comida, gostam?
Turista - Oui, Oui...
Zé-Povinho - Vocês lá passam fome, anh?
Turista - Oui, oui...
Zé-Povinho - Lá nesses Parises não há avenidas como as nossas...
Turistas - Non, non...
Zé-Povinho - E não há por lá castelos como o nosso de S. Jorge, hã?
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - E as nossas queijadas de Sintra - vocês lá não as sabem fazer como nós as fazemos, pois não?
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - E não há por lá um fadinho como o nosso, pois não?
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - E Amálias, vocês têm Amálias?
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - Amália e Eusébios - onde é que vocês têm Eusébios como o nosso?
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - E a nossa ponte sobre o Tejo?
Turista - Le pont? Ah, le pont...
Zé-Povinho - E aposto que lá os vossos franceses não são abertos cá como os portugueses que têm sempre pão e vinho sobre a mesa...
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - E televisão? Vocês já têm televisão?
Turista - Non, non...

Zé-Povinho - E feijoada - há por lá uma feijoada como a nossa?
Turista - Non, non...
Zé-Povinho - Vocês até fugiram de Argel...
Turista - Oui, oui...
Zé-Povinho - Por isso é que vocês vêm até cá, não é?
Turista - Oui, oui...
Zé-Povinho - Então volte, homem, que a gente cá é hospitaleira e gosta de os ajudar...

NESSA NOITE, EM CASA DO ZÉ-POVINHO

Zé-Povinho (Para a mulher) - Falei hoje com um francês... Sabes lá o que ele me disse... Parece que aquilo por lá anda muito mal - nem feijão têm para a feijoada! Não me espanta que venham para cá... Disse-me ele que não há país como o nosso, que isto aqui é tudo maravilhoso...

NESSA NOITE, NO HOTEL.
(traduzido para facilitar a leitura).

A mulher do turista para o turista - Porque diabo é que tu mentiste ao homenzinho?

O turista para a mulher - Estou no estrangeiro e não quero sarilhos. Além disso quero cá saber do que ele pensa ou deixa de pensar. O que eu não quero é problemas

CONGRESSOS CONGRESSISTAS E CONGRESSIVOS

Do recente livro «O combate ao infantalismo e à imaturidade nos nossos hospitais» do Dr. Aureleano Costa, extraímos algumas passagens que reputamos extremamente importantes para o estudo das «drogas colectivas portuguesas».

«Por motivos não relacionados com a metedologia científica, foram-nos vedadas durante muitos anos todas as tentativas de isolamento do vírus congressista também conhecido por vírus mania e congressus. Trata-se, como é do conhecimento geral, dum vírus que ataca de preferência os países subdesenvolvidos dos quais alguns chegam mesmo a orgulhar-se de lhe darem alento. O nosso caso integra-se perfeitamente no número dos que acabamos de referir. Basta que três ou quatro indivíduos não tenham nada que fazer e tenham o desejo de passar uns dias fora de casa, de preferência num país estrangeiro, para que eles sejam atacados deste vírus isto é, para que eles sintam um desejo irresistível de participar num congresso. Ao que parece, nunca dum congresso se tirou qualquer utilidade que não revertesse em favor dos proprietários dos restaurantes e dos fabricantes de bicarbonato de sódio, mas o certo é que a doença tende a espalhar-se, sobretudo ao longo da costa atlântica da Europa e da chamada East Coast norte-americana. Há todavia que distinguir dois vírus congressistas: o vírus activus e o vírus passivus.

O primeiro dos vírus mencionado é fácil de diagnosticar: o doente ins-congresso «internacional» do Congresso, compra uns pares de meias e um fato leve, comunica aos amigos que «foi escolhido» para participar num congresso «internacional e compra um bilhete de avião com destino ao país atacado do vírus passivus. O vírus passivus é um vírus colectivo porque ataca, sobretudo, países. Tem este vírus todavia, características curiosas que nos levam a afirmar situar-se ele no campo da psicoterapia. É, efectivamente, o psicanalista e não o médico de clínica geral quem deve ocupar-se do vírus passivus congressista. Porquê? Porque o país que recebe os congressos sabe perfeitamente que foi escolhido por motivos que nada têm a ver com o nível qualitativo dos seus técnicos ou com o seu prestígio no mundo e apesar disso, insiste em dar a conhecer aos seus indígenas que a escolha foi uma grande honra... Em lugar de pugnar para aumentar o nível técnico dos seus indígenas, um país nestas condições fica muito satisfeito por se transformar numa espécie de pensão para os técnicos dos outros países e gaba-se dessa sua situação de pensão, sem entender que ao fazê-lo está a revelar-se gravemente doente. Haverá alguma coisa mais ridícula são, principalmente quando a escolha foi feita por ele ter oferecido quartos mais baratos ou maiores subsídios?

Deve acrescentar-se que, normalmente, o carácter honorífico que estes países atribuem a esta pseudo-escolha tem uma razão de ser: destina-se a satisfazer certas necessidades dos seus habitantes. Os seus habitantes, por outras palavras, têm pouca confiança em si próprios e, ao ouvir dizer que foram «escolhidos» para hospedarem congressistas estrangeiros, não compreendendo a mecânica destas coisas, tomam a escolha por uma grande honra e ficam todos satisfeitos. Com papas e bolos se enganam os tolos, diziam os nossos maiores e nós podemos acrescentar que, no nosso tempo, as papas e os bolos são os turistas e os congressos.

No vosso conceituadíssimo jornal não pensam como eu?

D. URRACA ENFIAVA O NARIZ NO MANGERICO

O Professor doutor Rocha Temudo, catedrático eminente e duas vezes candidato ao Prémio Nobel de Vila Franca de Xira, não carece de ser apresentado aos nossos leitores. Celebrizado pelas suas opiniões científicas e pelo seu carácter ousado, ocupa na vida portuguesa um lugar de grande destaque, e dado que é um dos maiores especialistas portugueses de drogas, não podiamos deixar de o entrevistar.

Recebeu-nos o eminente professor num gabinete de trabalho austero e funcional e mal ouviu a nossa pergunta, atacou a questão de frente:

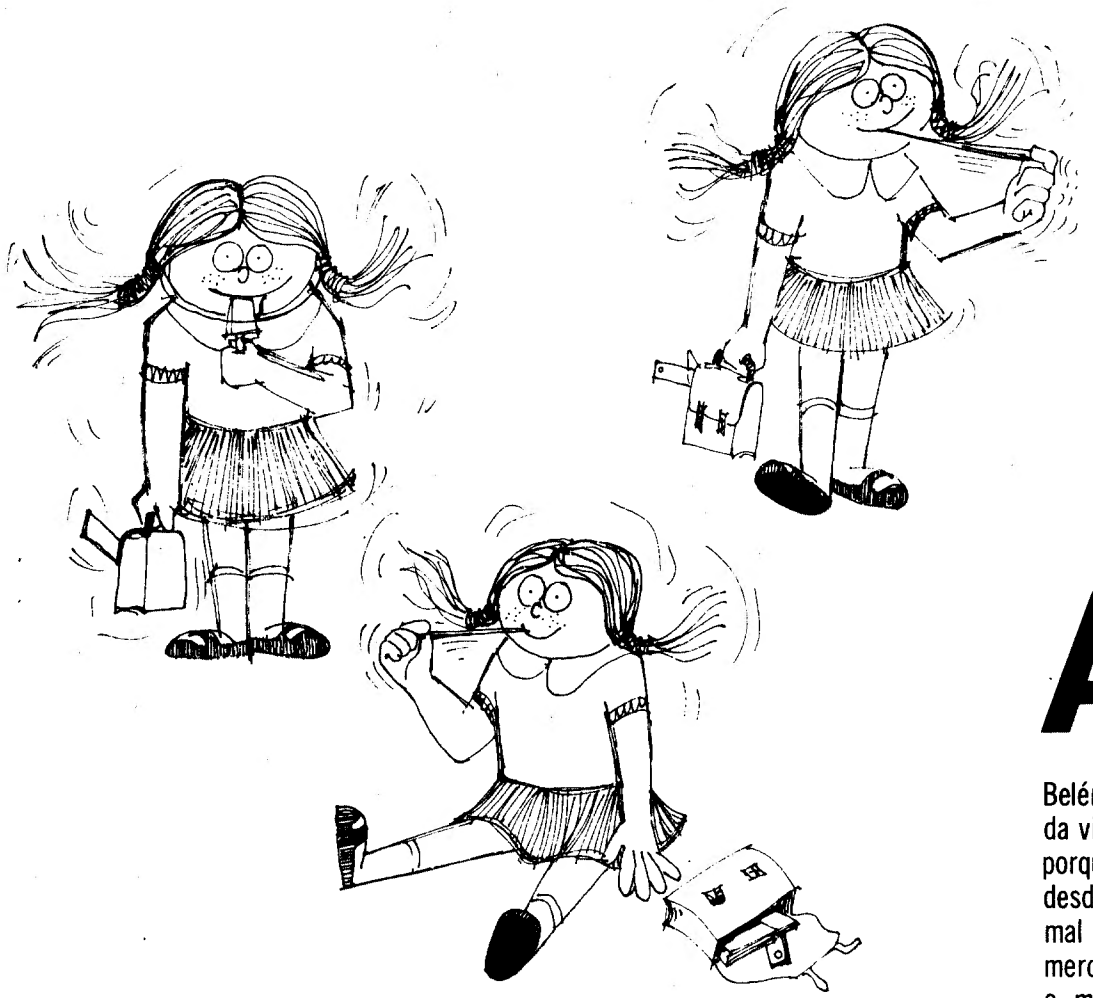
— O problema da droga é em Portugal muito antigo. O simples facto de termos estudado o assunto antes dos outros — recordo o nosso «Tratado de las Drogas» — deu-nos um grande avanço sobre os Estados Unidos e a Inglaterra nesta matéria. Foi a juventude portuguesa que levou Garcia da Horta a interessar-se por «las drogas» no século XVI, anos antes de terem aparecido, na Califórnia «hippies»... Julgo que os nossos «caveaux» quinhentistas estavam repletos de «los drogados» e que o problema já então merecia a atenção dos nossos esbirros. Pessoalmente, posso afirmar que estamos a par da melhor técnica estrangeira neste campo. Ainda há bem pouco tempo tive ocasião de dissertar sobre o hábito lusitaníssimo de cheirar o mangerico em certas épocas do ano. O mangerico é o nosso «haxixe», tal como o carapau é o nosso caviar. Estou em crer que já os mouros cheiravam o mangerico — note bem que disse «cheiravam o mangerico» e não que «cheiravam a mangerico»... — como estou em crer que fumar barbas de milho é um vício tipicamente português que nada deve aos estrangeirados. Ao contrário do que muitos poderiam pensar, quem introduziu a barba de milho no país não foi Garrett ou qualquer dos estrangeirados do nosso oitocentismo liberal. Não, meus amigos, não: fumava-se barba de milho em Portugal no tempo do castiço Viriato e é perfeitamente possível que D. Urraca enfiasse de vez em quando, secretamente o nariz no mangerico. Infelizmente, a juventude de hoje anda afastada da nossa realidade histórica sente-se dia a dia mais atraída por certos hábitos estrangeiros que não hesito em classificar de perniciosos para o clima português. No vosso conceituadíssimo jornal não pensam como eu?

Respondemos que não tinhamos ainda chegado a conclusões seguras sobre o assunto mas que estávamos interessados em saber o que o distintíssimo catedrático pensava das «drogas colectivas».

Pareceu-nos perturbado ao ouvir a expressão «drogas colectivas» e o certo é que só nos respondeu passados uns instantes.

— A droga colectiva não existe — é um mito inventado para perturbar a ordem natural da vida portuguesa. Como sabe, somos um país feliz e invejado por todos os outros. As nossas instituições são louvadas em todo o mundo. É o que lhe digo: de Nova York a Pequim, não há quem não se refira ao nosso clima e às nossas instituições em termos extremamente lisongeiros para nós. Aliás, basta ver a quantidade de estrangeiros que nos visitam anualmente, para nos apercebermos de que isto é mesmo assim. Somos visitados anualmente por milhões de ingleses e de franceses interessados em aprender a nossa maneira de viver e em copiar as nossas instituições. Mais tarde ou mais cedo, o mangerico chega a Londres e antevejo, para um futuro muito próximo, uma juventude soviética interessada em fumar barba de milho. Pode estar certo de que isto é mesmo assim...

Não quisemos ocupar mais tempo ao celebrado catedrático que está, presentemente ocupado a terminar uma interessantíssima comunicação à Academia sobre os parentes mais afastados do Conde D. Henrique que afirma terem sido altos, espadaúdos e possuidores de dentes cariados.

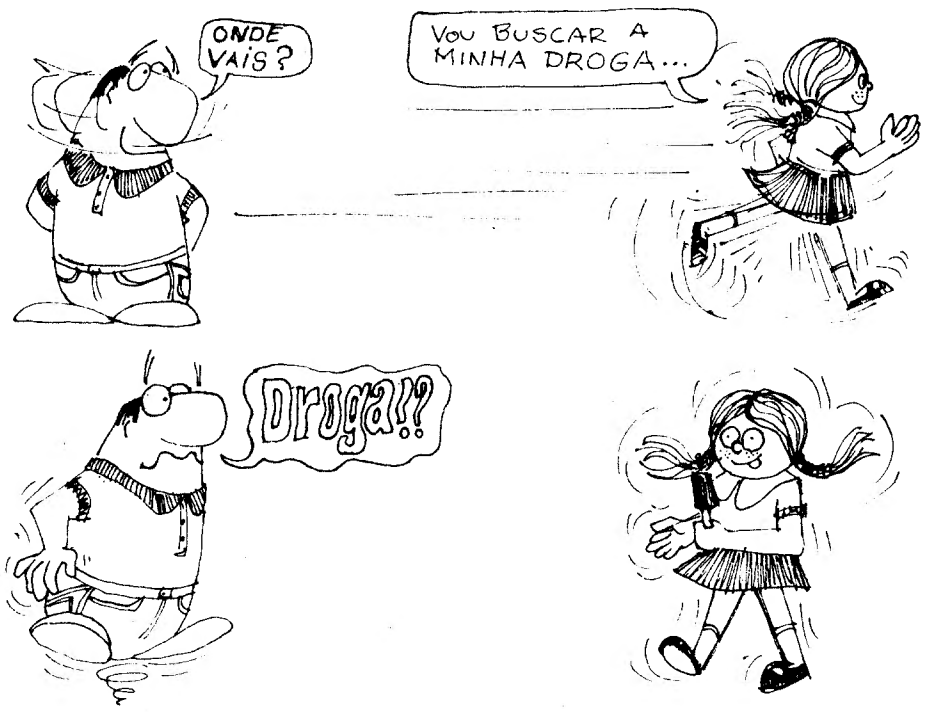


AS DROGAS

Ena pai o que se passa na minha escola com as drogas aquilo é umas a tomarem gelados outras a mastigarem pastilhas elásticas outras a lerem o Tio Patinhas outras a comerem amendoim torrado enfim não há ninguém que não tome uma droga qualquer para esquecer a vida que é chata como o burro sim porque nunca vi coisa mais chata que a vida levanta-se uma pessoa veste-se uma pessoa lava uma pessoa a cara mete-se uma pessoa no eléctrico para ir para a escola paga uma pessoa o bilhete com dinheirinho que podia ser gasto em pastéis de Belém chega uma pessoa à escola entra uma pessoa na aula dá uma pessoa logo de manhã de caras com a cara de uma professora qualquer que vem toda azeda por não ter casado com um Onassis para poder ficar na cama até ao meio-dia e por ter de aturar meninas senta-se uma pessoa à secretária rapa uma pessoa do lápis mete uma pessoa o lápis na boca e ouve logo uma descasca por estar com o lápis na boca distrai-se uma pessoa a olhar pela janela para ver se a senhora que mora ao lado da escola já pendurou as cuecas do marido no fio de secar a roupa sim porque o marido dela ora usa cuecas ou ceroulas e a gente sempre pode fazer apostasitas estica uma pessoa o pescoço para ver melhor leva uma pessoa uma descasca por estar a espreitar pela janela começa uma pessoa um joguito de batalha naval com a colega da frente para passar o tempo mete-lhe uma pessoa um submarinito no fundo e anda à procura de um barquito pequenito de dois canos que está com toda a certeza no canto esquerdo porque ela é burra como uma porta e põe sempre os barcos nos sítios mais estúpidos e diz-lhe «A I» e como ela não houve a gente inclina-se toda para a frente para lhe pôr a boca ao ouvido e dar uma espreitadela para o quadrado a ver se o barquito está mesmo no canto esquerdo e vê que está mesmo e grita-lhe com toda a força para ver se ela ouve «A I» e quem ouve é a professora que fica toda tramada por dentro porque perguntou à aula quantos habitantes tem Lisboa e vai julga que uma pessoa lhe estava a responder «Há um» quando uma pessoa estava mas era a dizer «A I» para afundar um barquito de dois canos que a da frente tinha escondido à esquerda do quadrado e vai a professora obriga uma pessoa a levantar-se para ouvir um discurso por ter faltado ao respeito à professora e quando uma pessoa julga que se safou e que ninguém mais a vai chatear a professora obriga-a a escrever no quadro em letras grandes «ESTOU ARREPENDIDA DE TER FALTADO AO RESPEITO À SENHORA PROFESSORA» escreve uma pessoa esta mentira no quadro vai uma pessoa para o seu lugar acaba a aula vai uma pessoa até ao recreio ver se consegue abafar a marmelada que a colega do lado tem dentro do pão de merenda mas como a vida é azarenta é uma pessoa apanhada com a boca na botija e não tem outro remédio senão comer o seu próprio pão tem margarina e vais com sorte que a vida está cara de mais e além disso não há manteiga no mercado está uma pessoa a meio do pão toca a campainha e lá vai uma pessoa para outra aula ainda mais chata do que a primeira aprender a fazer equações e outras coisas muito úteis para quem vai acabar num escritório a levar descascas do patrão por ter chegado tarde acaba a escola e vai uma pessoa mete-se no eléctrico para voltar a casa paga uma pessoa outro bilhete com dinheirinho que podia ser gasto em pastéis de Belém chega uma pessoa à escola entra uma pessoa na aula dá uma pessoa logo de manhã de caras com a cara de uma professora qualquer que vem toda azeda por não ter casado com um Onassis para poder ficar na cama até ao meio-dia e por ter de aturar meninas senta-se uma pessoa à secretária rapa uma pessoa do lápis mete uma pessoa o lápis na boca e ouve logo uma descasca por estar com o lápis na boca distrai-se uma pessoa a olhar pela janela para ver se a senhora que mora ao lado da escola já pendurou as cuecas do marido no fio de secar a roupa sim porque o marido dela ora usa cuecas ou ceroulas e a gente sempre pode fazer apostasitas estica uma pessoa o pescoço para ver melhor leva uma pessoa uma descasca por estar a espreitar pela janela começa uma pessoa um joguito de batalha naval com a colega da frente para passar o tempo mete-lhe uma pessoa um submarinito no fundo e anda à procura de um barquito pequenito de dois canos que está com toda a certeza no canto esquerdo porque ela é burra como uma porta e põe sempre os barcos nos sítios mais estúpidos e diz-lhe «A I» e como ela não houve a gente inclina-se toda para a frente para lhe pôr a boca ao ouvido e dar uma espreitadela para o quadrado a ver se o barquito está mesmo no canto esquerdo e vê que está mesmo e grita-lhe com toda a força para ver se ela ouve «A I» e quem ouve é a professora que fica toda tramada por dentro porque perguntou à aula quantos habitantes tem Lisboa e vai julga que uma pessoa lhe estava a responder «Há um» quando uma pessoa estava mas era a dizer «A I» para afundar um barquito de dois canos que a da frente tinha escondido à esquerda do quadrado e vai a professora obriga uma pessoa a levantar-se para ouvir um discurso por ter faltado ao respeito à professora e quando uma pessoa julga que se safou e que ninguém mais a vai chatear a professora obriga-a a escrever no quadro em letras grandes «ESTOU ARREPENDIDA DE TER FALTADO AO RESPEITO À SENHORA PROFESSORA» escreve uma pessoa esta mentira no quadro vai uma pessoa para o seu lugar acaba a aula vai uma pessoa até ao recreio ver se consegue abafar a marmelada que a colega do lado tem dentro do pão de merenda mas como a vida é azarenta é uma pessoa apanhada com a boca na botija e não tem outro remédio senão comer o seu próprio pão tem margarina e vais com sorte que a vida está cara de mais e além disso não há manteiga no mercado está uma pessoa a meio do pão toca a campainha e lá vai uma pessoa para outra aula ainda mais chata do que a primeira aprender a fazer equações e outras coisas muito úteis para quem vai acabar num escritório a levar descascas do patrão por ter chegado tarde acaba a escola e vai uma pessoa mete-se no eléctrico para voltar a casa paga uma pessoa outro bilhete com dinheirinho que podia ser gasto em pastéis de Belém chega uma pessoa à escola entra uma pessoa na aula dá uma pessoa logo de manhã de caras com a cara de uma professora qualquer que vem toda azeda por não ter casado com um Onassis para poder ficar na cama até ao meio-dia e por ter de aturar meninas senta-se uma pessoa à secretária rapa uma pessoa do lápis mete uma pessoa o lápis na boca e ouve logo uma descasca por estar com o lápis na boca distrai-se uma pessoa a olhar pela janela para ver se a senhora que mora ao lado da escola já pendurou as cuecas do marido no fio de secar a roupa sim porque o marido dela ora usa cuecas ou ceroulas e a gente sempre pode fazer apostasitas estica uma pessoa o pescoço para ver melhor leva uma pessoa uma descasca por estar a espreitar pela janela começa uma pessoa um joguito de batalha naval com a colega da frente para passar o tempo mete-lhe uma pessoa um submarinito no fundo e anda à procura de um barquito pequenito de dois canos que está com toda a certeza no canto esquerdo porque ela é burra como uma porta e põe sempre os barcos nos sítios mais estúpidos e diz-lhe «A I» e como ela não houve a gente inclina-se toda para a frente para lhe pôr a boca ao ouvido e dar uma espreitadela para o quadrado a ver se o barquito está mesmo no canto esquerdo e vê que está mesmo e grita-lhe com toda a força para ver se ela ouve «A I» e quem ouve é a professora que fica toda tramada por dentro porque perguntou à aula quantos habitantes tem Lisboa e vai julga que uma pessoa lhe estava a responder «Há um» quando

Belém chega uma pessoa a casa cansada da vida e encontra toda a gente de trombas porque não há leite porque a vida subiu desde a manhã porque o patrão estava mal disposto porque chegou a conta da mercearia porque já não há dinheiro e o mês ainda vai a meio por isto e por aquilo senta-se uma pessoa no sofá para ver um bocado de televisão e dá com televisão rural quando a gente nem um vasito tem para estrumar ou para plantar milho híbrido que é um milho que há agora e que nem rocas tem para a gente fazer broas sim porque agora está tudo híbrido vai-se ao talho comprar uma carnita para guisar e só há para assar que é da mais cara e por isso é que eu acho que os talhos também andam híbridos vai uma pessoa à leitaria comprar uma pinguita de leite para o café e dizem-lhe que não há por isso é que digo que as leitarias andam híbridas enfim volta uma pessoa para casa comer uns pastelitos de bacalhau e mal prova um vê logo que ele é feito de tudo menos de bacalhau é o que eu digo os pastéis de bacalhau andam híbridos e quando isto tudo acaba deita-se uma pessoa para começar no dia seguinte a fazer as mesmas coisas que fez na véspera ora se isto não está mesmo a pedir um doping não sei o que é que está porque hoje em dia para aguentar a vida ou se toma uma droguita ou se vai parar ao médico

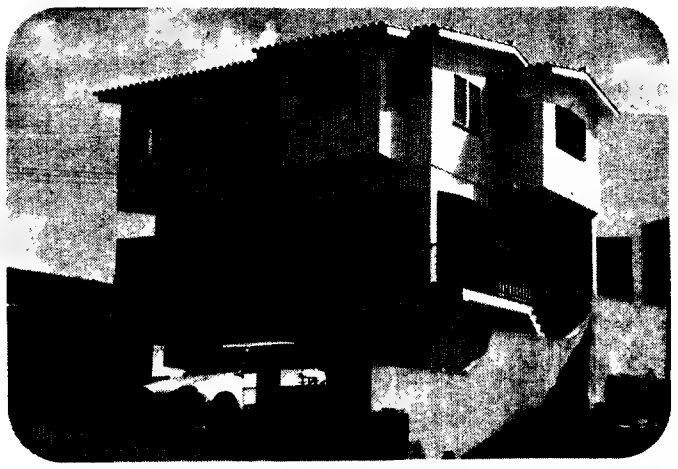
Guidinha



DL CONTA CORRENTE

ISTO (VIVENDA E CARRO) ESPERA POR SI

A um passo de Lisboa e dos seus sonhos: uma vivenda maravilhosa, mobilada caprichosamente, com carro à porta, espera por si. Está, afinal, ao simples alcance de qualquer leitor do nosso jornal, de qualquer leitor do «Diário de Lisboa» participante na iniciativa «Conta-Corrente»: um prémio a quantos nos têm acompanhado ao longo de 50 anos de vida.



Situa-se na aprazível zona de Cascais a vivenda que Baraona & Baraona, Lda. construiram e se destina (com o valioso recheio ali colocado por Móveis Baía) ao primeiro prémio da «Conta-Corrente». Mas, um primeiro prémio parcial: porque há ainda o «Citroen Ami 8», à espera dos belos passeios que o feliz premiado vai ràpidamente programar.

Baraona & Baraona, Lda. são *especialistas* em erguer paraísos: firma muito prestigiosa, dedica-se a compra, urbanização e construção de imóveis e funciona, não como agência intermediária, mas apenas como edificadora em terrenos ou prédios do próprio património da firma. Tem urbanizado vastas zonas da área de Cascais: nomeadamente nos novos bairros agora designados por Pampilheira e Cobre, onde promoveu a construção de blocos habitacionais, parques de estacionamento, arruamentos e, até, centros comerciais. Aliás, em Cascais (Avenida Valbom) a organização Baraona & Baraona, Lda. possui o belo edifício em que se localizam as Galerias Girassol: o mais moderno e apetrechado centro comercial de toda a Costa do Sol e um dos melhores do país.

A sóbria (mas muito original) arquitectura da vivenda que Baraona & Baraona, Lda. construiram e o «Diário de Lisboa» reservou para oferecer a um dos seus leitores tem, como já acentuámos, mobiliário de linhas modernissimas, confeccionado sob orientação de Móveis Baía: inegàvelmente uma firma que marcha na vanguarda de entre quantas trabalham na sua especialidade. Garantia absoluta, portanto, de que o mobiliário da *nossa* vivenda é funcional e elegante.

Mas, há que referenciar (por residir, igualmente, no pensamento dos leitores do «Diário de Lisboa» participantes na «Conta-CORRENTE» que um «Citroen Ami 8» irá também pertencer ao felizardo que arrebatar o prémio-mor da nossa inédita e bem curiosa iniciativa. Para servir de complemento ideal a uma casa do nosso tempo, só poderia estar um carro do amanhã: o «Citroen Ami 8» do volante macio como veludo e das velocidades que desafiam os cronómetros. E fixe, leitor: tudo isto pode ser seu. Basta que... Isso mesmo: já sabe, e não vale a pena chover no molhado.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses	130$00
6 meses	250$00
12 meses	485$00

Pag a mento adiantado, em vale do correio, cheque ou selos.

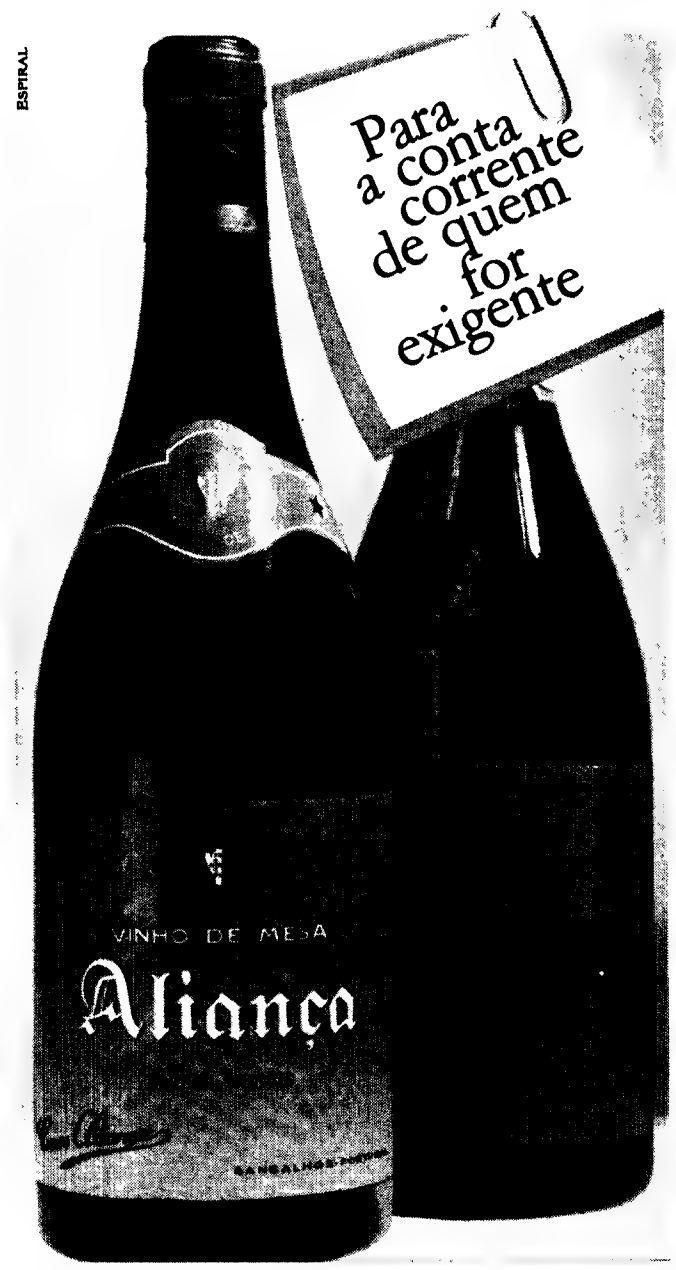
O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe e n v i e mos p elo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 30 de OUTUBRO de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Castor	6			
Chrysler	7			
Crédito Inova	8			
Rank Xerox	10			
Daga	12			
Emaco	15			
I. W. C. Yacht Club	16			
Comundo - Olympos	16			
Miraflores Lux	18			
Timex	20			
Centro Nacional de Cultura	20			
Caves Aliança	21			
Hagen - Baterias	21			
Alporte - Soc. Investimentos Imobiliarios	22			
Companhia Colonial de Navegação	22			
Cetop	22			
C. I. - Comercio Industria	23			
J. Pimenta S. A. R. L.	24			
Movieplay	25			
Piaget	25			
Halazon	Dois			
Tiffany	Dois			
Austin - J. J. Gonçalves Suc. C. I. S. A. R. L.	Sete			
Diese	Nove			
Cometna	Dez			
Morris - A. M. Almeida Ldª.	Doze			



CAVES ALIANÇA
sangalhos · lisboa

PESSOAL PRECISA-SE

IMPORTANTE COMPANHIA DE LISBOA, ADMITE PESSOAL PARA OS SEUS QUADROS, OFERECENDO

— Profissão digna
— Estabilidade de emprego
— Boas regalias sociais (subsídio de férias, gratificação de Natal, assistência médica e medicamentosa gratuita e outras)

OS CANDIDATOS DEVERÃO TER IDADE ATÉ 35 ANOS, SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO, EXAME DO 2.° GRAU E BOM COMPORTAMENTO MORAL, CÍVICO E MILITAR

ADMISSÃO IMEDIATA

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.° 922

A PAZ ACIMA DE
por WILLY BRANDT

A nossa vontade de paz e de bom entendimento é a primeira palavra e o fundamento da nossa política externa. Este princípio define o programa que aplico desde que sou ministro e vice-chanceler. A ele me dedico tanto neste país como durante as minhas viagens ao exterior, na mesa de conferência e nas minhas conversações com os colegas do Ocidente, do Leste de numerosas partes do mundo.

E certo que toda a política externa tem por objectivo primordial a defesa dos interesses do povo que representa. E esta a explicação das primeiras palavras que pronunciei em Paris no mês de Dezembro de 1966: «A interpretação dos nossos interesses manda que colaboremos estreitamente.» Dois meses depois, na América, retomei o tema: «Defendemos os nossos interesses com convicção, mas sem arrogância.» Mas estou convencido que não existe já interesse nacional independente da nossa responsabilidade comum em matéria de paz e de colaboração dos povos. Mais do que nunca na sua história, o interesse da Alemanha confunde-se com a paz; a guerra seria o seu fim.

Ao formar em Dezembro de 1966 o novo governo da República Federal da Alemanha, insistimos com força no facto de estarmos prontos a participar na organização da paz, para mostrar a grande importância que atribuímos a esta questão. Todos os nossos esforços se orientam neste pólo único, quer tenham por objectivos imediatos a unidade da Europa e a evolução harmoniosa da Aliança ocidental, ou a melhoria das nossas relações com os vizinhos de Leste e a descompressão da situação política na Alemanha. Antes mesmo de fazer parte do novo governo de Dezembro de 1966, eu tinha, com os meus amigos políticos, fixado as bases da nossa acção no estrangeiro:

— suprimir qualquer perigo de isolamento e repor em ordem as nossas relações com Paris e Washington;

progredir no caminho da colaboração e da unidade europeias;

— normalizar as nossas relações com os Estados do Leste da Europa;

melhorar a situação numa Alemanha dividida.

Cada um destes esforços e todos aqueles que pudéssemos ser levados a fazer exprimiam claramente:

— a contribuição da Alemanha para a salvaguarda da paz e para o estabelecimento de ordem de paz na Europa.

DESCOMPRESSÃO

Queremos participar activamente nesta organização pacífica. E o sentido da política externa alemã que tem por denominador comum a preservação da paz. A Alemanha não tem nenhum interesse em deixar subsistir ou envenenar-se o conflito Leste-Oeste. Por razões de ordem geral, tanto europeias como nacionais, ela deseja uma descompressão. Neste campo, estamos de acordo não só com quase todos os nossos aliados, Paris, Londres, Roma, mas também com os Estados e os povos do mundo não alinhado. Apesar de certas polémicas, temos cada vez mais interesses comuns com os países comunistas. E esta a linha que devemos seguir, mesmo se os progressos são lentos, mesmo que tenhamos de aguentar alguns contragolpes.

Queremos portanto trabalhar para a descompressão, sem ilusões, mas com tenacidade. Isto quer dizer pràticamente que não devemos sòmente promover a Comunidade Europeia, mas favorecer qualquer processo que aproxime as duas Europas, ocidental e oriental. A nossa política de paz já fez um bom caminho. Expusemos a todo o mundo o que era o denominador comum da nossa política, o nosso desejo de paz; por todo o lado, fomos ouvidos com atenção, muitas vezes com satisfação, embora a dúvida, e até a hostilidade, subsistam em determinados locais.

Desejo sublinhar um ponto: não só os nossos aliados, mas quase todos os nossos parceiros do mundo não alinhado acolheram favoràvelmente os objectivos da nossa política europeia de paz, assim como — se bem que com certas diferenças — a política que ela implica no que respeita a toda a Alemanha. Numerosos encontros confirmaram-no. Na Escandinávia e na Africa, em Tóquio e em Bucareste, na América Latina e na Índia, fomos objecto de inúmeros testemunhos de respeito e de encorajamento, que reforçaram a nossa convicção de trilhar o bom caminho.

SUFICIÊNCIA

Quem caluniar a nossa política de descompressão e de paz e denunciar na República Federal da Alemanha um Estado belicista e sedento de vingança já não pode convencer ninguém e volta as costas ao futuro. Corre o perigo de vestir a pele que nos empresta. Porque recusar a mão que nos estendem honestamente é o contrário absoluto de um gesto de paz. Como dissemos e como sabemos, a Alemanha, mais de vinte anos depois do fim das hostilidades, continua a suportar o pesado fardo que uma cegueira desmedida e uma pretensão culpável colocaram sobre os seus ombros.

Será igualmente custoso vencer os obstáculos de uma suficiência desajeitada que nos fez acreditar que o espírito jurídico pode fazer as vezes de sentido político. Nada atingiremos se nos contentarmos com polémicas e respondermos ao insulto com insultos. Decidimos pôr fim ao mascaramento excessivo da verdade e ganhar assim a confiança do povo. Toda a gente não pode ser da mesma opinião. Desejamos pronunciar o mesmo discurso no nosso país e noutro qualquer, em Londres como em Paris, aos russos como aos americanos. Esforçando-nos por inspirar confiança na nossa política de descompressão e de paz, desagradamos a alguns. No entanto, muitos são aqueles, na Alemanha e no estrangeiro, que estão agora convencidos que falamos com seriedade e que fazemos prova de actividade neste sentido, segundo as nossas possibilidades. Esperávamos decepções e obstáculos. Mas sempre estive certo, e continuo a estar, que podemos progredir no caminho do apaziguamento geral, na Europa, a Leste, e igualmente no que respeita a Alemanha no seu conjunto.

A verdade obriga-nos a admitir que, em numerosos casos, as nossas realizações mantiveram-se afastadas dos objectivos, no entanto modestos, que esperávamos atingir ao aceitarmos o cargo em Dezembro de 1966. As relações de Washington e de Moscovo ora são boas, ora más, sob a influência da guerra do Vietname. A controvérsia entre Washington e Paris entrou num período mais agre do que receávamos. A entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum encontra mais dificuldades imediatas do que pensávamos. E a dureza das reacções provocadas em Berlim-Oriental, em Moscovo e em Varsóvia pelos primeiros êxitos da nossa política de paz não deixa qualquer margem para optimismos. Mas não é razão para voltar atrás. Pelo contrário, estes obstáculos só podem reforçar a nossa convicção de que a longo prazo, uma política de paz dinâmica e inspirada tem de impor-se.

O CÍRCULO VICIOSO

Cumprindo a minha tarefa de ministro dos Negócios Estrangeiros, posso referir-me ao que sempre pensei e disse no passado — fosse durante os meus jovens anos de exílio na Escandinávia, fosse como burgomestre chefe do governo de Berlim ou na qualidade de presidente do partido social-democrata alemao. Antes das eleições de 1965, fui convidado a expor o meu programa perante a Academia Evangélica de Tutzing. Aí defini o que entendia por «política externa» no nosso tempo: era, disse, um «trabalho de estado-maior para a paz». Acrescentarei hoje aqui: quem considerar a política externa de um país em função de uma estratégica militar qualquer, é para sempre prisioneiro do círculo vicioso do armamento atómico. A guerra e a paz já não são termos de uma alternativa possível. Tem de ver-se na política externa um meio de promover uma política de segurança à escala com o objectivo de preservar a paz, de facilitar a evolução e reforçar as comunicações entre os povos ocidentais e orientais e os blocos que constituem.

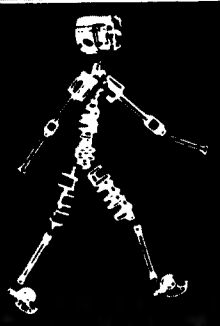
O Ocidente continua a ter necessidade de forças armadas prontas a defendê-lo. Era verdade em 1965, continua a ser verdade em 1969. Mas é verdade igualmente, como o era então, que devemos estar prontos a correr um risco pela causa da paz. Por desejável que seja uma descompressão militar, é preferível suprimir as causas políticas das tensões existentes. Só conseguindo combinar uma e outra conseguiremos progredir no caminho de uma paz segura.

Esta paz não pode a longo prazo repousar ùnicamente no equilíbrio do terror, mas deve apoiar-se em interesses comuns, reconhecidos e desejados como tais. Para lá chegar, temos um longo caminho a percorrer, e nele tacteámos os primeiros passos. As traves que suportarão a nova construção ainda não são bastante resistentes. A paz continuará por muito tempo dependente do equilíbrio relativo das forças de destruição. Mas como disse John F. Kennedy, a paz é um processo dinâmico, e não estático.

«SUPERGRANDES»

O **pacto** atómico que os Estados Unidos e a União Soviética

A separação em Berlim é o mesmo. De um e outro lado, o

ASSISTÊNCIA OFICIAL
FIAT

Assistencia rapida, incluindo as revisoes gratis abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira [illegible] A Tel 84169

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CONFIDENCIAL
A COMERCIAL QUE TRANSPORTA O SINAL +.

Motores gasolina e Diesel
Ford
stand moderno
Rua João Saraiva, 15 - LISBOA - (Alvalade) - Telef 711065 (10 linhas)
SALÃO DE EXPOSIÇÃO - Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef 49669

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
RATO
Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef. 68 41 91

TUDO
Prēmio Nobel da Paz 1971

«Dedico-me à Paz, tanto na Alemanha, como em todo o Mundo»

assinaram não tem como consequência uma abdicação da política. O contrário é verdade: desde que as duas superpotências tiveram, a partir da crise cubana de 1962, de divisar realmente todos os efeitos de um conflito nuclear, a paz mundial foi reforçada, mas a política complicou-se mais. Os Estados Unidos e a União Soviética continuam a ser os elementos determinantes dessa política, dado o seu potencial económico e militar. E, contudo, o terceiro terço de século XX não começou nem

que fizeram...

sob o signo da Pax americana, nem sob o da Pax Soviética.

Um factor importante e sem dúvida decisivo das relações dos dois «supergrandes» foi o facto, confessado ou não, de nenhum deles ter interesse em desencadear e apoiar uma Terceira Guerra mundial. O horrível conflito do Vietname, que dura há vários anos, e a crise perigosa do Médio Oriente puderam certamente ser mantidos dentro de determinados limites, porque os homens sentados ao leme conhecem toda a extensão do poder destruidor de que dispõem. E nesta medida que funciona o **pacto** atómico e que ele garante uma segurança relativa. Até hoje, não se lhe surgiu nenhum acordo verdadeiro entre os Estados Unidos e União Soviética. Existem também conflitos regionais, de uma importância por vezes essencial para os povos interessados e de que não se pode prever com toda a certeza se continuarão nos limites previstos. O desenvolvimento da China e as divergências que a opõem às outras nações são outros perigos mais.

Do ponto de vista europeu e alemão, esta situação suscita um interesse particular, «nacional» igualmente, para a paz. Um país condenado em caso de guerra em ser transformado em deserto, quaisquer que sejam as leis da estratégia que provocam este inferno, não pode ter objectivo mais elevado que convencer todo este mundo que está a trabalhar realmente pelo estabelecimento da paz. Em primeiro lugar, porque isso corresponde ao interesse de todos. Em segundo, porque se continua, hoje como ontem, a temer os perigos militares que poderiam vir da Alemanha. Não tenhamos ilusões: certos discursos pronunciados entre nós deram ao estrangeiro a impressão de que pensamos um pouco demasiado na eventualidade de uma guerra e não muito no futuro pacífico que temos de construir. Esse futuro onde reinarão a paz e a justiça, deseja-o o nosso povo como os outros o desejam, mas esse futuro tem de ser conquistado.

CONTRA NINGUÉM

De facto, a nossa política externa não é dirigida contra ninguém. Não pretendemos mostrar mais do que fazemos ou valemos. Não semeamos a discórdia em lado algum. A República Federal da Alemanha não tem qualquer ambição militar, e ainda menos atómica. Não reclamaremos doentiamente um «lugar ao sol» que poderia transformar-se, com demasiada facilidade, num fulcro de incêndio. O que nós queremos, é colaborar no fortalecimento da paz mundial. Naturalmente, porém, assumiremos, onde for necessário e por meios pacíficos, a defesa dos nossos interesses.

Muitas esperanças foram iludidas após as duas guerras mundiais. Aprendemos o que ignorávamos: desejar a paz, é ter a coragem de não se deixar desviar de um objectivo justo para qualquer desilusão ou travessa. Esta coragem, esta tenacidade, ser-no-á exigida por toda a política externa virada para o futuro. Como europeu e como ministro encarregado das relações exteriores da Alemanha, não vejo possibilidade de outra coisa: somos obrigados a tomar como objectivo supremo a segurança na paz.

Logo portanto, é lógico que renunciemos à violência. Acordos que confirmariam esta renúncia poderiam contribuir para melhorar consideràvelmente a atmosfera europeia e para eliminar as tensões existentes. Poderiam melhorar as condições que permitissem alcançar uma ordem de paz na Europa. Poderiam igualmente tornar-se os marcos miliários do processo extensivo às duas partes da Alemanha, o da descompressão, da aproximação e da colaboração do conjunto da Europa, em vez de as excluir. Não existe nenhum povo, nenhum Estado vizinho que não tirasse vantagens da pacificação da Europa Central. Se alguém duvidar da nossa honestidade, que nos pegue na palavra. Se ainda receiam a Alemanha, estamos prontos a eliminar esse receio. Não podemos voltar a ganhar confiança daquele que desconfia de nós se ele não tentar colaborar connosco.

Assim, a nossa política externa repousa em bases seguras. As coisas sendo o que são, essas bases são as da Aliança ocidental. Queremos na Europa um arranjo pacífico e uma cooperação construtiva. É o que corresponde às exigências da época e aos desejos dos povos. Esta política, baseada na razão, procura a justa medida. A Alemanha é indispensável a qualquer compromisso na Europa. Digo-o numa apreciação, que espero seja justificada, da nossa importância e das nossas possibilidades. Dedicamo-nos à tarefa de preservar a paz e de a estender a todas as partes do mundo para a enraizar finalmente em toda a superfície do globo. E o que pretendemos dizer quando afirmamos:

«A nossa vontade de paz e de entendimento com todos os povos é a primeira e última palavra, a base da nossa política externa.»

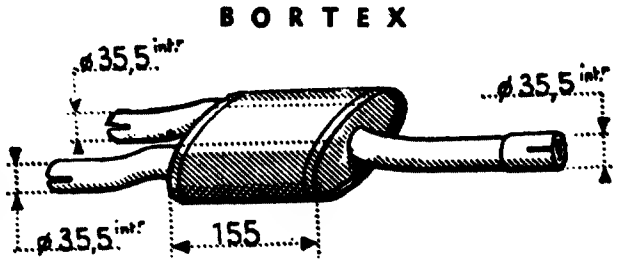
(Do livro «Batalha pela Paz», Editoria Início, Lisboa, 1970).

beba
White Horse
em qualquer sítio

White Horse Scotch Whisky

Costa Pina & Vilaverde, Lda.-Porto ▪ J. A. da Costa Pina, Lda.-Lisboa

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados, assim como a montagem rápida a preços excepcionais

Consulte-nos e verá

SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P. P C. 651945-650763--680788

FÁBRICA: Rua Vitor Carlos, 10-12—PONTINHA—Telef. 990051

SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão, 75-A — LISBOA

DAMAS diz como é

Uma selecção de futebolistas escolhidos pelo «Diário de Lisboa» vai interpretar, para os adeptos, o «ABC do jogo»: no tocante a técnica individual e estratégia táctica. As situações serão, naturalmente, as mais clássicas (tal como as soluções, óbviamente...). Porque, para além de tudo, há aquela dose de improviso (ou génio) que (quantas vezes?), aparentemente levando o jogador a fugir aos cânones, resulta muito melhor. Aliás, se não fosse assim, qualquer de nós (com uma explicaçãozinha) chegaria rápidamente ao estrelato...

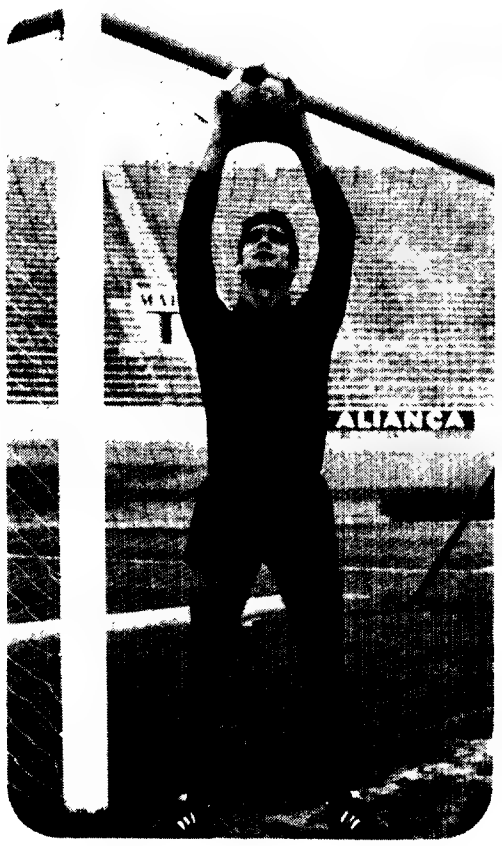
Lògicamente, começamos pelo guarda-redes e o nosso seleccionado foi Damas. Ele mostra como é... e como não é.

SAÍDA

Certo: afastada a soco, a bola é repelida para mais longe

Errado: afastada com a mão, a bola vai tombar perto

BLOCAGEM



Certo: a bola está segura na maior superfície possível

Errado: a bola não está segura na face posterior

SEGURANÇA

Certo: se a bola fugir às mãos ainda tem pela frente as pernas do guarda-redes

Errado: com as pernas abertas e a suceder um deslize a bola vai direitinha para a baliza...

Tem 25 contos?
Tem 1.000 contos?
Tem outra quantia?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE OS NOSSOS IMÓVEIS

COMPRE APARTAMENTOS EM J. PIMENTA, SARL

INPORMAÇÕES

LISBOA Pr Marquês de Pombal 15 Telef 45843-4784

QUELUZ -Edifício Sede -R António Enes. 25- Tel 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades
CASCAIS • PACO DE ARCOS
REBOLEIRA • LISBOA

EVITE O INCENDIO

Organize na sua fábrica uma comissão de segurança

CENTRO DE PREVENÇÃO E SEGURANÇA

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ADMITE:

LINOTIPISTAS
COMPOSITORES MANUAIS

Com menos de 35 anos de idade.
Dão-se informações na Direcção dos Serviços Técnicos - Especiais - 1ª Repartição - Armaaéns e Imprensa Municipal, Av. 24 de Julho, 171 (Alcântara), durante as horas de expediente.

COBERTURA

Certo: o ângulo de remate está fechado com a cobertura da rede

Errado: todo o flanco direito do guarda-redes está desguarnecido

CANTO

Certo: o guarda-redes coloca-se junto ao poste do lado oposto ao marcador do canto

Errado: perdido o maior campo de visão, até as mãos estão mal colocadas

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

GEORGE HILTON
KLAUS KINSKY

Renegados! Heróis! Feras no inferno!

SCOPE
COLORIDO

HERÓIS DESCONHECIDOS

GRUPO D interdito a menores de 18 anos

4 **AMANHÃ, ESTREIA às MATINÉES**

CONDES

SESSÕES DIÁRIAS 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

Teatro
ABC
Tel. 36 67 45

AIDA BAPTISTA

poema de PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA • ROGÉRIO BRACINHA

Domingo
«Matinée» às 16 horas

A MAIS POPULAR
A MAIS OUSADA • A MAIS BELA • A MAIS LUXUOSA

HOJE: AS 20.45 E 23 H.

REVISTA DE SEMPRE:

SAÍDAS DA CASCA

★ O ESPECTÁCULO FAVORITO DOS LISBOETAS!

produção de HUMBERTO CUNHA
interpretação de

CÉU GUERRA • OCTÁVIO DE MATOS • ANITA GUERREIRO • ANABELA
Maria Tavares • Cunha Marques • Nina Flores

Os actores convidados AIDA BAPTISTA e RUI MENDES

as maravilhosas THE DANCING WATERS

o alucinante MASULLI LONDON BALLET

40 MULHERES NUMA PARADA DE ESCULTURAS!

D — MAIORES DE 18 ANOS

71AMX-06

AUSTIN Maxi 1750

SEGURANÇA-TRACÇÃO DIANTEIRA COM MOTOR TRANSVERSAL E SUSPENSÃO "HYDROLASTIC"® * CONFORTO-TODOS OS BANCOS RECLINÁVEIS VERSATILIDADE-5 PORTAS, CONVERTÍVEL EM "STATION". * ECONOMIA-5 VELOCIDADES * ESPAÇOSO, PRÁTICO E ELEGANTE.

DIST. GERAIS: **J.J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.** LISBOA • PORTO
ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS — AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

-STANDS EM LISBOA: R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 — AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A — R. TOMÁS RIBEIRO, N.º 50-A

O C. I. F. ainda no Campo Grande: uma ilha num mar de terra

O velho campo de futebol do C. I. F. continua a resistir ao camartelo municipal. Enquanto decorrem, mesmo ao lado, as obras de terraplenagem, o retângulo de tantas tradições na história do desporto português persiste em servir de palco a encontros que desafiam (em entusiasmo e em alegria) os muitos outros que ali se realizaram, nos tempos **heróicos** dos introdutores do futebol no nosso país. E, até que o C. I. F. se radique em Monsanto, a vida continua a correr no Campo Grande.

DO TOTOBOLA AO «TOTOCAVALO»

É verdade! Aí temos as Apostas Mútuas «Cavalares». Tardaram mas chegaram! No Jamor com vento e sol, caras bonitas (a da Teresa, por exemplo) muitos carros — que carros! — e pouca gente. Nisto de cavalos só vão alguns, que os outros quedam-se pelas bancadas dos estádios, pelo espectáculo da bola a girar.

E talvez por isso — e só por isso — o «Totocavalo» não dará nem para entreter. Que o diga a Teresa a dar pulos de contente e a imaginar uma de «quinhentos» (ou cinco de cem) por ter acertado no «Inca».

Que tristeza, amigos! Acertar no «Inca», vencedor, e receber vinte e três escudos! Depois de ter pago setenta. Só pela entrada!

E o Victor Hugo a explicar que isto de acertar num vencedor, que seja de antemão favorito não dá nem p'ró tabaco. Que o melhor será apostar num à sorte, dos não favoritos. Que rende mais!

Mas cá p'ra mim chegou. Foram cincoenta dele e nem um tostão rendeu... A Teresa não. Não se conformou. E hoje lá estará a tentar novamente. Ou no «Inca», ou no «Isac», ou no «D. Fuas», no «El-Cid»... Pois os nomes históricos impuseram-se na tarde de ontem.

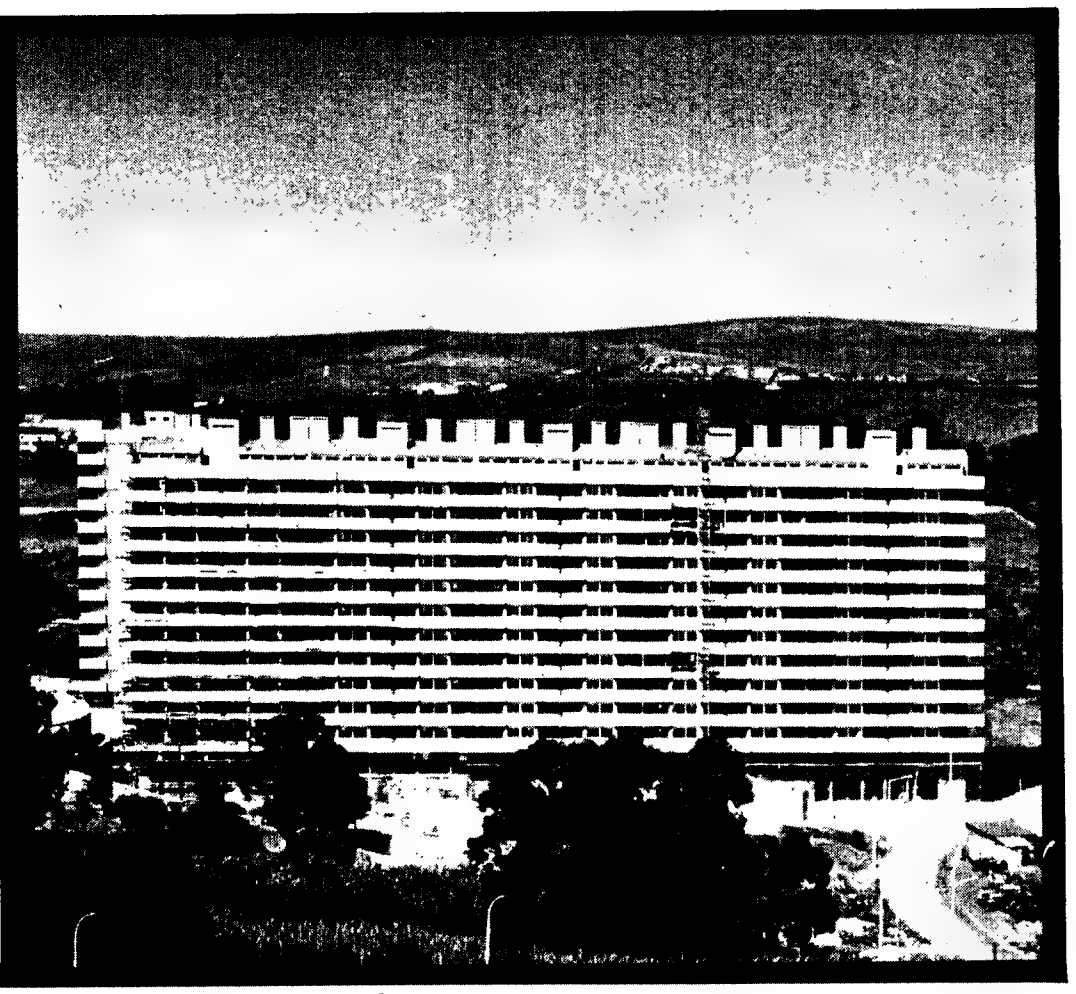
Boa sorte Teresa!

EUGÉNIO ALVES

Quem vive em Miraflores Lux?

MHP 4/71

ADVOGADOS 5%
AGENTES TÉCNICOS 2%
ALTOS FUNCIONÁRIOS 3%
COMERCIANTES 5%
DIPLOMATAS 5%
DIR.es DE EMPRESAS 5%
ECONOMISTAS 5%
FUNCIONÁRIOS 6%
ENG. E ARQUITECTOS 11%
GERENTES COMERCIAIS 4%
INDUSTRIAIS 4%
INVESTIDORES 7%
MÉDICOS 16%
OFICIAIS F. ARMADAS 13%
PROFESSORES 3%
PROPRIETÁRIOS 6%



Uma classe que sabe escolher como viver bem e que está presente no ambiente mais desejado do País

Porquê?

Porque O Parque Residencial de Miraflores-Lux foi justamente concebido para pessoas de gôsto e que sabem escolher qualidade.

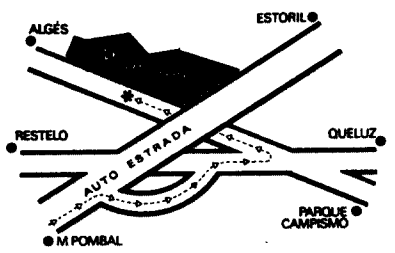
Porque As infraestruturas de Miraflores-Lux garantem passo a passo a total independência, sob todos os aspectos, deste Parque Residencial.

Porque Tendo Supermercado, vai ter imediatamente a Piscina (para verão e inverno), Escolas, Restaurante de luxo, Snack bar, Clube de Bridge, Bolte e galeria comercial de alto nível com transportes públicos que servem a zona. Tudo isto para benefício exclusivo dos residentes de Miraflores – Lux.

Porque Está numa localização previligiada, o que jamais se repetirá junto à capital, relativamente a uma urbanização. Em 5 minutos apenas, sai-se da poluição e começa a respirar-se o ar puro de Miraflores – Lux entre a serra e o mar.

Porque Existe uma notável rapidez e segurança nas deslocações diárias. Miraflores – Lux, além de outras, é servida pela Auto-Estrada e a Estrada Marginal.

Porque Dá perfeitamente para ir almoçar a casa. Parafraseando o que escreveu o grande escritor Eça de Queiroz, Miraflores – Lux é «uma quinta com porta para o Chiado».



ISTO SÃO REALIDADES – NÃO PROCURE PROMESSAS NESTE ANÚNCIO

Conheça a localização, qualidade, preços e as novas modalidades de pagamento, para 2, 3, 5, 6, 7 e 8 divisões, verificando que

MIRAFLORES LUX

merece a sua visita

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas: Av. Principal de Miraflores - Lotes 4 e 5 - Algés
Telef. 215087/8/9/0

Inválidos do comércio

Até 6 de Novembro próximo, o orçamento ordinário da receita e despesa dos Inválidos do Comércio, referente ao ano de 1972, encontra-se patente aos associados, todos os dias úteis, nos Serviços Admnistrativos daquela instituição, na rua Alexandre Ferreira.

VOLTAS QUE DÁ O TOP»

Cher, o elemento feminino do duo «Sonny e Cher», subiu esta semana ao primeiro lugar da tabela de vendas de Nova York, destronando finalmente o «senhor» Rod Stewart da posição que ocupava há semanas. Mas Stewart, estando embora em segundo lugar na tabela de vendas norte-americana, ocupa ainda a posição cimeira do «top» londrino com «Maggie May/Reason to Believe».

Os «Middle of the Road», um dos grupos com maior número de vendas nos últimos meses, estão ainda em terceiro lugar na tabela de Londres, enquanto os «Four Tops», que de vez em quando emergem do semi-anonimato, subiram da sétima para a quarta posição na capital inglesa.

As estradas directas de Cat Stevens, Isaac Hayes e John Lennon nos «dez mais» de Nova York são outros tantos «booms» desta semana, tal como acontece com Joan Baez, que vê a sua criação «The Night The Drove Old Dixie Down» subir directamente ao nono lugar da tabela de Londres.

Linda e Paul McCartney continuam bem classificados em Estocolmo (4º lugar), onde os «New Seekers», com «Tom, Tom, Turnaround» se mantém na segunda posição.

Bonn está «conservadora». São os mesmos a ocupar as quatro primeiras posições do «top» alemão: «Sweet» (Co-Co), «T.Rex» (Get in On), o «Sweet Hitch-Hiker» dos «Creedence Clearwater Revival», e Neil Diamond com «I Am I Said». Nesta tabela assinala-se a entrada directa de «Bangla Desh», de George Harrison (10º lugar).

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e a crise monetária actual

Foi, a todos os títulos, notável a palestra que o conhecido banqueiro suiço Giugliano Pelli, director da Société de Banque Suisse proferiu no fim do jantar de homenagem que lhe foi oferecido pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, no Hotel Ritz e no qual estiveram presentes algumas das mais destacadas personalidades ligadas aos meios económicos e financeiros portugueses e estrangeiros.

Mais uma vez a iniciativa do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, que tem dado a maior atenção à actual conjuntura financeira internacional, foi amplamente coroada de êxito, excedendo mesmo todas as previsões, pois as declarações do conceituado banqueiro Giugliano Pelli foram escutadas atentamente e, no final, houve ainda um animado e imprevisto debate sobre os temas expostos...

Momento em que o Embaixador Dr. Franco Nogueira, Administrador do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, proferia o seu agradecimento

Na impossibilidade de transcrevermos na integra a magistral palestra destacamos, entre tantas, estas afirmações: «Como quer que seja temos de continuar ligados ao dólar durante mais algum tempo» e, noutro passo, «temos de concordar que a presente função do dólar como base do sistema tem de continuar durante algum tempo, pois não existe nenhuma alternativa razoável». Continuando a exprimir os seus pontos de vista o sr Pelli declarou mais «as medidas tomadas pelos Estados Unidos tiveram a vantagem de traz um considerável esclarecimento da situação» e, a seguir, «a animosidade que os europeus têm contra os Estados Unidos é, em parte, devida ao facto daquele país ter conseguido adquirir uma série de empresas europeias contra dólares que não eram desejados — graças à criação ilimitada de «deficits» na sua balança de pagamentos. No entanto, nada impedia os europeus de fazerem o mesmo nos Estados Unidos, ou seja, comprar participações na indústria americana. Porque não o fizeram? A razão (e aí é que está o fundo da questão) reside no facto de que as nossas indústrias na Europa são demasiadamente pequenas, comparadas com as indústrias americanas. Assim, não estamos em posição de compensar o investimento americano na Europa com os nossos investimentos na América. A solução para este desequilíbrio é a integração económica europeia seguida de uma integração monetária. Mas — esclareceu Giugliano Pelli — tal integração só pode fazer-se se for acompanhada duma integração política e esta não pode concretizar-se num futuro próximo, porque os «leaders» europeus têm, presentemente, uma mentalidade demasiadamente nacionalista. É provável que dentro de 15 ou 20 anos os nossos dirigentes tenham uma mentalidade mais internacional mas, presentemente, a unidade política europeia parece um objectivo imensamente remoto». Continuando a sua notável exposição, o sr. Pelli disse: «No que respeita à mudança no preço do ouro, a ideia de que os Estados Unidos procederiam a um aumento do preço oficial de 5 a 10 por cento, não tem qualquer sentido como medida definitiva. Tal medida conduziria a um aumento de reservas dos Estados Unidos de apenas 11 biliões de dólares, ao passo que os seus compromissos totais andam, actualmente à volta dos 38 biliões. Mas — acrescentou — um ligeiro aumento no preço oficial do ouro seria um bom movimento táctico por parte dos Estados Unidos, que levaria certos países, como a França, a concordarem com uma pequena revalorização, sem alterar o preço do ouro em termos de francos franceses. «No entanto, seguindo o seu ponto de vista, o ilustre financeiro prevê que a longo termo, o ouro perderá cada vez mais a sua importância no sistema monetário e acabará por ser desamoldado. Embora continuando como elemento de reserva ao lado dos dólares, num futuro sistema monetário». Mas — esclareceu — considera que os direitos especiais de saque (SDR) não são tão satisfatórios como as reservas tradicionais e mencionou os seus perigos como factor de inflação». Provàvelmente haverá que procurar-se uma nova unidade de reserva». Por fim, no que respeita a possível recessão na Europa e no Japão, o sr. Pelli afirmou que uma certa dose de recessão, e desemprego seriam «uma boa coisa» — desde que possa ser limitados em tempo e intensidade. A terminar, referiu-se ao caso da Suiça afirmando que «apenas uma desaceleração da nossa economia pode causar um abrandamento da inflação».

Seguiu-se, como já referimos, um animado debate no fim do qual o embaixador Dr. Franco Nogueira, administrador do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, fez uma breve análise da valiosa exposição do ilustre banqueiro Giugliano Pelli, a quem agradeceu a contribuição dada para o esclarecimento dos momentosos problemas expostos, sobre os quais fez, também, oportunas considerações.

BOLSAS DE ESTUDO

O Governo francês põe à disposição de estudantes portugueses bolsas de estudo do ensino superior para o ano académico de 1972-1973.

As inscrições estão abertas até 15 de Dezembro no Serviço Cultural e de Cooperação Científica e Técnica da Embaixada de França, à Rua de Santos-o-Velho, n.º 11, em Lisboa, com o telefone 67 81 36.

Os candidatos, que serão atendidos pessoalmente, deverão satisfazer as condições seguintes: ter acabado os estudos superiores, fornecer um plano detalhado dos estudos que pretendem fazer em França e possuir bom conhecimento da Língua Francesa.

SOCIOLOGIA DO TRABALHO

Promovido pelo Centro de Estudos de Organização de Escritório, do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, realiza-se no HotelFlórida, sob a direcção do dr. Melo e Sousa, o curso «A Sociologia do Trabalho e das Organizações», que terá início no próximo dia 4, pelas 21 horas, prolongando-se até ao dia 23 do mesmo mês.

Todos os esclarecimentos relativos ao curso poderão ser obtidos através do telefone n.º 539417.

TRADUÇÕES CIENTÍFICAS

COIMBRA, 1 - Inicia-se no dia 5, e decorrerá todas as segundas, quartas e sextas feiras, com aulas das 19 às 20 horas, o Curso de Traduções Científicas na Casa Alemã, segundo o método do dr. Gastão Larisch e por ele próprio ensinado.

O curso pode ser frequentado por pessoas sem quaisquer conhecimentos da língua alemã, constando de traduções científicas e técnicas de textos alemães.

V. está interessado nos lucros da indústria automóvel?

Somos uma grande companhia de produtos de protecção automóvel.

Se tem um Mínimo de 48.000$00

Consulte-nos

Não precisa de vender.

Resposta a FORDCAR PDC, LDA.

Alameda Santo António dos Capuchos, 6-2.° - A-B

Lisboa

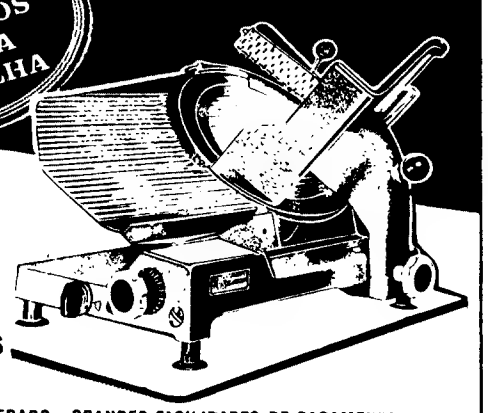
CORTADORAS ELÉCTRICAS

Ironweed

a máquina moderna, racional para quem exige o melhor!

LÂMINAS DE 220,250,300 E 330mm DE DIÂMETRO

MODÊLOS À SUA ESCOLHA



EFICIENTES
HIGIÉNICAS
RÁPIDAS
PRÁTICAS
e ROBUSTAS

PREÇO MODERADO e GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

SOC. de REP. SIDA-SUECA limitada

RUA S.NICOLAU, 15-17, TELEF. PPCA 369331 (8 LINHAS) — LISBOA

«SAPATARIA DOBERT»

Últimas novidades

Homem, Senhora e Criança

R. Condes Monsanto, 2 - Tel. 866422
(À Praça da Figueira)

A

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

tem o prazer de informar os seus Ex.mos Consumidores de que, a partir do próximo dia 2 DE NOVEMBRO, passam a ter à sua disposição vários locais em Lisboa, além da sua Sede, onde poderão efectuar o pagamento dos seus recibos, mediante a simples apresentação dos **novos avisos especialmente criados para o efeito.**

Para tanto, bastará que se dirijam a qualquer dependência da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS.

Com a entrada em vigor deste novo sistema, a C. A. L. procura evitar aos seus Ex.mos Consumidores deslocações propositadas à sua Sede e consequentes perdas de tempo.

NOS AVISOS DEIXADOS PELOS LEITORES COBRADORES CONSTAM INSTRUÇÕES APROPRIADAS A ESTE SISTEMA DE PAGAMENTO

PELICANO - um novo navio

Cada dia se exploram mais os jazigos petrolíferos marítimos e cada vez técnicas e máquinas mais modernas, especialmente no que diz respeito às perfurações. Os navios construídos especialmente para este trabalho têm sistemas que devem funcionar com grande segurança e responder a condições de utilizaçãosempredifíceis, peculiares à navegação. vegação.

A sociedade de pesquisas petrolíferas SOMAJER disposráembreve de um navio de perfurações autorizado que será um exemplo das técnicas itilizadas neste sector industrial. Este navio

o Pelicano - terá um sistemadeposicionamento dinâmico e a manutenção das brocas perfuradoras e de todos os tubos será automática.

O sistema de posicionamento de que disporá o «Pelicano» foi realizado pela sociedade C.I.T. - Alcatel. Baseado numa medida acústica, o seu funcionamento é bastante simples: um emissor sobre o navio «interroga» um respondedor colocado no fundo do mar. O respondedor interrogado emite uma impulsão que é captada por quatro hidrófonos colocados sob o navio segundo uma base quadrangular.

Conhecendo a velocidade do som na água, um calculador numérico, verdadeiro sistema de comando, determina a cada instante a posição do navio em relação ao respondedor, tendo em conta todos os factores de erro (balança lateral, balança longitudinal) etc.. Um segundo calculador numérico está em reserva pronto a assegurar a substituição do primeiro. Um calculador analógico utilizando as informações de um «inclinómetro» permite manter o navio na sua posição em caso de pane simultânea dos dois calculadores numéricos.

Por outro lado, além do posicionamento dinâmico, o sistema de comando pode realizar um certo número de funções complementares, como por exemplo, calcular os parâmetros auxiliares (balanços, profundidade, força e direcção do vento e da corrente, etc. cujos valores estão permanentemente disponíveis e podem ser utilizados para controlar a aproximação de um objecto determinado.

O dispositivo automático para a manutenção foi concedido e realizado pelo Grupo Atómico Alsaciano-Atlântico. Destina-se a equipar navios de perfuração chamados a operar sobre fundos variando entre 80 e 300 metros. Permite manter no seu eixo dos furos as brocas, os diferentes elementos de sonda, evacuá-los e armazená-los.

O conjunto da manutenção funciona automàticamente a partir de uma cabina de comando. Comando e controlo permitem realizar um encadeamento programado das diferentes operações.

Empresa de Navegação Madeirense, Lda.

Carreiras semanais (regulares) entre LISBOA-FUNCHAL

SAÍDAS EM NOVEMBRO

N/M «MADEIRENSE» A SAÍR EM 6 E 20 DE NOVEMBRO
N/M «FUNCHALENSE» A SAÍR EM 13 E 27 DE NOVEMBRO

Estes navios são novos e encontram-se apetrechados com todos os requisitos modernos para servirem bem os seus estimados clientes

Para cargas e passageiros trata-se:

EM LISBOA
Rua de São Julião, n.º 5, 1.º-Dt.º
Telef. 87 01 21/2

NO FUNCHAL
Rua da Prata, n.º 61, 1.º
Telef. 2 16 15

FABRE LINE

Para:

ST. JOHN (NB), MONTREAL E TORONTO

Próximos navios:

«Meta Reith» em 2 de Novembro
«Helene Roth» em 12 » »
«Ede Sottorf» em 20 » »
«Meta Reith» em 29 » »

Recepção permanente em contentores

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 TEL. 366056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

MARIA VITÓRIA
2 Sessões às 20.45 e 23 horas
(Grupo D. 18 anos)

A REVISTA POPULAR
«Ó Zé aperta o cinto!»
com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ÂNGELA RIBEIRO, VITOR ESPADINHA e, ainda, MARIEMA e RIBEIRINHO

ESTALEIROS NAVAIS DO MONDEGO
S. A. R. L.
FIGUEIRA DA FOZ
Telefone PPC 2 21 12 (3 linhas) End. Teleg. «ESNAMO»

Construção e reparação de navios
2 CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO
PARA NAVIOS ATÉ 110 METROS DE COMPRIMENTO
PLANO DE QUERENAGEM PARA REPARAÇÕES
DE NAVIOS ATÉ 600 TONELADAS DW
•
A MAIS MODERNA MAQUINARIA
•
A MAIOR EFICIÊNCIA NA PROJECÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DOS NAVIOS
•
APETRECHAMENTO PARA EXTENSO EMPREGO DE SOLDADURA ELÉCTRICA NA CONSTRUÇÃO COM INSTALAÇÃO DE RAIOS X INDUSTRIAL PARA SUA VERIFICAÇÃO
•
110 NAVIOS CONSTRUÍDOS E EM CONSTRUÇÃO

ANTEPROJECTOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

LIVROS DE BOLSO
(POR CADA 10 EXEMPLARES OFERECEMOS 1)
BIBLIOTECA POPULAR MINERVA

Selecção das obras mais populares e apreciadas de todos os tempos

VOLUMES PUBLICADOS:

1- 3 — OS TRÊS MOSQUETEIROS, por Alexandre Dumas
4- 7 — O CONDE DE MONTE CRISTO, por Alexandre Dumas
8-10 — A FERRO E FOGO, por Henryk Sienkiewicz
11-18 — OS MISERAVEIS, por Victor Hugo
19 — A TULIPA NEGRA, por Alexandre Dumas
20-25 — GUERRA E PAZ, por Leão Tolstoi
26-27 — NOSSA SENHORA DE PARIS, por Victor Hugo
28-29 — SALAMBÔ, por Gustavo Flaubert
30-35 — AS MIL E UMA NOITES (Contos Orientais)
36-39 — A TÚNICA, por Lloyd C. Douglas
40-43 — O DILÚVIO, por Henryk Sienkiewicz
44-46 — RESSURREIÇÃO, por Leão Tolstoi
47-50 — OS POSSESSOS, por Dostoievsky
51-54 — DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, por Miguel Cervantes
55-58 — VINTE ANOS DEPOIS, por Alexandre Dumas
59-60 — O NOVENTA E TRÊS, por Victor Hugo
61-62 — A MÃO DO FINADO, por Alexandre Dumas
63-65 — ANA KARENINA, por Leão Tolstoi
66-69 — A TORRE DE NESLE, por Michel Zévaco
70-75 — MADAME SANS-GÊNE, por Edmond Lepelletier

Cada volume com cerca de 250 págs. e capa ilustrada a 4 cores, 12$50

EDITORIAL MINERVA - LISBOA
À venda em todas as Livrarias e Papelarias

Grupo A — M/ 6 anos

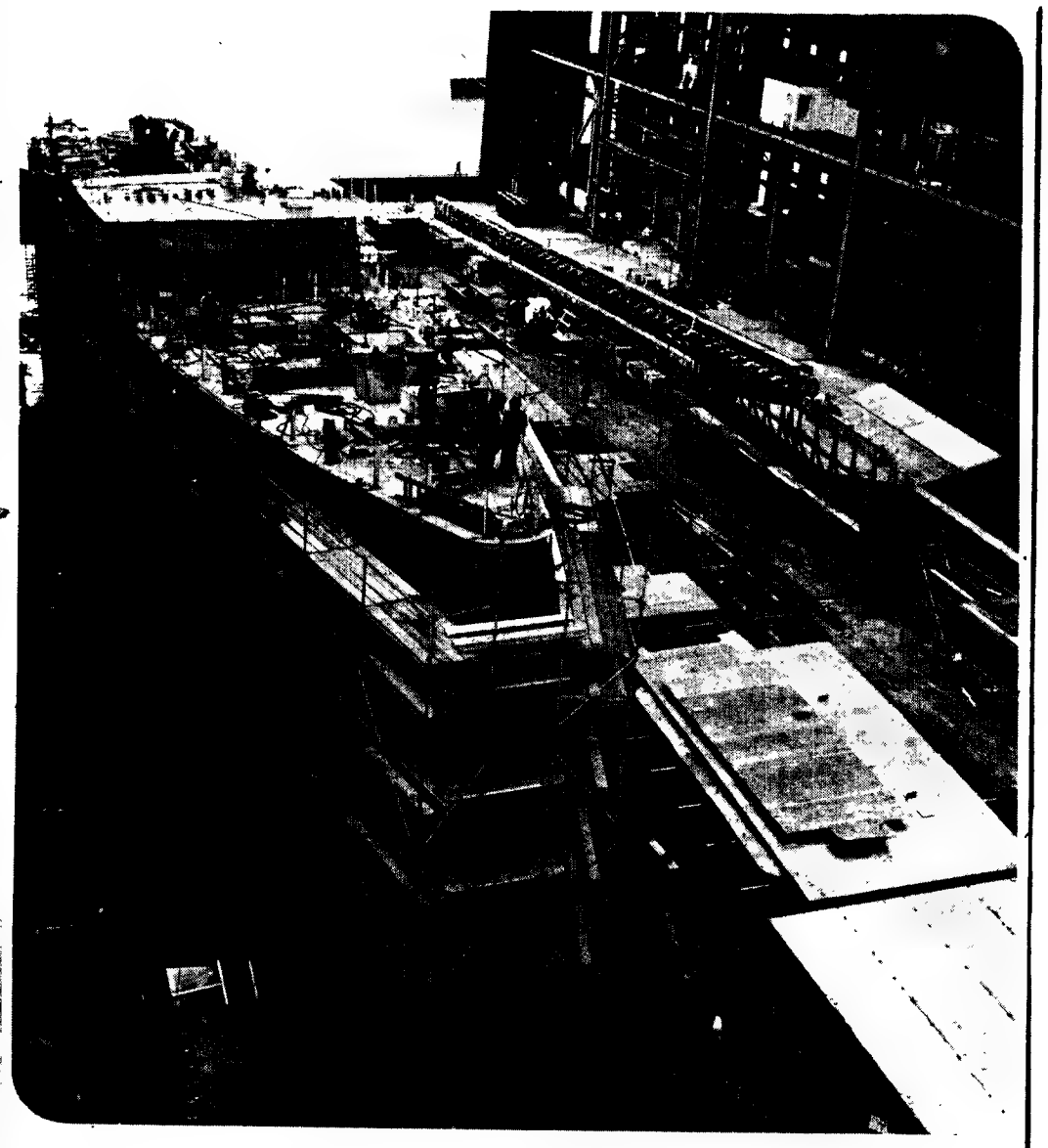
CARTAXO
Feira de Todos os Santos
1 de Novembro,
às 3 e meia da tarde

8 Bravos Toiros de Assunção Coimbra para

MESTRE BATISTA
LUÍS M. DA VEIGA
JOSÉ JÚLIO
RICARDO CHIBANGA

e Forcados Amadores de Santarém chefiados por José Manuel Souto Barreiros.

Na última Feira Taurina, um cartaz com os artistas que mais se destacaram na temporada.



Estaleiros de Yarrow "para exportação"

Nos estaleiros Yarrow, em Glasgow, onde foram construidos diversos barcos de guerra portuguesa, está neste momento a construir-se uma fragata para a Tailândia. Vemo-la nas fases de acabamento, enquanto ao lado se inicia a construção de outro navio para a esquadra britânica. De salientar no estaleiro o facto de se perder tempo precioso em dias de chuva; e também, sob o frio intenso, não pára o trabalho, porque os trabalhadores têm ambiente confortável. Ainda outra vantagem: é a de certas operações e instrumentos delicados não serem prejudicados devido às mudanças constantes de temperaturas.

Docagem em 22 de Julho de 1971 dos navios JECI de 60 200 T.D.W. e LISELOTTE ESSBERGER de 80 900 T.D.W.

LISNAVE

Inaugurando a
DOCA ALFREDO DA SILVA
para navios de um milhão de toneladas de porte,
a Lisnave orgulha-se de, mais uma vez,
continuar na vanguarda das realizações
a que as tradições navais de Portugal obrigam.

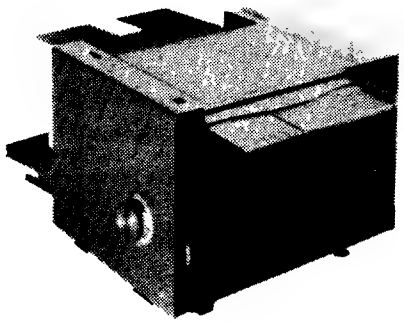
QUARTO ANIVERSÁRIO DO ESTALEIRO NAVAL DA MARGUEIRA **1971** *CENTENÁRIO DO INDUSTRIAL ALFREDO DA SILVA*

PENTA

copia tudo: documentos, facturas, jornais, revistas, etc. ● copia mesmo um livro ● mesmo um objecto tri-dimensional: frasco, peça de máquina, etc. ● mesmo os grandes documentos (até ao formato 29,7×42) ● funcionamento imediato sem pré-aquecimento ● uma cópia sêca em 6 segundos a um custo mínimo ● pouco volumoso

STOP

se deseja no seu escritório um copiador electrostático ultra-moderno, adquira um



COPY-STAR 211

Peça uma demonstração sem qualquer compromisso aos seus representantes exclusivos em Portugal:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
RUA DA PRATA, 68 – TEL. 361546 ——— LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO, 208 – TEL. 25581 —— PORTO

Ondex

REPRESENTAÇÕES ELECTRÓNICAS LIMITADA

- Equipamento de telecomunicações para Exército, Marinha e Força Aérea
- Instrumentos de medida para laboratórios de rádio
- Estações de T. S. F. para navios
- Equipamentos de som
- Acessórios de rádio

ESCRITÓRIOS:
CAMPO DAS CEBOLAS, 40 (r/c., 1.º e 2.º)
Telefones: 86 15 11 - 86 47 88 - 86 47 89
LISBOA-2

SERVIÇOS TÉCNICOS:
ARCO DE JESUS, N.º 5 — LISBOA-2

Luso Eléctrica

MARINHA

EQUIPAMENTO GERAL PARA NAVIOS DESTINADO A:

CONSTRUÇÃO
CONVÉS
ILUMINAÇÃO
NAVEGAÇÃO
PROTECÇÃO E SEGURANÇA
PROPULSÃO
REPARAÇÃO
SOBRESSALENTES
SERVIÇO AUXILIAR

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA ★ PORTO

PARA O PERÍODO DE 30 DE OUTUBRO A 23 DE NOVEMBRO

horóscopo

pelo astrologo HORUS

Aries

Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril

AMOR: Os seus assuntos sentimentais, familiares e relacionados com as suas amizades e relações sociais tendem a evoluir num sentido favorável, com uma maior harmonia e entendimento. No entanto será aconselhável tomar precauções contra algumas falsas amizades que tentarão criar-lhe dificuldades.

DINHEIRO: Os resultados financeiros que espera conseguir virão bastante mais tarde do que pensa. Controle os seus gastos e oriente toda a sua vida económica com inteligência e ponderação, embora sem pessimismo.

PROFISSÃO: Será conveniente que mantenha uma atitude tanto quanto possível prudente e reservada, no que diz respeito às suas actividades profissionais, pois só assim obterá êxitos. A atenção e a perspicácia ser-lhe-ão igualmente de grande utilidade, durante esta semana.

SAUDE: Vigie cuidadosamente a sua saúde, pois está um tanto sujeito a sofrer perturbações de certa importância. Não hesite em recorrer ao médico, se for necessário.

Taurus

Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio

AMOR: As suas influências planetárias para este período apresentam-se duma maneira geral pouco favoráveis para si, no que diz respeito aos seus assuntos sentimentais e familiares. Tome sobretudo precauções contra algumas pessoas que estão apenas à espera duma oportunidade para o prejudicarem, para lhe criarem situações difíceis.

DINHEIRO: O período apresenta-se propício aos seus interesses financeiros, sendo, portanto, de esperar que possa obter ganhos importantes.

PROFISSÃO: Se souber agir com inteligência, orientando as suas actividades com acerto e tirando todo o partido das suas aptidões profissionais, terá possibilidades de fazer progredir sensìvelmente a sua situação. Aproveite as circunstâncias favoráveis que se apresentam.

SAUDE: O seu estado de saúde será normal. No entanto será conveniente que procure repousar o suficiente para conservar uma boa forma física.

Gemini

Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho

AMOR: A sua vida sentimental e familiar será durante esta semana beneficiada por alguns aspectos planetários muito favoráveis para si. As suas relações sociais e de amizade atravessam igualmente um período muito feliz. Trata-se portanto duma semana bastante auspiciosa para si.

DINHEIRO: Terá de desenvolver uma intensa actividade, durante este período, em defesa dos seus interesses financeiros. No entanto os seus esforços serão devidamente compensados, proporcionando-lhe resultados satisfatórios.

PROFISSÃO: Se o seu trabalho é de carácter intelectual, a semana em curso reserva-lhe sem dúvida alguns êxitos verdadeiramente sesacionais. Esses sucessos serão conseguidos à custa de grandes esforços orientados com inteligência, mas esses esforços justificam-se plenamente neste momento.

SAUDE: A semana em curso será favorável no que diz respeito à sua saúde. Em todo o caso será conveniente que não comece por abusar das suas forças, entrando em excessos, sobretudo de natureza alimentar, pois isso seria muito pernicioso para si.

Cancer

Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho

AMOR: — As suas relações sociais e de amizade, tal como a sua vida familiar e os assuntos referentes ao lar, terão de ser encarados com uma certa atenção e cuidado. Evite sobretudo as decisões irreflectidas e precipitadas, que teriam efeitos muito prejudiciais aos seus interesses.

DINHEIRO: Sob o ponto de vista económico, a semana em curso apresenta-se mais ou menos normal. Eviete as despesas demasiado elevadas, pois é essa a única maneira de evitar um desequilíbrio do seu orçamento.

PROFISSÃO: — A sua vida profissional desenrolar-se-á em condições pouco satisfatórias, duma maneira geral, embora não haja motivos para recear grandes complicações. O seu ambiente profissional não lhe será muito propício, pelo que deve usar de muito bom senso no sentido de èvitar contrariedades e divergências que sempre trazem maus resultados.

SAUDE: Sob o ponto de vista físico é provável que registe um certo enfraquecimento geral, uma perda de vitalidade que pode dar origem a complicações de saúde. Use portanto, de cuidado nesse capítulo.

Leo

Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto

AMOR: — As suas influências astrológicas para esta semana não se mostram muito favoráveis para si, no que diz respeito aos seus assuntos e interesses de natureza sentimental. Procure usar de maior cuidado e diplomacia nas suas atitudes, de maneira a evitar melindres e amuos da parte do ser amado.

DINHEIRO: — Poderá obter resultados interessantes, no plano financeiro, mas para isso terá de trabalhar com muito mais entusiasmo do que até agora.

PROFISSÃO: Prepare-se para enfrentar contrariedades e aborrecimentos na sua vida profissional, durante a semana em curso. Não deve, no entanto, desanimar em presença das dificuldades que lhe surjam, pois esses obstáculos serão na realidade menos importantes do que parecem.

SAUDE: Tudo correrá de maneira mais ou menos normal no que se refere ao seu estado de saúde. Não haverá motivos para preocupações sérias.

Virgo

Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro

AMOR: — Poderá realizar no decorrer desta semana, alguns dos seus desejos e projectos, no que diz respeito aos seus assuntos de natureza sentimental. Terá no entanto de proceder com uma certa diplomacia, evitando as discussões e atritos que poderão surgir em certos momentos.

DINHEIRO: — A semana apresenta-se mais ou menos favorável para si, no que diz respeito aos seus interesses financeiros. No entanto será aconselhável que faça um esforço no sentido de reduzir as suas despesas.

PROFISSÃO: — Sob o ponto de vista profissional o momento não lhe é muito favorável, sendo bastante provável que as suas actividades não evoluam de acordo com os seus desejos e projectos. Procure no entanto cumprir escrupulosamente os seus deveres, deixando para mais tarde as decisões importantes.

SAUDE: Èvite cuidadosamente cometer imprudências, que poderiam trazer-lhe consequências verdadeiramente desagradáveis, no que diz respeito ao seu estado de saúde.

Libra

Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro

AMOR: — A semana em curso apresenta-se bastante auspiciosa para os seus interesses de ordem amorosa, tanto mais que as suas iniciativas nesse campo serão firmemente apoiadas e auxiliadas por algumas pessoas amigas que tem ignorado até aqui. E, no entanto muito possível que venha a sofrer alguns aborrecimentos, no âmbito da sua vida familiar.

DINHEIRO: — Algumas pessoas de família ser-lhe-ão muito úteis durante esta semana, na realização dos seus projectos de ordem financeira. Se souber agir com inteligência poderá obter resultados francamente satisfatórios.

PROFISSÃO: — Os seus interesses profissionais serão no decorrer desta semana eficazmente protegidos por alguns colegas de trabalho ou mesmo superiores, que não se pouparão a esforços para o auxiliarem. Dará um grande passo em frente se souber aproveitar este momento propício.

SAUDE: — Durante este período a sua disposição será magnífica, o que contribuirá decisivamente para revigorar o seu organismo e para melhorar as suas condições de saúde.

Scorpius

Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro

AMOR: É natural que tenha de enfrentar alguns atritos e divergências nas suas relações de natureza sentimental. Será necessário que proceda a um estudo cuidadoso da situação, a uma análise profunda do estado actual das coisas, de maneira a poder tomar medidas adequadas no sentido de resolver os problemas existentes.

DINHEIRO: — Os resultados obtidos durante este período, sob o ponto de vista financeiro, serão relativamente fracos, e além disso só serão conseguidos à custa de aturados e persistentes esforços da sua parte.

PROFISSÃO: — Será aconselhável que no decorrer desta semana encare as suas actividades profissionais com muita calma e ponderação, pois bastaria um pequeno erro ou precipitação para comprometer os resultados do seu trabalho. Use portanto de toda a prudência neste capítulo.

SAUDE: E provável que tenha de enfrentar algumas perturbações do seu estado de saúde, durante a semana em curso. No entanto, não se assuste demasiado, pois não há motivos para isso.

Sagittarius

Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro

AMOR: — Será conveniente que durante esta semana saiba controlar os seus desejos, e mesmo a exteriorização das suas emoções, mantendo uma atitude prudente e reservada. Proceda com tacto e discrição, pois arrisca-se a ver as suas intenções e sentimentos mal interpretados.

DINHEIRO: — Evite as especulações financeiras e os jogos, pois não será por esse meio que conseguirá melhorar a sua situação financeira.

PROFISSÃO: — Prepare-se para enfrentar alguns obstáculos e contrariedades, no âmbito das suas actividades profissionais. Essas dificuldades serão sobretudo causadas por discussões e conflitos com colegas de trabalho. Procure desenvolver a sua acção mas seja prudente.

SAUDE: O seu estado de saúde será mais ou menos satisfatório, havendo apenas a assinalar a possibilidade de apanhar um pequeno resfriamento ou constipação.

Capricornius

Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: — Os seus problemas de natureza amorosa atravessam neste momento um período propício, sendo provável que se aproximem duma solução satisfatória e definitiva. As iniciativas que tomar neste capítulo serão coroadas de excelente êxito, de acordo com os seus desejos.

DINHEIRO: — As suas influências astrológicas para este período favorecem consideràvelmente os seus interesses económicos. Terá possibilidades de obter bons resultados e de resolver os problemas que o preocupam.

PROFISSÃO: — Se a sua actividade profissional se exerce em regime de associação ou colaboração, obterá durante esta semana resultados muito interessantes. De qualquer modo a semana apresenta-se muito favorável para si, no que se refere aos seus interesses profissionais.

SAUDE: Atravessa actualmente um período bastante propício para si,sob o ponto de vista físico. O seu estado de saúde será óptimo.

Aquarius

Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

AMOR: — Não perca tempo a procurar solução para problemas e situações que são por natureza insolúveis. Ponha de lado os assuntos amorosos que tenha verificado estarem definitivamente arrumados e vire a sua atenção, de preferência, para a sua vida familiar, onde estão a passar-se coisas dignas de interesse.

DINHEIRO: — Vigie cuidadosamente os seus gastos, impedindo que eles ultrapassem o limite imposto pelas suas possibilidades actuais.

PROFISSÃO: — A sua vida profissional encontra-se neste momento numa fase verdadeiramente decisiva. Chegou a altura de analisar a sua situação e de tomar decisões importantes para o futuro. Faça uso de toda a sua inteligência e capacidade de raciocínio.

SAUDE: Não são de esperar acontecimentos importantes durante esta semana, no que diz respeito aos seu estado geral de saúde. No entanto, use de cuidado.

Piscis

Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março

AMOR: — O período em curso proporcionar-lhe-á, sem a menor dúvida, alegrias e satisfações muito importantes, no domínio sentimental e afectivo. Aproveite as circunstâncias felizes que o momento lhe oferece para consolidar a sua posição, com vista ao futuro.

DINHEIRO: — São possíveis algumas contrariedades de ordem económica, durante este período, embora não se trate de dificuldades realmente importantes.

PROFISSÃO: — A sua vida profissional será durante esta semana protegida por excelentes aspectos planetários. E provável que consiga fazer grandes progressos na realização dos seus empreendimentos e projectos, com resultados francamente satisfatórios e compensadores.

SAUDE: Os pés são a parte do seu organismo que deve ser vigiada com mais atenção e cuidados durante esta semana, embora não se notem complicações importantes.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

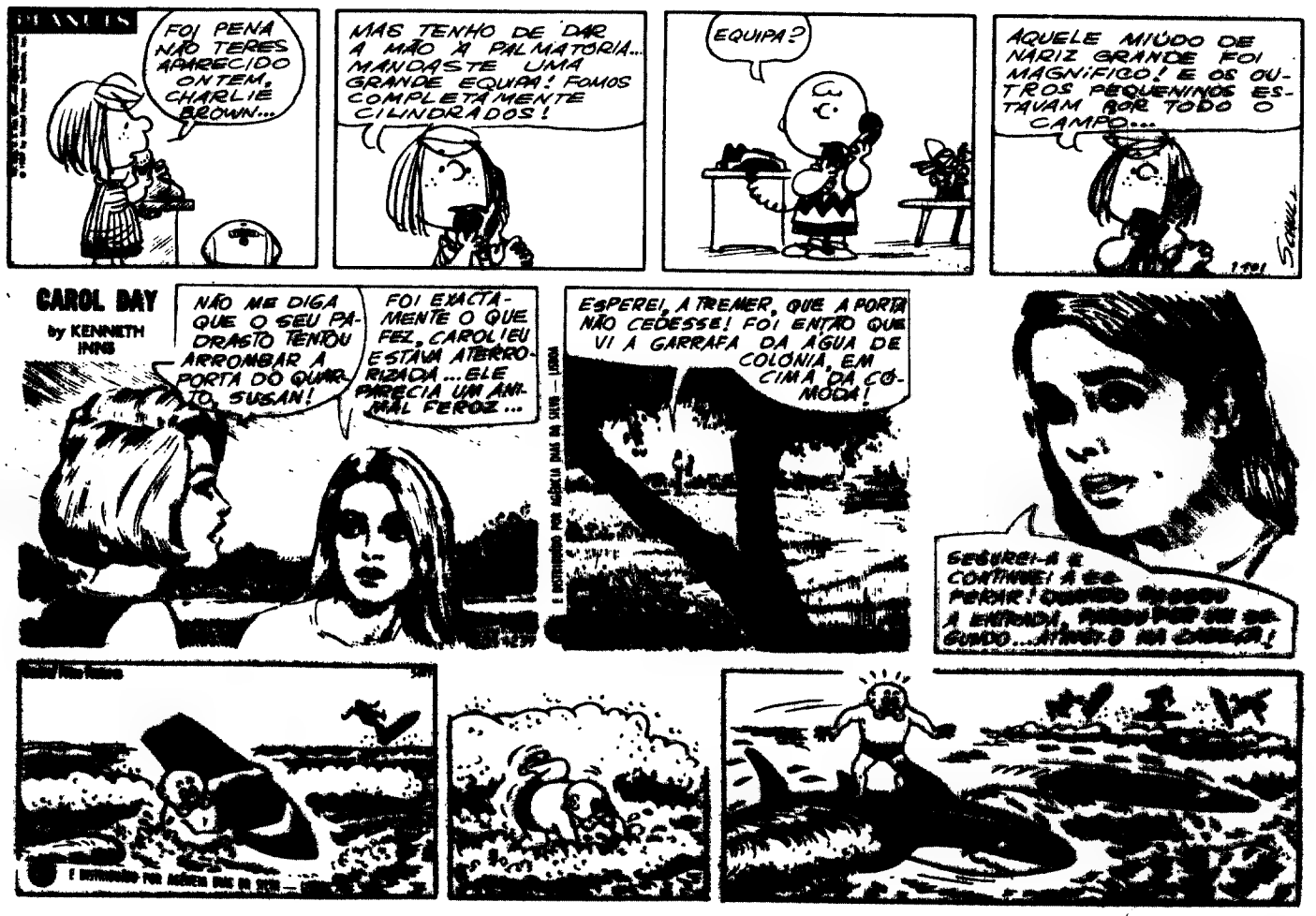
Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

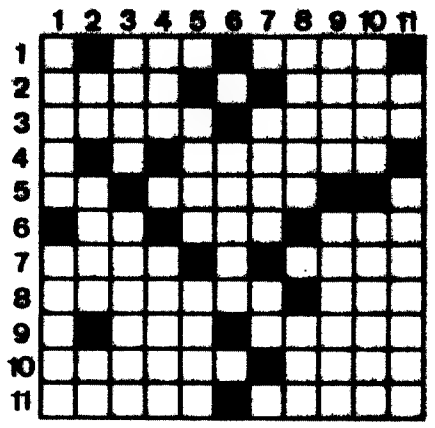
Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef 724162 — LISBOA

Sabia que há pássaros tão apaixonados que oferecem à sua «dama» presentes da cor dos seus olhos? Pois é! O OBCINE ACETINADO corteja a sua fêmea com presentes azuis (pedrinhas, conchas, penas, etc) para combinarem com a cor azul dos olhos dela. Ele chega, inclusivamente, a pintar o seu bico recurvado com o sumo azul de uns pequenos bagos de uma planta silvestre. Bonito, não é? Coisas da Natureza...



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 9003



HORIZONTAIS:

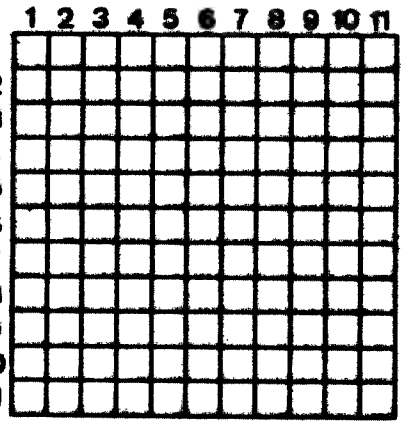
1 Artigo definido. Bondosa. Origem.
2 Regras. Molesta.
3 As duas. Separar de.
4 Velhas.
5 Grande ribeira da Ásia Russa. Lugar de contenda.
6 Artigo definido. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Filtre.
7 Vender a crédito. Cidade do médio Eufrates.
8 Naturais de Roma (Fem.). Matemática.
9 Organização das Nações Unidas. Amargo.
10 Aves pernaltas da família dos Ardeídeos. Passadas.
11 Tribo indígena brasileira. Urdo.

VERTICAIS:

1 Espécie de chaupo. Penhasco.
2 Preposição. Nome do mês. Atmosfera.
3 Espécie de nespera (T. de Macau). Cidade de Espanha.
Sufixo que designa abundância. Vetharia (fig).
5 O mesmo que sírio da (Síria). Despidas.
6 Artigo definido. Verte.
7 Camada fina. Apelido.
8 Nome de mulher. O mesmo Amir.
9 Nome de fruto. Categoria.
10 Pegadeiras. Rezaram.
11 Viração. Ábil.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora um segundo passatempo e PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 9061



HORIZONTAIS

1 Freguesia do concelho e distrito de Viana do Castelo. Freguesia do concelho de Santa Comba Dão.
2 Braço de mar. Uma das Espórades. Suspiros.
3 Artigo definido. Freguesia do concelho de Melgaço. Abreviatura de Santíssimo.
4 Cor avermelhada.
5 Inutiliza. Azedos.
6 Época. Medida de líquidos, da Holanda.
7 Deu mensagens a. Centígas.
8 Olhadelas.
9 Sário (s. q.). Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Presidimio (s.q).
10 Antiga capital da Birmânia. Abundância (fig.) Oferecer.
11 Freguesia do concelho de Gouveia. Nome de mulher.

VERTICAIS:

1 Bagatela. Nome pelo qual os alquimistas designavam o chumbo.
2 Aqui está. Conjunção. Pássaro.
3 Em partes iguais. Seram. Aluminé (s. q.).
4 Paço.
5 Leito. Rezar.
6 Sova (fig.). Empunhar.
7 Bebida usada no Peru. Transfiro para outro dia.
8 Tiraras.
9 Patti. Rezais. Companheiro.
10 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Ave pernalta. Patas.
11 Queimas. Açoita.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9062

HORIZONTAIS

1 Da. MAL. Troe.
2 Orçar. Aromá.
3 Ajrosas.
4 Visa. Siar.
5 Ser. São. Dão.
6 Anão. Cais.
7 Copo. Cisa.
8 Pi. Elara. Ro.
9 Adora. Erras.
10 Loca. Ao.
11 Asais. Amido.

VERTICAIS:

1 DOS. Sa. Pala.
2 Ar. VENCIDOS.
3 Cairão. Oca.
4 Mais. Operai.
5 Arrás. Olá.
6 Au.
7 Aaso. Cré.
8 Trai. Ciaram.
9 Rosadas. Roi.
10 Om. Raiara.
11 Aal. Os. Osco.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9060

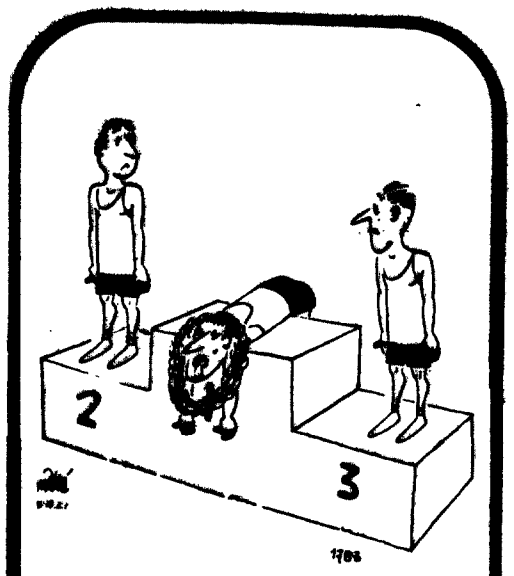
HORIZONTAIS:

1 Ar. Maine. Pã.
2 Rés. Imo. Per.
3 Âmia. Gaga.
4 Destroçaram.
5 Lora. Elas.
6 Pá. Amigo. Os.
7 Aro.
8 Rata. Aran.
9 Atacaríamos.
10 Nucas. Arara.
11 Ama. Ios. Sós.

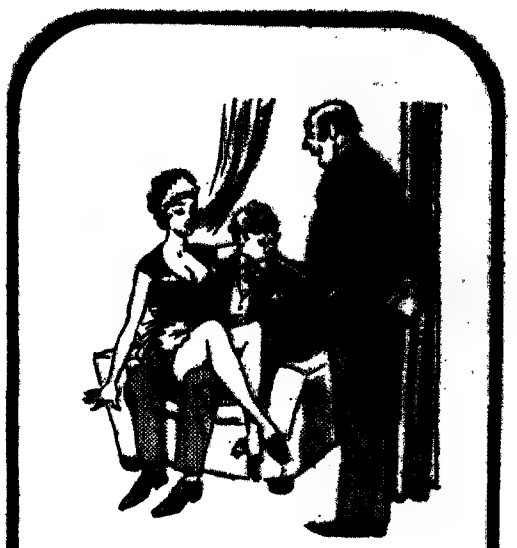
VERTICAIS:

1 Arad. Paraná.
2 Ramela. Atum.
3 Siso. Ataca.
4 Atra. Aca.
5 Aí. Rama. Asi.
6 Impo. Irar.
7 Nó. Cego. Ias.
8 Galo. Aar.
9 Pará. Armas.
10 Pégaso. Aoro.
11 Aram. Sonsas.

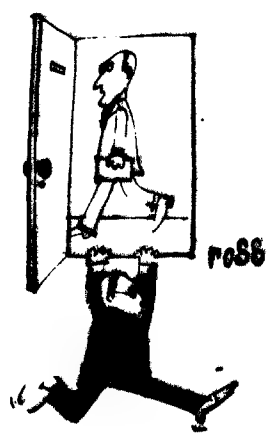
Provérbio: MAL DOS VENCIDOS.



Sem legenda!



.Não sei se será a melhor altura para lhe pedir um aumento ordenado, mas se estiver muito ocupado futuramente com suas esposas



Mudámos o seu escritório enquanto estava de férias!

Vá ter com ele e mostre-lhe a conta!

Que se passa connosco Eugénio? Parece-me que estamos cada vez mais separados...

HABITEX

ESCOLAS

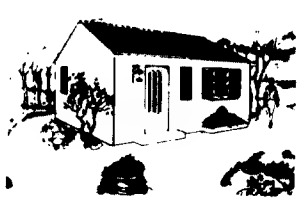
O SEU SONHO EM REALIDADE

Nós construímos no campo ou na praia.

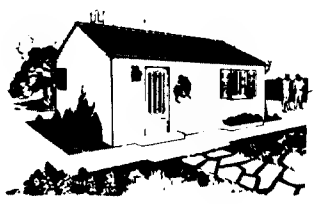
Apresentamos o sistema mais perfeito em pré-fabricados, em cimento armado vibrado mecanicamente

Preços a partir de 40.000$00

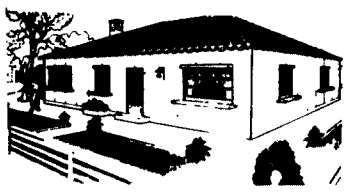
BUNGALOWS B-1



BUNGALOWS B-2



BUNGALOWS B-3



Mod. BIARRITZ

Mod. SINES

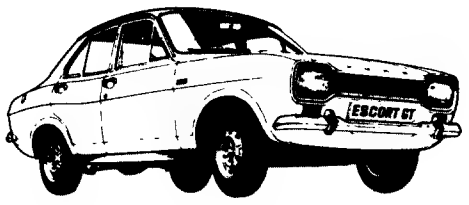
Mod. COPACABANA

Mod. SAN TORPES

Mod. LAMEIRO

Mod. BRETANHA

HABITEX SEDE - Av. Antonio Augusto de Aguiar, 199 - 1.º D - Tel. 57646 - LISBOA
INSTALAÇÕES FABRIS - Vale de Figueira - CORROIOS



ESCORT

2 e 4 portas
1100 1300 G.T.
STATE CAR — 3 Portas
1100 c.c.

J. Mendes Coelho, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 6-A
Telefs. 4 61 47/24

Ford

Rua Gomes Freire, 5-A/7-C
Telef. 53 98 01

NÃO SE PRETENDE QUE [illegible] COM A ARRUMAÇÃO DO SEU CARRO
NÓS TEMOS PARQUE PRIVATIVO PARA ELE

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

GALERIA Actual DECORAÇÕES

MÓVEIS E ADORNOS DE CASA

ESCOLHERÁ MELHOR SE OS VIR EXPOSTOS TAL COMO EM SUA CASA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (perto do Saldanha)

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av: 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

cinemas ● cinemas ● cinemas

POLITEAMA (Telef. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C - M. 14 anos)
O PARCEIRO DO DIABO

LUMIAR (Telef. 795296)
21.00
(Grupo B - M. 10 anos)
TARZAN E O VALE DE OURO e A QUADRILHA DO GRANDE CEREBRO

IMPÉRIO (Telef. 555134/5
15.15/21.30
(Grupo D. - M. 18 anos
Colorido O ANONIMO VENEZIANO uma história de amor! UM DIA PARA VIVER; UMA VIDA PARA ESQUECER! com Florinda Bolkar e Tony Musante

EUROPA (Telef. 661016)
21.30
(Grupo C - M. 4 anos)
Em continuação de estreia ROMANCE DE UM LADRÃO DE CAVALOS
Sábado e domingo matinees infantis
(M. 6 anos)
NAMU, A RAINHA DOS MACARIOLA

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 10 anos)
PATTON e TERRA LEGENDARIA

EDEN (Telef. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
O ARCHEIRO DE FOGO em Scope-Color c/ Montgomery Wood

AVIZ (Telef. 47163).
21.45
(Grupo D -M. 18 anos)
Estreia, Peter O'Toole em «JOGO NA ESCURIDÃO» com Susannah York

BERNA (Telef. 776098)
21.45
(M. 14 anos)
2ª. Semana - Barry Newman, Dean Jagger e Cleavon Little num filme verdadeiramente sensacional CORRIDA CONTRA O DESTINO

ALVALADE
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo B - M. 10 anos)
O ARCHEIRO DO FOGO c/ Montgomery Wood

SÃO JORGE (Telef. 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana o último filme de Burt Lancaster VALDEZ a aventura do «Western»

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
Peter O'Toole em JOGO NA ESCURIDÃO c/ Susannah York

ROMA (Telef 72778)
15.30 - 21.45
(Grupo C - M. 4 anos)
Filme PARANOIA c/ Carol Baker e Jean Sorel - Technicolor-Scope

ESTÚDIO (Telef. 555134/5)
15 - 17 - 19 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana O JOELHO DE CLAIRE (le Genou de Claire), c/ Jean Claude

APOLO 70 (Telef. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
IVAN O TERRÍVEL um filme genial de Sergei Eisenstein. Devido à sua grande metragem o filme começa à hora do espectáculo

TIVOLI
15.00 - 18.15 - 21.30.
(Grupo D - 18 anos)
A preços reduzidos
Quem é o homem dos cabelos compridos? A HORA DA VERDADE (Cran d'Arret) com Bruno Cremer, Renaud Verley, Marianne Conntell, Mário Adorf, Raffaella Carra.

MONUMENTAL (Telef. 555131)
21.30
(Grupo C - M. 14 anos)
VAGABUNDOS SELVAGENS UM «Western» de grande classe c/ William Holden-Rya O'Neal Karl Malden

CASINO ESTORIL (Telef. 2646176)
17.00 - 21.30
(M. 18 anos)
A TESTEMUNHA c/ Mark Les, Lionel Veffries

ESTÚDIO 444
14.30 - 16.45 - 19 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
3ª. Semana. Novo triunfo de Ingmar Bergman A VERGONHA c/ Max Von Sydow Liv Ullmann.

SATÉLITE
14.30 - 16.45 - 19 - 21.45
(Grupo D - M. 17 anos)
7ª Semana. Um filme excepcional de Vinconti MORTE EM VENEZA

LIDO (Telef. 937593)
21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
Um drama único, diferente, real, violento GENTE SEM COMPAIXÃO Uma das melhores interpretações do artista Kirk Douglas

IMPERIAL (tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo B - 10 anos
O NOSSO AGENTE EM VIENA e O MALANDRO DA BATA BRANCA

RESTELO
21.30
(Grupo D - M. 8 anos)
Em Technicolor AGÊNCIA DE VIGARICES c/ Sidney James, Kenneth Williams

18.30
(Grupo A - 6 anos)
Matinée Infantil
TIM TIM E O TEMPLO DO SOL

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(M. 18 anos)
Elliot Gould e Brenda Vaccaro na satírica comédia conjugal em Technicolor UMA CERTA FORMA DE AMAR

ODEON (Telef. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
Emma Penella no extraordinário filme FORTUNATA E JACINTA Eastmacolor

ROYAL
15.00 - 21.00
Grupo - D M. 18 Anos
OS INSACIAVEIS e COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
21.00 - 23.00
«O aniversário da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00
«O Zé aperta o cinto».

A.B.C.
10.45 - 23.00
(18 anos)
«Saídas da casca»

VARIEDADES
21.45
(18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento».

MONUMENTAL
21.45
(18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
«O Vison-Voador»

COLISEU
21.30
(6 anos)
«Circo»

CAPITÓLIO
21.45
(17 anos)
«Querida Mamã»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00
(10 anos)
«Príncipe Valente»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«O Presidente do glorioso Futebol Clube

JARDIM
21.00
(10 anos)
«Monte Walsh»

PARIS
21.00
(18 anos)
«A Ruptura»

CAPITÓLIO (Terraço)
21.00
(10 anos)
«El Dorado»

ROYAL (Telef. 865037)
21.30
(18 anos)
«Os insaciáveis»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos).
«O malandro de bata branca»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (10 anos)
«Quem roubou a corôa»
E «O Agente diabólico»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (17 anos)
«Os Indiferentes»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«O Filho de Shana»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (14 anos)
«Macho Kaalahan»

ESTORIL
Casino
18.30 21.30 (10 anos)
«As sandálias do pescador»

ESTORIL
Palácio
21.30 (17 anos)
«Destinos opostos»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«O círculo vermelho»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15
(18 anos)
«E tudo o vento levou»

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«A noite do ultimo dia»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (17 anos)
«Amores proibidos»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Os corredores da montanha»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Aeroporto»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Jovens fugitivos»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.00 (18 anos)
«Os amores de uma loira» e «Golpe de mestre à Napolitana»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos)
«Um homem de quem eu gosto»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (18 anos)
«A vida de uma mulher»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (17 anos)
«Raquel, Raquel»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45
(18 anos)
«Pimenta na Língua»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DO OURO
21.30
(18 anos)
«Um marido infiel»

BATALHA
21.30 (18 anos)
O Estranho amor de um marido»

CARLOS ALBERTO
21.00
(10 anos)
«Estrada do Inferno»

COLISEU
21.30
«Tora, Tora, Tora»

ESTÚDIO
21.30
(12 anos)
O Vale do fugitivo»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«A Doce Vida»

OLÍMPIA
21.30
(14 anos)
«Quando as pistolas decidem»

RIVOLI
21.30
(14 anos)
«A Adolescente e o quarentão»

S. JOÃO
21.30
(18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Despertar de uma adolescente»

VALE FORMOSO
21.30
(10 anos)
«Rosas brancas para minha irmã negra»

COIMBRA

AVENIDA
21.30
(18 anos)
«O inimigo público»

SOUSA BASTOS
21.30 (17 anos)
«Beija-me idiota»

GIL VICENTE
21.30
(6 anos)
«A canção da Noruega»

TIVOLI
21.30
(18 anos)
«Love Story» (História de amor).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA:
Infante Santo, R. do Olival, 290 (Tel. 661001); **Probidade**, Rua de Alcântara, 15-A (Tel. 638589).

ALMIRANTE REIS:
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

ALTO DO PINA:
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912).

ALVALADE:
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo**, Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859); **Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (á Av. do Brasil) (Tel. 765262).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (Tel. 790969).

ANJOS:
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513).

AREEIRO:
Central, Av. Paris, 2 (Tel. 720820).

AVENIDA DA LIBERDADE:
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); **Galénica**, Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588).

AVENIDAS NOVAS:
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (á Av. da República) (Tel. 772291); **Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43936); **Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (Tel. 763016).

BAIRRO ACTORES:
Aliança, Avenida Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

BAIRRO ALTO:
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIXA:
Internacional, R. Aurea, 228 (Tel. 322017)

BENFICA:
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); **Marques**, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vitrex**, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).

CAMPOLIDE:
Imparcial, R. General Taborda, 28 (Tel. 680931); **Rualto**, A. Alto do Carvalhão, 5-A (Tel. 651721).

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (tel. 666206); **Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969).

CONDE DE REDONDO:
Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (Tel. 45048).

ESTRELA:
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758).

GRAÇA:
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 840125); **Monte (do)**, R. Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Anunciada**, R. do Vigário, 74 (Tel. 866360); **Progressiva**, R. de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619).

GRILO:
Grijó, R. do Grilo 25.

LUMIAR:
Patuleia, R. do Lumiar, 120 (Tel. 790332).

OLIVAIS:
Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro, Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS:
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA:
Mariuz, Cal. da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

RESTELO:
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO:
Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. BENTO:
Valentim, R. Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 679453).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Brandão, Av. da Republica, 77-C (Telef. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
S. João, S. João do Estoril (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeirt (wtelef 260087)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 281419); **Nova**, Est. de Alvide — Fontainhas, (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

AMADORA
Melo, P. D. João I, lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja x-I Reboleira (Telef. 938424)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299086)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Guemão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 65-B (Telef. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2273035)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Telef. 22488)

SEIXAL
Godinho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

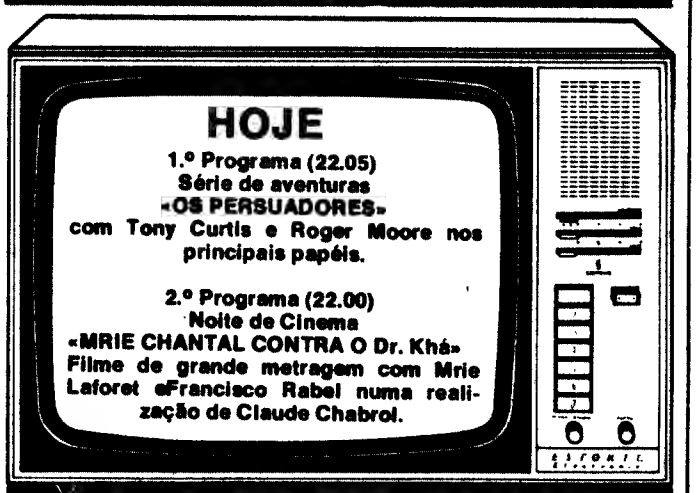
PORTO

Alírio de Barros, Sucr. Rua Costa Cabral, 240; **Boavista**, Rua da Boavista, 601; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Central**, Rua de S. António, 203; **Contumil**, Rua de Contumil, 540; **Cerujeira**, Rua S. R. da Lameira, 1473; **Garantia**, Rua Fernandes Tomas, 696; **Lemos & Filhos, Lda.**, Praça de Carlos Alberto, 31; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **Pinheiro Manso**, Rua S. João de Brito, 25-29 **Sá**, Rua do Vale Formoso, 181; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Foz**, Rua Sra. da Luz, 382 - Foz.

COIMBRA

Estádio, Rua do Brasil, 348 - r/c (tel. 24410); **Miranda**, Pr.ª do Comércio, 41 (tel. 23261); **Batista** Pr.ª da República, 9 - 10 (tel. 23747).

televisão



SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura.
12.46 Dia do senhor.
13.05 Missa.
13.45 Telejornal 1.ª edição.
14.00 Série juvenil.
14.25 Hoje pode ver.
14.40 TV educativa.
15.00 Tarde de cinema
16.30 TV infantil.
17.20 Expedição.
17.50 Domingo desportivo 1.ª edição.
18.05 Homens e aviões.
18.30 TV rural.
19.00 Série comédia «Olho Vivo».
19.45 Pop 25.
20.35 TV 7.
21.30 Telejornal 3.ª edição.
22.05 Série de aventuras «Os Persuadores».
23.00 Fados.
23.20 Domingo desportivo 2.ª edição.
23.50 Marcha do mundo.
23.55 Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura.
20.30 Do lá si.
21.00 Série filmada.
21.30 Telejornal 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «Marie Chantal contra o Dr. Khá»
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura.
12.46 Missa do Dia de Todos-Os-Santos.
13.25 Um dia com...
13.45 Telejornal 1.ª edição.
14.00 Série do Oeste «Arnie».
14.25 Logo á noite.
14.30 Fecho.

2.º Período

19.00 Abertura e TV Educativa.
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes».
19.30 Telejornal 2.ª edição.
19.45 Cartaz TV.
20.00 Povo que canta.
20.30 Portugal além da Europa.
21.00 Série de aventuras «Nanou».
21.30 Telejornal 3.ª edição.
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo.
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Arnie».
21.30 Telejornal 3.ª edição.
22.00 As grandes batalhas.
23.30 Fecho.

TUDOR pilhas para tudo...

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P S. P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado com excepção do Algarve onde se apresentava muito nublado, o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17.º
PENHAS DOUR.	11.º
COIMBRA	18.º
PORTALEGRE	17.º
LISBOA	15.º
FARO	20.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima	27.º
Mínima	6,2.º

Temperaturas no Estoril

Agua do mar	16.6
Atmosfera	18.

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.56	3,9 m	7.23	1,1 m
14.11	4,1 m	19.49	0,9 m
Dia 1			
2.41	4,1 m	8.11	0,9 m
15.08	4,3 m	20.36	0,8 m
Dia 2			
3.35	4,2 m	8.58	0,7 m
15.55	4,4 m	21.18	0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Possibilidade de aguaceiros fracos nas regiões do Sul, céu pouco nublado ou limpo nas regiões do centro e Norte, vento fraco a moderado de Leste.

AMANHÃ

Nascer às 8.03.º
Ocaso às 18.38.º

Dia 2	Dia 9	Dia 18	Dia 25

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60$00. **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré. Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara. Tocam Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90$00. **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

TAMILA Marão e s/ conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

«A SERENATA» Cantam Cidália Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico Cantares de Portugal. **Rua Diário de Notícias, 122. Telefs. 32359 e 324381**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho. Tocam Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam Liberto Conde e Américo Silva. Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira. Encerra as segundas-feiras. Consumo mínimo 70$00. **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

a furna
música gravada
ceias até as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)

D. QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto até as 5 da madrugada. Encerra aos domingos. **Rua da Trindade, 9. Telef.** 327109

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefs. 26451-264526-264586-264621-264946**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. **Encerra às 3.30 horas. Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas. Música constante. **Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264**

MAXIME Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. Show turístico. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 58. Telf. 55366**

HIPOPPOTAMO Conj. Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver. **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 539171.**

BATACLAM Bar Discoteca. Bar aberto das 19.00 as 3.30h. Disc. Aberto das 22.00 as 3.30h. Noites de Paris em Lisboa. Encerrado ao domingo. **Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tome, 86. ABC. Alfama. Lisboa. Telef. 861633.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde desportiva: Rádio desporto: relato, informações e comentários dos jogos da 7ª jornada do campeonato nacional da 1ª divisão.
17.45 Actualidade desportiva.
18.05 Girândola.
19.10 Música da europa.
20.00 Diário Sonoro.
20.20 Resumo do programa - êxitos em parada.
21.00 Rádio desporto.
21.30 Pequena história do teatro musicado em portugal
22.00 Teatro das Comédias: «Os dois estudantes», de Nicolas Moratin, numa adptação de Manuel Lereno.
22.45 Música portuguesa.
23.05 Sol e toiros.
23.30 Ritmos em constante.
24.00 Fecho.

2º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Mozart para instrumentos de sopro (música de câmara) - sonatas para flauta e cravo.
18.00 Concerto de domingo - festival de Viena de 1971 (gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca)
18.31 Intervalo do concerto o trabalho do pintor (Pouleng).
18.39 2ª. parte do concerto de domingo.
19.30 Quarteto nº. 1, em Ré Maior OP. 11 (Tchaikovsky), pelo Quarteto Dorodine.
20.00 Sinal horário — diário sonoro — boletim meteorológico.
20.20 A orquestra de câmara «Musici Pragenses» — sinfonia em Ré Maior (Duseko português, pelo Dr. Caldeira Pais.
21.00 Recital pelo pianista Sérgio Varela CID, 2º Programa da audição integral das baladas e scherzos de Copin.
21.1 **Concerto para violino e orquestra.**
21.30 Que quer ouvir? — Programa elaborado pr MRGAIDA Brandão.
23.00 A Voz do Ocidente.
01.15 Fecho.

Emissão em MF 2

14.30 Desdobramento — resumo do programa música sinfónica. — Concerto nº. 3, em MI BEMOL MAIOR OP. 29 (saint-saens).
15.00 2º. acto da Opera «as duas viúvas» (smetana).
16.10 Concerto nº. 1, em MI BEMOL MAIOR OP. 11, para trompa e orquestra (strauss).
16.30 Música de piano — sonata nº. 30, OP. 109, em MI MAIOR (beethoven), por Ernst von Dohnányi.
17.00 Fecho.

Modulação de Frequência 2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Música coral sinfónica — cantata pastoral BWV 249 (João Sebastião Bach).
22.45 Música de tecla — sonata em SI BEMOL MAIOR D. 960 «OP. POSTUMO», pelo pianista, Wilhelm Kempff.
23.45 Música de câmara — sinfonia em SOL MAIOR (holzbauer).
00.14 Música sinfónica — Fracamento do poema sinfónico «A minha Pátria»: Moldávia» (smetana)
01.00 Fecho.

Rádio Clube

14.55 Tarde desportiva.
17.00 Totobola.
17.03 Projecção.
17.33 Meia hora depois.
18.00 Música pelo caminho.
18.45 Ritmos em desfile.
19.02 Formula 1.
19.30 Rádio jornal.
20.07 A orquestra de domingo.
20.15 Comentador desportivo.
20.30 Semana 7.
20.45 A estrela da noite.
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens biblicas.
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Emissor Miramar

14.55 Tarde desportiva.
17.02 Auto rádio.
17.45 Orquestras e canções.
18.01 Música e desporto.
18.30 Som-actualidade.
19.03 Conjunto.
19.15 Campeão português.
19.30 Boletim desportivo.
20.10 Norte dia a dia.
21.04 Viagens na nossa terra.
21.30 A voz da esperança.
22.03 Selecção de ritmos.
22.30 Variedades.
23.04 Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva.
17.00 Musica ao volante
17.45 Melodias na tarde
18.05 Programa Meada.
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires.
2020.00 Música para o seu jantar.
20.58 Meditando.
21.00 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Desfile de sucessos musicais
23.00 A 23ª. hora.

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL.
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º?2,ºE-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

BANQUETE DE CONFRATERNIZAÇÃO COMEMORATIVO DO 45 ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO BANCO DE ANGOLA

Cerca de 700 pessoas participaram no banquete comemorativo da passagem do 45.º aniversário da fundação do Banco de Angola, que, ontem à noite, se efectuou no moderno salão-restaurante do Casino Estoril.

A festa a todos os titulos digna de registo decorreu em ambiente de franca confraternização, assinalou expressivamente o espirito social que preside ao Banco de Angola.

Na mesa de honra sob a presidência do dr. Mário de Oliveira, governador do referido estabelecimento bancário, encontravam-se administradores com suas esposas e empregados superiores e senhoras.

Presentes todos os empregados do Banco em serviço na sede e agências de Lisboa. Aos brindes usaram da palavra em primeiro lugar os srs. coronel Ricardo Durão, em nome do conselho fiscal, e João Fernandes, empregado com 45 anos de serviço - tantos quantos comemora aquela instituição de crédito.

No final, o dr. Mário de Oliveira, proferiu o seguinte discurso:

«E-me particularmente grato dirigir-me a todos vós, em nome do Conselho de Administração, para agradecer a vossa presença neste jantar que outro objectivo não tem se não o de congregar numa reunião de convívio aqueles que, com o seu labor quotidiano, contribuem para o crescente prestígio da Instituição que hoje comemora 45 anos de existência. Em Angola e no Porto realizam-se também reuniões com igual objectivo.

Aproveita-se o ensejo que um novo lustro da vida do Banco oferece para distinguirmos, com uma lembrança de reconhecimento, os empregados que completaram 10, 20, 25, 30 e 45 anos de serviço. Segue-se, assim, uma tradição que deve ser mantida.

Ouvimos, com o maior interesse, as expressivas palavras que aqui foram ditas pelo sr. coronel Ricardo Durão, em nome do Conselho Fiscal. O seu apelo à unidade de pensamento e acção constitui uma exortação do maior alcance para esta comunidade de trabalho que se orgulha de ser o Banco de Angola.

Deixe-me que lhe diga senhor coronel quanto admiro o seu carácter e a sua personalidade, bem vincados no testemunho de uma vida sempre fiel a tudo aquilo que exalta a Nação e sempre intransigente com tudo o que a possa dividir ou enfraquecer.

Todos ouvimos, também com o mais vivo interesse, as palavras proferidas pelo sr. João Fernandes que falou em nome daqueles que têm tantos anos de Banco quantos este conta de vida. Melhor representados não poderiam ficar os distinguidos.

Agradeço-lhe as boas e generosas palavras que quis dirigir à Administração e a sugestiva evocação que fez da vida da empresa na perspectiva de quem pôde acompanhá-la de perto em todas as suas vicissitudes e contingências.

As suas palavras, João Fernandes, são um expressivo depoimento, prestado por quem soube interpretar, em sereno e sucinto exame dos factos, a trajectória da vida do Banco e o condicionalismo em que ela se processou.

Evidenciou-se o alto papel que o Banco de Angola desempenhou no apoio às actividades económicas da Província e o poder de adaptação que revelou ao longo dos anos, projectando e ampliando a sua actividade na metrópole, em consonância com as exigências de um movimento expansivo, ditado não só pelos interesses empresariais mas também pelos da própria Nação.

Isto quer dizer que o Banco de Angola manifesta a sua força como empresa, a sua capacidade orgânica e operacional para responder às solicitações decorrentes da marcha inexorável do tempo.

A este propósito, julgo oportuno acrescentar algumas palavras no sentido de referir o que entendo por «instituição» e o transcendente significado que o seu conceito envolve. Será que o nosso banco merece verdadeiramente essa designação? E a isto que procurarei responder em breves considerações.

E frequente empregar-se o termo sem contudo se ponderar o seu verdadeiro alcance e valimento na ordem económica, social e cultural.

E porque a matéria não tem mero interesse académico, mas toca, por inteiro, um juizo de valor acerca do comportamento das empresas, na sua dinâmica social, arrisco-me a formular ligeiras reflexões sobre o tema, confiando-as ao âmbito do sector em que desenvolvemos a nossa actividade.

O decurso do tempo é, em si mesmo, um relevante factor de consideração no plano da vida de qualquer orgão colectivo.

A experiência acumulada no trato de uma prolongada e continuada gestão; a sucessão de gerações que vêm servir, na perspectiva de novos métodos, os seus objectivos sociais; as relações de trabalho e de convivência que nele se estabelecem, entre pessoas de várias idades e formações; a constante mutação do condicionalismo do sector ou do meio onde se actua e nos quais interferem os múltiplos factores que a vida social sempre desencadeia, a aconselharem adaptações de processos de organização e de trabalho ajustados às crescentes e complexas exigências do público - tudo isto, e o mais que não vale explicitar, vai gerando a formação, no seio das empresas, de um espírito próprio, de feição comunitária, que será tanto mais forte e florescente quanto melhor saiba apontar e seguir o caminho da evolução e da actualização.

A inovação de métodos será, assim, o corolário lógico do poder de adaptação que a capacidade das empresas revelarem no seu comportamento perante uma economia de mercado em permanente mutação.

É evidente que esse espírito comunitário de que falavamos pode tomar expressões antagónicas consoante a atitude de princípio que o anima - ou se fecha na contemplação estática do seu pequeno mundo de interesses e afere a ordem social que o rodeia pelos objectivos de êxito imediato que quer alcançar, ou se abre à sistemática consideração das grandes coordenadas em que se move o interesse geral para avaliar do seu adequado comportamento presente e futuro, na identificação desse interesse.

Quando prevalece a primeira expressão, cai-se naturalmente na perspectiva do que é *imediato*, do que pode satisfazer um anseio de lucro emergente, um sucesso circunstancial.

Ao contrário, quando prevalece a segunda perspectiva, a empresa - pois só desta estamos a tratar - procura afeiçoar a sua actividade, sem prejuízo da compatibilização dos seus interesses próprios aos ditames do bem comum.

Nisto se distinguem as empresas que querem viver sob o signo da contingência, do oportunismo, e as que desejam viver e prosperar na consideração da permanência, da continuidade.

E evidente que, neste quadro conceptual, as empresas - como as pessoas, - que adoptam a primeira expressão tendem a hipertrofiar a formulação dos seus direitos, reivindicando-os sistemàticamente, sem curar de saber se eles se comportam na ordem comunitária em que se situam ou se colidem com o equilíbrio socio-económico desta.

Inversamente, as que poderíamos integrar no segundo grupo pautam a sua actividade e o seu comportamento na consciência de que aos direitos têm de corresponder deveres e que entre estes figura o respeito pelas limitações que a vida de relação social impõe a cada um, se se não quiser desarticular o seu ordenamento e ferir de morte a sua continuidade e o seu progresso.

É nesta última categoria de empresas que se gerem, crescem e fortalecem as instituições privadas e que, mercê do seu comportamento funcional, servem o interesse colectivo pois não deixam petrificar as suas estruturas orgânicas. Sabem adaptá-las ao permanente fluir da vida, informando-o na adopção de novos e sucessivos métodos de acção sem todavia esquecer o sedimento de experiência acumulada. E é através desse sedimento - a que poderemos chamar cultura institucional - que se depuram os desvarios momentâneos e se seleccionam e elegem as legítimas aspirações colectivas que hão-de determinar as adequadas reformas orgânicas.

São as empresas que assim procedem as que conquistam a consideração e o respeito públicos, porque, sem ignorar o seu passado, não o subestimam o presente nem ignoram o futuro. Procuram sempre prospectá-lo para que as decisões de agora não venham comprometer o porvir.

Assim, sem prejuízo do exercício dos seus legítimos direitos, sabem também apontar aos outros e a si mesmas os deveres sociais que a cada um incumbe na vida de relação comunitária.

Será que o Banco de Angola se insere nesta categoria?

Pois eu penso que sim.

E por isso podemos, com propriedade, designá-lo como *instituição* privada.

A empresa que detém em Angola o privilégio de emissão está impregnada do espírito de servir os superiores interesses que lhe foram confiados pelo Governo.

Na província prosseguimos uma política estreitamente ligada à orientação estabelecida pelos Poderes Públicos. E prosseguimo-la na consciência de que o nosso próprio interesse, como empresa - que quer merecer o título institucional, e que, aliás, o consenso público já lhe outorgou - depende intimamente da identificação com a perspectiva do *mediato*, do que está para além da visão limitada do quotidiano e que, por natureza, é fugaz e efémero.

O Banco desenvolve em Angola uma dupla actividade - a de emissor e a de prestamista directo.

Nestas duas qualidades não pode desprender-se da preocupação de zelar pela solvabilidade interna e externa da moeda que emite e cabe-lhe regular a dação do crédito em termos de servir predominantemente a aceleração do desenvolvimento económico da Província, que é afinal a primeira causa das distorções cambiais emergentes.

Não estamos em Angola interessados em ampliar o campo da nossa actividade directa perante o público, antes desejamos que as circunstâncias nos proporcionem a possibilidade de nos irmos remetendo progressiva e gradualmente à nossa função mais nobre - a de banco dos bancos. É para aí que devemos caminhar. Mas é necessário que o incipiente sistema bancário de Angola no-lo permita, pelo apuramento da consciência dos seus deveres sociais, evitando uma concorrência interbancária que em nada concorre para modicidade das taxas de juro nas operações activas.

Na metrópole estamos particularmente empenhados em promover a nossa expansão como banco comercial, aceitando evidentemente as regras de conduta que desejamos prevaleçam em Angola.

Necessário se torna que todos tomemos plena consciência dessa orientação, pois é indispensável que o Banco alcance, aqui, dimensão proporcionada à estatura orgânica e institucional que possui na Província. Será até a melhor maneira de servir os seus superiores interesses no contexto do conjunto nacional.

A plena noção dos nossos direitos e deveres sociais manifestar-se-á, porém, sempre no comportamento do Governo do Banco para que continuemos a merecer do público o honroso título de instituição.

Aliás, na esfera das nossas aspirações empresariais e dos nossos deveres institucionais cabe, por inteiro, o desejo de colaborar activamente numa política monetária, financeira e cambial verdadeiramente ajustada à amplitude do espaço português - à formação de um amplo mercado nacional onde se alentem e viabilizem os esquemas de produtividade na multiplicação das trocas em todos os sentidos e no quadro dos nossos territórios esparsos pelo mundo.

Como poderemos nós responder e corresponder a estes transcendentes objectivos? A este desafio como agora se diz? Pois naturalmente servindo o Banco, em dedicação e devoção na consciência de que as metas visadas podem efectivamente contribuir para uma progressiva elevação do nível de vida de todos os portugueses.

Será demais pedir-lhes, a todos vós, que prossigam as tarefas em que todos estamos empenhados no labôr fecundo da nossa actividade funcional? Cuidamos que não. O vosso exemplo, tão amplamente demonstrado ao longo destes 45 anos, há-de ser penhor da prosperidade da empresa que servimos e através desse exemplo há-de dar-se testemunho do nosso prestígio empresarial e institucional onde quer que viva ou actue o Banco de Angola.

Não esqueçamos que a nossa actividade se projecta em dois continentes, e que a nossa maior província ultramarina tem fabulosas potencialidades económicas e humanas ainda por muito ignoradas subestimadas, mas que o esforço e o engenho dos homens hão-de fazer desentranhar em riquezas produtivas pela adequada atracção de investidores nacionais e estrangeiros.

Isto é sumàriamente o quadro comunitário em que vivemos e a forma como queremos trabalhar para servir a empresa e também o País a que nos honramos de pertencer.

Queiramos nós, queiram os portugueses de boa vontade e de espírito recto e audacioso e Portugal será decerto «uma grande e próspera nação».

Para os empregados do Banco que trabalham em Angola quero exprimir daqui uma saudação particularmente afectuosa, não esquecendo o seu devotado labôr, muitas vezes exercido, como bem lembra o João Fernandes, na mais difíceis e melindrosas situações.

E fazem-no com exemplar dedicação, com o melhor espírito de servir os interesses da Instituição e de Portugal. Bem hajam, por isso!

Uma última palavra para formular um voto: o de que nos possamos todos reunir, daqui a cinco anos, em Angola e na metrópole, no melhor espírito de confraternização, para comemorar o primeiro cinquentenário da instituição que servimos. E que nessa data nos possamos também congratular pela desejada paz de que tanto necessitam as nossas províncias de além-mar, e todos aqueles que ali vivem e labutam generosamente.

Queira Deus que este voto possa transformar-se numa grande e esplendorosa realidade e que possamos nós todos jubilosamente reconhecer, em consciência, que também contribuímos com a nossa quota parte de esforço, de determinação e de perseverança para a realização desse anseio comum dos portugueses de todas as latitudes do espaço nacional».

NAS CIDADES DO PORTO E DE LUANDA

Idênticas cerimónias efectuaram-se, também, ontem, nas dependências do Banco de Angola, no Porto, sob a presidência do eng.º Teixeira de Sousa, administrador; e em Luanda, presidida pelo sr. Nuno Morgado, vice-governador.

MISSA POR INTENÇÃO DOS ADMINISTRADORES E EMPREGADOS

Na igreja da Conceição Velha e mandada dizer pelo conselho de administração do Banco de Angola foi, ontem, de manhã, celebrada missa de sufrágio por alma dos administradores e empregados falecidos, cerimónia que foi muito concorrida.

diário de um volkswagen

OUTUBRO 31 DOMINGO

22381 kms

Foi mais um fim de semana em família. O clube do Silva jogou fora e fomos dar a voltinha do costume. Voltei carregado que nem um burro, eu, um VW, que sou acusado de ter pouco espaço para bagagem.

Acarretei com uma saca de batatas e meia dúzia de garrafões, fora o resto! Não há dúvida: sou pau para toda a obra.

O que vale é que aos Domingos não sou ultrapassado!

AG-87-99

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L.
avenida da liberdade,12 – tels.366751/7 - 370171/5 — lisboa
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

A NOVA CRÍTICA EM QUESTÃO
PAGINA QUATRO

PRONTUÁRIO DAS LETRAS
PAGINA CINCO

Proposta bem humorada para a criação da pontologia

Por E. M. de MELO e CASTRO

1. A ESCRITA ALFABÉTICA

A escrita alfabética que utilizamos é uma notação incompleta. Ao escrevermos um texto registamos os sons que compõem as palavras mas nada indicamos por exemplo quanto ao ritmo, intensidade, altura, emotividade, etc., com que o texto deve ser lido. Ao leitor fica o trabalho de entender como ele deve ser lido, de criar até a colaboração emocional da sua leitura.

Evidentemente que nada tenho contra isso, antes pelo contrário, acho que assim a nossa escrita fica naturalmente aberta e requer até um certo grau de participação activa do leitor, intérprete do texto lido.

2. A PONTUAÇÃO

Mas existe a pontuação. Esta é um código auxiliar que tem duas funções:

a) Introduzir uma certa ordem no texto (caso do ponto final, da vírgula, do ponto e vírgula, parêntesis, travessão).

b) Dar indicações auxiliares quanto à intensionalidade — ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências.

Temos assim o esboço de dois códigos não alfabéticos que se entrelaçam na escrita alfabética tentando por um lado introduzir-lhe ou evidenciar uma ordem, e por outro dar um rudimentar colorido intencional a certas passagens.

Nada ficá dito quanto à velocidade, ritmo, altura ou outros parâmetros da leitura, quer fonéticos quer semâticos.

A pontuação é assim um complexo código ideográfico, cujos sinais são puramente arbitrários.

A pontuação pode ser considerada como uma escrita ideogramática que se introduz e sobrepõe à escrita alfabética controlando-a sob certos aspectos.

3. UMA RELAÇÃO FUNDAMENTAL

O valor da relação escrita alfabética/escrita ideogramática é por isso variável de texto para texto e depende do escritor. E isto que vulgarmente se chama o «uso da pontuação» e que em alguns escritores chega a adquirir um enorme valor textual de comunicação e noutros á pràticamente nulo, tal o uso convencionall, ou reduzido que se faz dos sinais ideográficos de pontuação.

4. AS POSSIBILIDADES

Na poesia actual tem-se tentado introduzir uma pontuação com um significado temporal. E o caso da substituição das vírgulas por espaços em branco entre as palavras. Daí a aumentar esses espaços em branco indicando pausas maiores, foi um simples passo que conduziu muitos poetas (como por exemplo Maria Alberta Menéres) à valorização do espaço em branco da página como valor estrutural e expressivo do próprio texto do Poema. Assim se pode dizer ter-se criado um novo sinal de pontuação — o espaço em branco. Este espaço em branco adquire mesmo para Malarmé no «Coup de dés» e na Poesia Concreta (visual) um valor determinante de estrutura do texto. Mas muitos outros Poetas têm feito uso suigeneris da Pontuação, usando-a como código especificamente Poético e não como auxiliar da escrita. E o caso de Ângelo Lima (1915). Na sua Poesia os sinais e as letras maiúsculas fazem parte do próprio Poema, que sem eles ficará irremediàvelmente truncado.

Foi o próprio Poeta que disse que: «Todas as palavras que escrevia assim era por virtude de adquirirem para ele no momento em que lhe saltavam do bico da pena, um sentido, uma significação superior, mais intensa e mais alta, no seu máximo valor expressional». Esta declaração é em si própria de um valor excepcional, revelando a plena consciência do Poeta quanto ao valor das maiúsculas e da pontuação usadas criativamente num texto escrito.

Isto por si só afasta as correntes especulações quanto ao aberrante, ao anómalo ou até ao louco da escrita Poética de Ângelo de Lima (a não ser que todo o uso criativo da escrita seja aberrante, anómalo, louco...).

Também Maiakovski usou uma pontuação sui generis ao quebrar as linhas (versos?) em fragmentos escalonados na página, uma intensão nítidamente rítmica e espacial, dando ao texto o valor de uma partitura para execução oral.

5. A PROPOSTA

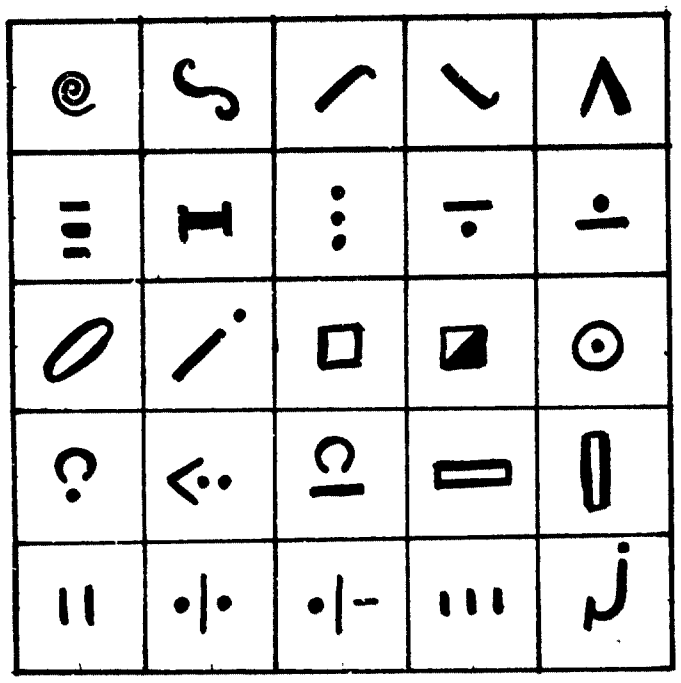
Tendo estes factos em consideração proponho (bem humoradamente) a criação de uma nova ciência da pontuação a que se poderia chamar: Pontologia.

Digo «bem humoradamente» porque hoje a acusação de «lúdico» é tão grave como era há 50 anos a de «louco», e tal como hoje sabemos serem muito ténues e até inexistentes as barreiras entre a «normalidade» e a «loucura», daqui a 50 anos será certamente reconhecido e aceite a não ser a diferenciação entre «sério» e «lúcido», para ficar só a sisudez de quem é sisu-dez de quem é incapaz de capacidade inventiva e fruição vivencial.

De acordo com este propósito, passo já a indicar alguns possíveis sinais de pontuação cuja criação e uso me parecem muito necessários e indispensáveis:

Ponto de vista
Ponto de confusão
Ponto de oposição
Ponto de caos
Ponto de continuação
Ponto de perplexidade
Ponto de renovação
Ponto de irreverência
Ponto de retorno
Ponto de fuga
Ponto de hesitação
Ponto de indecência
Ponto de comparação
Ponto de indiferença
Ponto de recusa
Ponto de incidência
Ponto de estupefacção
Ponto de fusão
Ponto de relação
Ponto de invenção
Ponto de folia
Ponto de protesto
Ponto de saída
Ponto de solução
Ponto de entrada
Ponto de ilusão
Ponto de jogo
Ponto de tristeza
Ponto de alegria
Ponto de sisudez
Ponto de certeza
Ponto de ambiguidade
Ponto de redundância
etc., etc., etc.,

Numa figura anexa propõe-se 25 sinais de pontuação que poderão ser identificados como correspondentes (arbitràriamente?) a alguns dos pontos referidos, ou a outros que possam ser sugeridos. Assim se aumentará o teor ideográfico-sintético da nossa gasta e imprecisa escrita analítica.



Alguns apontamentos sobre a nova temporada teatral - 2

Por Luís de Sttau Monteiro

No primeiro destes breves apontamentos sobre a época teatral agora iniciada - dir-se-ia que propositadamente para nos dar razão, com as presenças em cena de «O Zé aperta o cinto!», «Saídas da casca», «Empresta-me o teu apartamento», «Uma cama para toda a gente» e «Querida Mamã» - afirmámos que o teatro, entre nós, não passava de um fenómeno localizado e definimo-lo como sendo um inócuo divertimento do português de Lisboa.

Vamos hoje continuar a examinar, ainda que sumàriamente, o panorama teatral, dedicando, como manda a lógica, estas linhas ao exame do que se pppassa em Lisboa em matéria de teatro.

Não foi por acaso que previmos, no primeiro destes comentários, a continuação do regime do morgadio em que tem vivido o teatro português, como não foi por acaso que recorremos, para o defenir, a uma expressão relacionada com um regime de transmissão de propriedades ultrapassado e paralisador. O facto do morgado actualmente incumbido de conservar a inocuidade do património herdado se ihama Morgado é uma pura coincidência a que reconhecemos um certo cunho humorístico que não invalida a razão de ser da expressão.

O que era, em essência, o morgadio? Um regime legal de transmissão de propriedade

Dividido por um, dois, ou três herdeiros, o património familiar sairia da esfera patrimonial dessa classe - conservado nas mãos de um só herdeiro, continuaria ao seu serviço, retardando o inevitável, mas aos olhos dessa classe indesejável, evoluir do País.

Ora que tipo de relação espectador - espectáculo herdámos nós do século XIX? Sem querermos entrar numa análise profunda desta matéria - análise que aqui seria descabida - diríamos que no princípio do século tinhamos um teatro neutro, não interveniente, vinculado à problemática de uma burguesia satisfeita que, apesar de obrigada a ceder, de quando em quando, ao patriotismo oco e declamatório exigido por certas características fàcilmente explicáveis da mentalidade nacional, se sentia vinculada aos usos e gostos da burguesia.

A uma dramaturgia portuguesa de inspiração romântica que escapara quase inteiramente à influência dos homens da geração de 70, correspondia uma relação espectador-espectáculo socialmente inútil. O que interessava à burguesia de Lisboa não era um teatro actuante mas um teatro divertimento que se virasse para a emoção e não para a análise o teatro bem servido pelas peças de Lopes de Mendonça, de Marcelino de Mesquita e de Julio Dantas que, no dizer de Luciana Picchio iriam amarrar, por mais trinta anos, o teatro português a esquemas ultrapassados em quase toda a Europa.

Como não podia deixar de ser, a grande maioria das peças postas em cena logo a seguir ao virar do século eram todavia de origem francesa e, precisamente por se destinarem a uma pequena burguesia que tomava por «civilizado» o Paris dos turistas, enraizavam-se no «boulevard» e não no teatro sério francês.

Que esta situação, porém, se não atribua a uma futilidade arbitrária da burguesia lisboeta do princípio do século. A burguesia era o que era porque o País era o que era e, tal como ninguém de bom senso poderá estranhar que um ladrão não pense como um polícia, ninguém, também de bom senso, poderá estranhar que esta classe não defendesse um teatro que não conhecia e que não a representara.

Se o teatro anterior à 1.ª Guerra Mundial foi produto da consolidação de uma burguesia europeia que através dele exprimiu a sua problemática, como poderíamos pedir à burguesia de Lisboa que tivesse teatro se, como diz Vitorino Magalhães Godinho, «não se chegou a realizar no século XIX português, a sociedade burguesa (e) não foi possível, entre nós, a burguesia instalar a sua civilização»?

O teatro de «boulevard», pequeno-burguês, fútil e inócuo, satisfazia inteiramente as necessidades da pequena burguesia lisboeta que sustentava os teatros da época e porque o teatro nunca fez parte integrante da vida portuguesa, nunca se radicou na sua problemática e nunca teve o carácter de uma relação social necessária ao evoluir da consciencialização do País, não se poderá estranhar que lhe não exigissem mais.

E que só é ilegítimo dizer que um povo tem o teatro que merece desde que não se atribua a essa expressão um sentido ético ou depriciativo - um povo tem, sempre, o teatro que provém do evoluir das suas estruturas sociais e quando esse evoluir se processa sem a influência do teatro este tem, necessàriamente, o carácter de um «bibelot» decorativo, cuidadosamente guardado numa vitrine para uso exclusivo dos donos da herdade. Quando Pedro I resolveu enxertar o teatro à viva força numa Rússia de cuujas estruturas culturais ele não fazia

Continua na página dois

Alguns apontamentos sobre a nova temporada teatral

Continuação da página um

parte, esse teatro falhou e só se enraizou profundamente na vida russa quando a burguesia adquiriu a força necessária para o chamar a si transformando-o numa arma de combate contra a aristocracia que até aí o conservara numa redoma. Em que altura da nossa história é que tivemos um teatro activo, útil, capaz de exprimir a problemática ou o quotidiano do País? No tempo de Gil Vicente? Mas que sabemos nós da «relação social teatro» no tempo de Gil Vicente que não provenha de um profundo desejo de termos tido teatro no tempo de Gil Vicente?

Quais foram as peças da dramaturgia portuguesa que reflectiram a ocupação espanhola, a restauração, as invasões francesas ou as reformas liberais?

Por mais que desejemos o contrário, o evoluir português não teve reflexos cénicos e é, por isso mesmo, mais lícito falar em «espectáculos portugueses» do que em «teatro português» - o teatro é, repetimo-lo, uma relação social.

E claro que, tal como aconteceu na Rússia, o teatro podia ter-se transformado num instrumento actuante da vida portuguesa mas, para isso, teria sido necessário que a sociedade portuguesa tivesse evoluído de forma a recusar aos morgados a força com que estes sempre evitaram que o teatro fugisse da sua esfera patrimonial.

Poderá crer-se que aos Alegretes, aos Marialvas e aos Pina Maniques interessasse permitir ao País a possibilidade de dialogar através de uma relação que teria, mais tarde ou mais cedo, de contribuir para o transformar quando todo o seu interesse consistia, precisamente, em evitar essa transformação?

GARRET E A «EXISTÊNCIA» DO TEATRO PORTUGUÊS

«Em Portugal nunca chegou a haver teatro», escreveu Garrett na introdução a «Um auto de Gil Vicente» e não há dúvida de que o homem incumbido pela revolução de Setembro de criar as bases para a existência de um teatro português tinha razão. No que Garrett se enganou, como Pedro na sua Rússia em vias de europeização, foi em pensar que se poderia criar fora de tempo, um «gosto fictício» pelo teatro não decorativo e isto possìvelmente por não dispor dos elementos de que hoje dispomos para compreender as origens do teatro francês e do teatro espanhol que Garrett atribuia, ingènuamente, a «decisões» de Richelieu e da corte de Madrid...

Nunca a haver teatro antes de Garrett como nunca chegou a haver teatro depois de Garret e foi por isso que o teatro não interessou aos homens da geração de 70, como não interessou aos homens da República.

Temos espectáculos mas não temos teatro, como acontece sempre que um teatro se não radica na vida de um povo e se conserva, em regime de morgadio, na esfera patrimonial de uma classe.

Dito isto, podemos perguntar quais são as características dos espectáculos que interessam ao morgadio, quanto mais não seja para verificarmos se essas são as características do teatro que actualmente sobe à cena em Lisboa - digamos que, ao determinar estas características estamos a tirar a prova dos noves...

Antes de mais, como é evidente, só interessa ao morgadio um teatro inteiramente inócuo que assente na frivolidade e na superficialidade.

E que, assim caracterizado, o teatro nunca se poderá transformar num instrumento de diálogo e, portanto, de consciencialização.

Cantasse o judeu hinos a Maria, fossem as suas peças menos satíricas e menos populares no Bairro Alto e já os Marialvas, Alegretes e Atouguias o teriam aplaudido em lugar de se emparceirarem para o entregar à Santa e utilíssima - para eles, evidentemente... - Inquisição.

O REGIME DE MORGADIO E O TEATRO PORTUGUÊS

E assim passando a comentar o regime do Morgadio - agora já com maiúscula - em que vive o actual teatro lisboeta e, dado que não há teatro fora de Lisboa, todo o teatro nacional.

Não há dúvida de que o teatro produzido pela empresa Vasco Morgado é o que melhor se integra no tipo de teatro inócuo, de morgadio, que definimos como incapaz de se transformar num instrumento de diálogo e de consciencialização.

Se Garrett vivesse no momento presente e desejasse comentar o tipo de espectáculo que o Vasco Morgado monta nos seus teatros, poderia, com razão incluí-lo no tal teatro que «não chegou a haver», já que é susceptível de ser transmitido de geração em geração sem que o património do morgadio - aqui, sem maiúscula - seja afectado.

Inteiramente dirigido à pequena burguesia alienada e inculta que domina as avenidas novas de Lisboa, tal como a pequena burguesia francesa domina os «boulevards» de Paris, este teatro obedece a todos os requisitos necessários para que ao seu produtor seja permitido dominar seis dos oito teatros presentemente abertos ao público de Lisboa. Vivessem hoje os Alegretes e os Marialvas que entregaram o judeu à inquisição e subsidiariam o Vasco Morgado para poderem continuar a enganar o público afirmando haver teatro no País.

Atacado, por vezes com violência, pelos sectores mais conscientes do País defende-se este empresário devolvendo a acusação ao público ao afirmar que se o público se revelasse disposto a aceitar melhor teatro ele estaria pronto a fornecê-lo, o que revela, evidentemente, uma ingenuidade difícil de conceber nestes tempos que vão correndo. Antes de mais, se este empresário se tivesse revelado capaz de fornecer ao público um teatro susceptível de se transformar em fonte de diálogo, há muito que não teria seis dos oito teatros de Lisboa e há muito que um diploma legal «moralizador» e «cultural» teria regulamentado as condições de cedência das casas de espectáculo em termos de impedir que um só indivíduo domine a cena lisboeta. Até no que se refere à inexistência de um público capaz de custear um teatro sério este empresário não tem razão. É certo que as experiências do Teatro Moderno de Lisboa, do Teatro do nosso Tempo e do GAT - para só citarmos alguns exemplos - foram desanimadoras neste campo, mas a situação apontada, sobretudo num País a que falta a «relação social teatro», não será atribuível, em grande parte, ao próprio Vasco Morgado?

E que, para citarmos Lounatcharsky, há «produtores que corrompem o gosto de um público já corrompido e este público, por sua vez, transmite ao teatro o contágio da sua corrupção».

UM REPARO E UMA CONCLUSÃO PESSIMISTA

Para que se entenda tudo o que está a acontecer é necessário porém fazer aqui um reparo. Ao falarmos do Vasco Morgado não estamos a criticá-lo pessoalmente ou a imputar-lhe senão a responsabilidade que lhe compete. A situação do teatro português não se pode atribuir, como alguns ingénuos pretendem, às idiosincrasias deste empresário que a não se chamar Vasco Morgado, chamar-se-ia outra coisa qualquer sem que o panorama fosse alterado.

Interpretar o Morgadio em função da personalidade do Vasco Morgado e não em função do morgadio, é desconhecer inteiramente a função do teatro e a razão de ser de tudo o que, no campo teatral, se passa entre nós.

E damos por findas estas notas de hoje como o maior pessimismo: seis, oito teatros abertos ao público de Lisboa vão continuar, nesta temporada, integrados no morgadio. Por mais esforços que façamos, não conseguimos encontrar, perante o esquema acima delineado, qualquer esperança para o teatro português na próxima temporada.

DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

"É com POUPANÇA, PLANEAMENTO e INVESTIMENTO que as economias progridem"

SEGURO DE VIDA
é um investimento planeado a longo prazo, à custa das poupanças.

procure-nos

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS

fp SEGUROS

LISBOA · PORTO · LUANDA · LOURENÇO MARQUES · FUNCHAL · PONTA DELGADA

Excerto de «O Alfaiate sob as Lentilhas»

For FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

Entre as lentilhas, em água, uma página. Luminosas, o caule submerso, as folhas insertas na claridade, as plantas são sob a água muito claras, e depois da fase de fractura de ar e água, de tom escuro. O alfaiate, entre esse mundo onde já terá chegado há muito, repousa a sua profissão. Neste momento privado não o associaremos à fita negra de estrafor (strafford), às marcações exactas. Em Londres a costura é isto: dédalos ou dedais, fios cardados, siderurgia de agulhas e todo o transporte colectivo de amostras e aprendizes. Quando um alfaiate jaz priva-se da indústria: com ciscos de lentilhas sobre o dorso e mais acima ainda o autêntico sol a sol do ar poisado na película de água sobre o seu futuro crânio, na evolução das espécies. E mais acima a emersão das lentilhas ex-aqua, depois de uma repetida linha sem refracção em cada caule se erige e emerge e se carrega de um verde menos translúcido e, nessa zona, o obscurecimento ao rés do líquido conturba os olhos. No circular lago de Londres poderia da sua mão cair uma tesoura, o metal contra a pedra tinir, mas todo o ruído circunstante ser maior do que a perda; teria ido para a loja do próprio ofício, daí a armazém de ferragens londrino, e recomeçaria o ciclo do consumo que responde ou perturba o ciclo da produção. Então a página flutua. São folhas e folhas, numeráveis com o infinito tempo do alfaiate, a duração e a obediência dos olhos que tem entre o ver e o falecimento. Roça mais adiante noutras folhas de anverso eternamente ou progressivamente ao sol. Pensa numa só folha, génese dos animais, em Afonso o Décimo: que mìticamente o **pardo**, extinto, se unira a leo, e a Ásia conhecera nisso a sua tensão e extensão. São os músculos que operam: os dendritos cedem: eis o salto. O alfaiate prexiste, sabe, antes de transpor, que o tecido estriado é por natureza flexivo sob as células pavimentosas da derme. Lê e existe, em **la heureuse cuisine belge** (verídicamente) ou o excerto de um magazine que numa Londres ou no exsudado das lentilhas ainda é legível. Não vai retomar a sua prova, risco do possível giz e alinhavo, possesso do fascínio: ubiquidade, a letra que lê ambigua. Tal como um insecto é ostensivamente omnívoro.

"O Delfim" e o moderno romance português

Por NELLY NOVAES COELHO.

Do «**Jornal de Letras**» do Rio de Janeiro (Setembro de 1971) transcrevemos um comentário de Nelly Novaes Coelho ao romance de José Cardoso Pires, «**O elfim**», recentemente editado pela «**Civilização Brasileira**».

O lançamento do romance «O Delfim» de José Cardoso Pires «**O Delfim**», recentemente editado País), como volume inaugural da «Colecção Caravelas» que a Civilização Brasileira vem de criar - representa muito mais do que apenas um auspicioso acontecimento editorial. Para além da sua importância intrínseca, como obra-chave da novelística de Cardoso Pires, «O Delfim», nesta edição brasileira (realizada de acordo com Moraes Editores de Lisboa), surge ao nosso público como uma das mais importantes concretizações dos projectos que ùltimamente vêm sendo feitos (em Portugal e Brasil) no sentido de se atingir uma comunicação maior e mais fecunda entre os dois povos irmãos pela língua, pelas origens e pela cultura.

Com o mesmo sentido, pois, com que em Março deste ano foi lançada em Lisboa a revista **Colóquio/Letras**, da Fundação Calouste Gulbenkian, que (sob a direcção de Hernâni Cidade e Jacinto Prado Coelho) dá ampla cobertura a escritores brasileiros e portugueses; com o mesmo sentido com que o editor Lyon de Castro (de Publicações Europa-América) esteve recentemente entre nós ultimando os estudos para o estabelecimento de uma filial da sua editora, no Brasil, para lançar autores portugueses e brasileiros; agora a Civilização Brasileira inicia a «Colecção Caravelas», cujo plano é divulgar para o grande público brasileiro a literatura nova que Portugal está construindo e que, salvo raras excepções (lembramos a propósito as edições brasileiras de romances de Fernando Namora que a Editora Globo vem publicando...) tem permanecido desconhecido entre nós.

Portanto, pelas perspectivas de abertura cultural de que é sintoma claro, o lançamento brasileiro de «O Delfim» não podia ser mais animador. Sinal de que uma grave lacuna no mercado editorial principia a ser concretaente preenchida.

Da mesma forma, como obra reveladora da realidade portuguesa actual, a sua escolha (dentre tantos e tantos títulos e autores altamente significativos na ficção portuguesa contemporânea) revela-se extremamente feliz. «O Delfim» tem sido uma das obras portuguesas de maior repercussão crítica e editorial destes últimos três anos: quatro reedições portuguesas e traduções na França, Espanha e Alemanha.

Obra madura (como já tivemos ocasião de dizer, em 68, quando da sua primeira publicação em Portugal), «O Delfim» apresenta-se, a nosso ver, como o ponto mais alto de depuração estilística e amadurecimento vivencial, revelados até ao momento pela ficção de José Cardoso Pires. Ficção que atinge agora o seu oitavo volume e várias reedições; e onde a «portugalidade» (isto é, o sentir Portugal em face da História ou do Tempo) é o elemento que alimenta e dinamiza a invenção literária.

Romance do próprio romance, «O Delfim» nasce das conjecturas do próprio escritor consigo mesmo, ao chegar uma tarde na aldeia da Gafeira para a «estação de caça» anual e ouve notícias desencontradas acerca de uma provável tragédia que teria ocorrido na «casa da lagoa». Pela primeira vez o romancista participa do seu romance como personagem, isto é, como «narrador» declarado dos factos e, simultâneamente, como «anti-narrador» (aquele que vê de fora, critica e julga o que o «outro» está narrando): atitude dúplice que continuamente põe em dúvida a verdade imediata que vai sendo apreendida nos factos.

Toda a efabulação do romance é, portanto, uma longa recuperação pela memória dos momentos em que, um ano antes, o escritor privara com as personagens da tragédia: o Engenheiro (o Delfim), a esposa e o criado. Esse contínuo recuperar de factos passados, pequenos nadas, pormenores... sobrepõem-se à realidade concreta que, no presente, circunda o Narrador (a vida da aldeia e os preparativos para a nova estação de caça), e passa a impor-se como realidade de maior absorvendo e abstractizando a actual.

Essa intriga básica, aparentemente rudimentar, tem no entanto uma significativa dimensão simbólica: enquanto no plano epidérmico da narrativa, desenvolve-se essa absorção do «presente» pelo «passado» (o reviver dos factos transcorridos um ano antes suplantam os decorridos no momento da narração), no plano subjacente, o da problemática essencial do romance, denuncia-se a existência de certo «espaço» histórico,físico, concreto; uma certa esfera humano-social onde a vida decorre como que suspensa no tempo: alicerçada sobre as ruínas da História e alimentando sua necessidade de actuação com as criações grandiosas de um passado transformado em mito.

«Escrevi este romance», disse Cardoso Pires em certa entrevista, «pensando no Tempo no nosso Tempo português. Uma e outra coisa, livro e tema, são ainda um enigma para mim. O romance, porque, nas cinco versões que escrevi dele, me «ultrapassou» impondo-me certas soluções narrativas de todo inesperadas. O tema, porque me obrigou a aprofundar o denominador comum da nossa condição: a realidade de um Tempo português, que é única nos meridianos contemporâneos. (...) Isto porque é um tempo histórico e até físico verdadeiramente singular no nosso quotidiano».

E, pois na lúcida captação desse «tempo», efectuada por uma consciência crítica (despida da visão consciente de quem tudo sabe, interpreta e explica) que se constrói «O Delfim». Numa dimensão jamais alcançada antes, aprofunda-se neste romance a faceta alegórica característica do processo criador de J. Cardoso Pires, em sua vigilância constante para transcender o significado literal e raso da realidade objectiva e dar-lhe uma conotação simbólica. O «Jaguar»; os «mastins»; o «whisky»; a muralha do largo»; a «lagartixa no muro»; a «estação de caça»; a «lagoa»; o «velho vendedor de bilhetes» etc., etc. são alguns dos elementos que compõem a cosmografia de Cardoso Pires em «O Delfim». E, acima de todos, sobrepõe-se a figura do Engenheiro (o Delfim): a corporificação de uma postura mental e de um «modus videndi» de herança medieval, que ainda persiste no português de hoje.

A nosso ver, «O Delfim» representa no universo ficcional de Cardoso Pires um limite e uma nova abertura. Um «limite», porque estéticamente aparece-nos como um ponto de chegada na directriz do realismo dialéctico, trilhado pelo romancista desde seus primeiros contos: a literatura exemplar, polémica, participante (no sentido sócio político do termo...) que encontramos, por exemplo, em «O Anjo Ancorado» ou em «O Hóspede de Job». Ao mesmo tempo, vêmo-lo como uma «abertura» porque uma nova trilha vivencial e estilística ali já se evidencia.

Como disse o Escritor em conversa com o Engenheiro: «Cada romance (...) vai crescendo com o tempo, corrigindo-se com o corpo e a voz do homem que o escreveu.» E assim, realmente, se vem revelando a produção de José Cardoso Pires - elemento de destaque que, ao lado de seus companheiros de geração (Virgílio Ferreira, Fernando Namora, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho, Ruben A., Agustina Bessa Luís, Urbano Tavares Rodrigues, Natália Nunes, Maria Judite de Carvalho, Maria da Graça Freire, etc.), é responsável pela vitalidade e alto nível criativo que define a literatura portuguesa contemporânea.

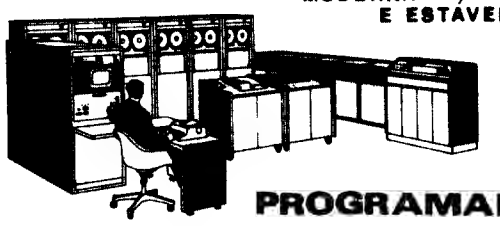
Como diz Franklin de Oliveira, na apresentação da edição brasileira, «é admirável a capacidade de José Cardoso Pires de organizar estruturas e ritmos narrativos sobre uma economia verbal altamente concentrada, que comunica força e poder à sintaxe novelística. Na sua arte a palavra é acção, e não valor lúcido. Acciona a demanda romanesca. O encontro com José Cardoso Pires, sua ficção e sua prosa enriquecem a nossa sensibilidade. Incorporá-lo ao universo literário do leitor brasileiro, tão distanciado da nova ficção portuguesa, é acto de lucidez intelectual.»

ELVAS — TELEF. 245
«MOTEL»
QUINTA DAS AGUIAS
A 500 m da Cidade, na E. N. N.º 4
Local Aprazível, preferido pelas pessoas de bom gosto. Ambiente Familiar.
A Vossa Casa em Elvas

COMUNICADO
Tapetes Arraiolos
«TREVO»
Comunica aos seus Ex.mos Clientes, que mudou as suas instalações da RUA ARCO DO CEGO, 75-C, para AV. ÓSCAR MONTEIRO TORRES, 33-A. Telef. 77 84 15 onde continua ao seu dispor.
A GERÊNCIA

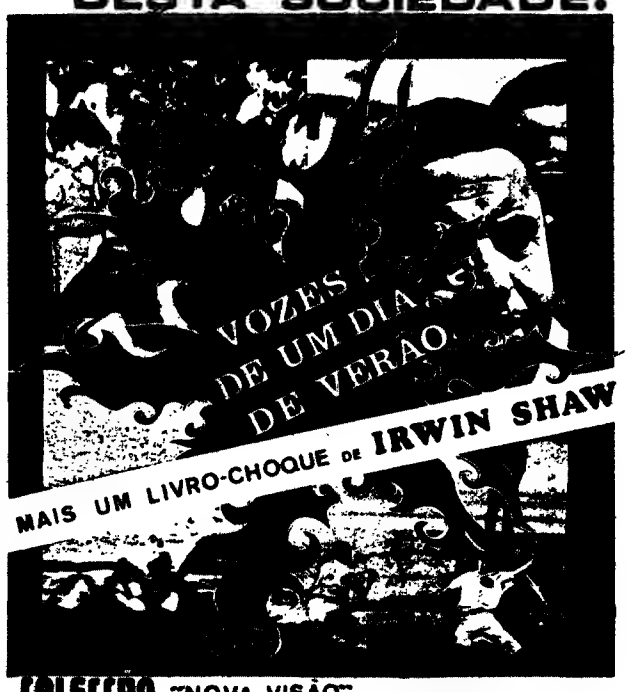
A C.P. INFORMA:
COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES
Por motivo do feriado que tem lugar no dia 1 do próximo mês de Novembro, o serviço especial de comboios para militares, entre Lisboa e Porto, da noite de 31 de Outubro para 1 de Novembro (domingo para segunda-feira), realiza-se na noite de 1 para 2 de Novembro (segunda para terça-feira).

ESCOLHA UMA PROFISSÃO MODERNA E ESTÁVEL!



PROGRAMADOR DE COMPUTADORES
CONTACTE-NOS!
GABINETE DE ESPECIALIZAÇÃO E COOPERAÇÃO TÉCNICA INTERNACIONAL, LDA
AV. REPÚBLICA 47-6.º LISBOA 1 TEL 783465 772154

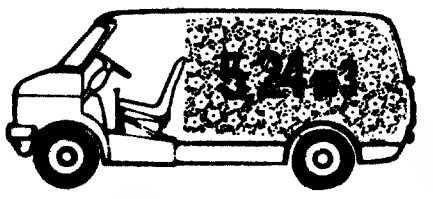
¿QUAIS SÃO OS MEMBROS DESTA SOCIEDADE?



COLECÇÃO "NOVA VISÃO" da EDITORIAL futura
distribuição de: eduardo r. ferreira lda

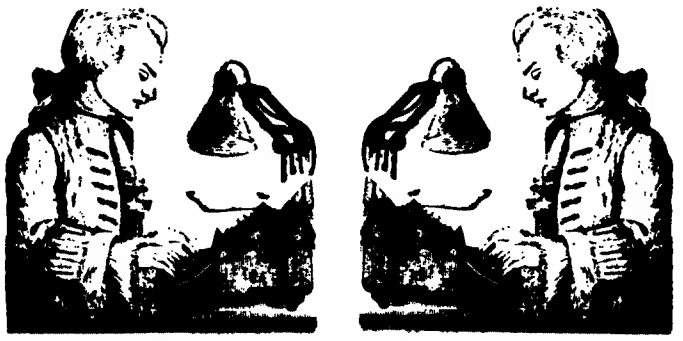
FURGÕES BEDFORD CF
• cargas úteis até 1270 kg.
• modelos a gasolina e a gasóleo
• travões assistidos por servo-freio
• distância do solo ao estrado de carga 54 cm.
consulte a
SOREL
Rua Tomás Ribeiro, 97-A
Rua Filipe Folque, 12 — Telef. ppca 56 34 41
Rua D. Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS



INQUÉRITO

A nova crítica em questão



As respostas de : TABORDA DE VASCONCELOS

1.º - Isso de **NOVA CRÍTICA**, que está presentemente a dar muito que falar entre nós, mas não passa de um fruto serôdio de importação, e também pretexto para mais uma polemicazinha em termos ordeiros, ao contrário do que nos é habitual, deixa-me para já concluir que o modestíssimo ambiente cultural do nosso País continua ainda, e continuará na dependência estrangeira.

Quando já dez anos passaram sobre a data em que a mesmíssima questão opôs, em França, Roland Barthes a Raymond Picard, e já antes, à distância de outros dez, o **New Criticism** surgiu nos Estados Unidos, é que nós demos pela coisa. Mais uma vez acordámos tarde.

Entretanto que se passou por cá? Nada. Tudo se mantém como outrora: as mesmas são as condições de trabalho do escritor português, parcos os seus recursos, difícil a promoção do livro, inexistentes as revistas e jornais literários, desinteressado o público em geral, e mesmo o que, paradoxalmente, esgota **certas** edições, enfim, exígua e anquilosada, por vícios congénitos e adquiridos, a crítica, exercida sobretudo nas páginas de artes e letras dos jornais, e nem em todas.

Nestas circunstâncias, que necessáriamente condicionam determinada mentalidade e por ela são condicionadas também, é ingénuo admitir a existência de uma **Nova Crítica**. E isto, quer pela letargia a que o estado de coisas em que vivemos, conduziu a nossa capacidade analítica e relacionadora, quer pelos processos, dogmáticos e classificadores, de que usa e abusa a chamada crítica tradicional.

Menos ainda que uma tentativa, e mesmo que só em face experimental, creio que a **Nova Crítica**, a existir - e não dei por isso - não passa de fogo de vistas. Vai durar apenas enquando, lá de fora, nos não acenarem com outros motivos ou processos que, a seu tempo, tardiamente como é nosso hábito, desejaremos experimentar também.

2.º - Uma vez que algumas perguntas dependem naturalmente das respostas anteriores, e tendo em conta o que lhe acabo de dizer, não considero distinção alguma. Primeiro, porque os condicionalismos da nossa vida cultural nos mantém afastados das grandes correntes de pensamento e criação que, pressupondo uma **Nova Literatura**, explicariam a existência necessária de uma **Nova Crítica**. Depois porque nem mesmo a crítica chamada tradicional constitui um bloco unitário, de características tão definidas que lhe confiram autonomia a ponto de servir de padrão ao confronto com outro, ou outros processos e métodos também diferenciados. Em terceiro lugar - e já tive oportunidade de dizê-lo num inquérito semelhante, que corre paralelamente a este, noutro vespertino lisboeta - porque me parece que, além dos métodos usados no julgamento da obra, importa muito considerar as qualidades indispensáveis a um verdadeiro crítico, ou seja o que exerce a sua actividade com o espirito de missão, e não ao acaso das solicitações e dos interesses, julgando poder dispor dos destinos das obras e dos autores como coisas suas.

Ora dessas qualidades destaco a independência, o bom gosto, a continuidade e a cultura.

3.º - Sendo assim, como admitir pontos de ruptura entre «tensões» que, ou não existem ou não passam de aspirações vagas? E tanto há que fazer, nesse e noutros aspectos, entre nós! Repare que não temos uma tradição de ensaio. Os poucos investigadores e estudiosos da literatura, quem lê? De resto, mal se pode avaliar as dificuldades com que deparam: há bibliotecas por catalogar, ficheiros por fazer, arquivos por organizar. Foi assim que uma investigadora francesa saíu daqui arripiada, dizendo que, nesse dominio, Portugal é um inferno e um paraiso. Um inferno, por quanto não dispõe, por desleixo e tendência à improvisação, daquelas fontes de consulta, indespensáveis ao estudo sério e documentado; um paraiso, todavia, na medida, em que, arrumada a casa, poríamos ao alcance dos que desejassem aproveitá-los, vastos e profundos recursos ainda inexplorados.

São horas de ir pensando nisto. Precisamos moldar o futuro, pois temos um passado muito limitado ainda. Note que se não escreveu, nem é possível nestas condições, escrever por enquanto a história do ensaísmo e da crítica literária portuguesas.

4.º - Essa pergunta parece-me viciada nos próprios termos.

Primeiro, é necessário saber o que entende por «geração», palavra que não encerra, a meu ver, um conceito exacto e bem definido. E, quando muito, um termo de recurso para comodidade de estudo e de catalogação talvez, mas arbitrária. Diz-se, por ex.º, a geração do **Orpheu**, a geração da **Presença**, como de maneira idêntica se fala da geração de 50, da geração de 60, etc., o que logo impede atribuir o mesmo significado a ambos os casos.

Des resto, já me referi às qualidades a que deve obedecer a crítica tradicional e nova crítica, pois o que interessa não é a situação no tempo, mas a atitude, justa e objectiva, assumida pelo crítico.

Deste modo, e supondo mesmo saber a que se refere ao falar-me em conflito de gerações, não vejo como essa noção se aplique à realidade portuguesa, ou tenha qualquer relação com o assunto em debate.

5.º - Nos teros em que, modo geral, a literatura correspondente se pratica entre nós, custa-me entender a aplicação de disciplinas científicas à possibilidade de uma crítica noca. Ainda se, a avaliar pela formação científica que possuo e profissionalmente exerço, com outros meios e diferentes objectivos, já se vê, observasse, no plano literário, a existência de processos e métodos de investigação e pesquisa, de idêntico rigor... Mas bem sabe que não.

Falar de crítica equivale a falar do comentário semanal nas colunas dos suplementos que, aliás, nem condições oferecem para vencer o puro amadorismo. Mais não permitem, na verdade, que o afloramento epidérmico de algumas questões mais imediatas sugeridas pela leitura da obra, além de constituir uma actividade irregular, a crítica literária nada tem, aqui, de especializado, e portanto, não se justificam quaisquer veleidades de carácter científico, que ela, efectivamente, não comporta.

De mais a mais, também nesta pergunta há um eqívoco: de me aparece a designação da **Nova Crítica**, tradução literádo figurino francês, que tomamos sempre por modêlo. Tanto assim que no próprio decurso deste inquérito se recorre, com extrema frequência, à citação de obras e autores estrangeiros sobretudo de origem francesa, o que, para o efeito, considero bastante significativo.

6.º - Ora aí está uma pergunta só aparentemente fácil de responder. No género, por exemplo, de saber o que é uma linha recta.

Criticar? Antes de mais, será informar que o livro existe. Depois, feita a sua análise bem documentada, honesta e justa, tão clara e rigorosa quanto possível, **ensinar os outros a lê-lo**. Tentar **vê-lo por dentro**, penetrá-lo portanto, esclarecendo-lhe o sentido, ou sentidos, que podem não ter chegado ao conhecimento do público. E às vezes até nem ao dos próprios autores, surpreendidos pelas perspectivas inesperadas que os críticos descobrem nas suas obras.

Tem, pois, a crítica uma função informativa imediata; outra menos imediata, que é de julgamento e interpretação; finalmente, uma outra ainda, essa então de natureza pedagógica.

Taborda de Vasconcelos

7.º - Estou convencido disso. Nem de outra maneira se compreenderia o que acabo de dizer-lhe em relação à pergunta anterior.

O acto crítico não só completa mas rectifica e amplia o processo de produção iniciado pela escrita. Por isso é que se fala numa função criadora dentro da estrita actividade crítica, ou seja a que lhe consente levantar, ao lado de cada obra, novas ideias, abrir direcções insuspeitadas, sugerir perspectivas, desdobrar situações.

8.º - Mas a isso já eu, directa ou indirectamente, respondi no que atrás ficou.

Através da crítica procuro atingir um diálogo amplo e aberto com as obras, com os autores e com o público. Procuro ser objectivo e claro. Sereno e prudente. Honesto comigo e com os outros.

Se, apesar de tudo, arrisco uma opinião (pois criticar também é ter opinião própria) e falho, - paciência! Diagnósticos errados só os médicos os podem fazer. Não é isso que me perturba. Inquieta-me, sim, pressentir que depois deste longo inquérito, e apesar dele, tudo vai entre nós, continuar na mesma em matéria de crítica. Oxalá me enganasse. Nem imagina quanto me satisfaria errar, neste caso, o prognóstico.

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES
2 programas
51 cm . . . . . 3.450$
59 cm . . . . . 4.450$
Gravadores de Cassetes . . 1.200$
Rádios bolso . 120$

FRIGORÍFICOS
140 litros . . . 2.100$
175 » . . . 2.650$
220 » . . . 3.450$
270 »(2 portas) 4.450$

MÁQUINAS
LAVAR ROUPA
automáticas
4.350$
LOIÇA
5.950$

ESQUENTADORES
1.390$
FOGÕES A GÁS
3 lumes . . . . 1.190$

MOBÍLIAS COMPLETAS ★ MÓVEIS SOLTOS ★ ALCATIFAS ★ CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA – RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A (Junto ao Largo)

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. **Considera que existe uma Nova Crítica Literária**
2. **Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?**
3. **Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?**
4. **Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o de arte e suas relações com o espaço em que necessáriamente se inscreve?**
5. **A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?**
6. **O que é criticar? Tem a crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?**
8. **Fale-me de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.**

Prontuário das Letras

Nos duzentos anos de Holderlin

A 20 de Março de 1770 nascia em Lauffen, uma cidadezinha debruçada sobre o rio Nackar, esse que em vida se chamou Johann Christoph Friedrich Holderlin e viria a ser, na opinião de muitos críticos, o maior poeta da língua alemã ou pelo menos o único da estatura do grande Goethe.

Seu estudioso de longa data, Paulo Quintela publica agora na Editorial Inova uma reedição da rigorosa e a vários títulos pioneira biografia que lhe dedicou e aliás serviu de dissertação de doutoramento em Filologia Germânica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Um título sintético: «Hölderlin (no original de 1947 chamava-se «A vida e a poesia de Hölderlin»).

Quem quiser ampliar o seu conhecimento do poeta pode ler a volumosa antologia (em edição bilingue) feita também por Paulo Quintela, que é outro trabalho de fôlego excepcional.

OS SUL-AMERICANOS

Os autores sul-americanos continuam a entrar em força no mercado livreiro português. De uma assentada as publicações D. Quixote incluíram no seu último lançamento uma antologia de «Poemas» de Jorge Luís Borges e a versão de «Bestiário» de Júlio Cortázar.

A recolha borgiana traz a assinatura prestigiosa de Ruy Belo e seria inútil acrescentar qualquer coisa. Mas sempre vai uma citação(zinha) do autor de **Fervor de Buenos Aires**»: «Como todos os jovens poetas, eu acreditei outrora que o verso livre é mais fácil do que o verso regular: agora sei que é mais árduo e requer a íntima convicção de certas páginas de Carl Sandburg ou do seu pai, Whitman. Três sortes diferentes pode ter um livro de versos: pode ser adjudicado ao esquecimento, pode não deixar uma única linha mas uma imagem total do homem que o fez, pode legar às antologias uns quantos poemas. Se o meu caso fosse o terceiro eu quereria sobreviver no **Poema conjectural**, no **Poema das dádivas**, no **Gólem** e em **Limites**. Mas toda a poesia é misteriosa; ninguém sabe ao certo o que lhe foi dado escrever. A triste mitologia do nosso tempo fala da subconsciência ou, o que é francamente menos belo, do subconsciente; os gregos invocavam a musa, os hebreus o Espírito Santo; o sentido é o mesmo».

Sobre Cortázar, a quem já nos referimos aqui mesmo por mais do que uma vez, é útil não obstante ter presente que o seu **1bestiário»**, data de 1951 (vinte anos já!), precedido de dois anos por «**Los Reyes**», a obra de estreia do ficcionista argentino, e precedendo de cinco o «**Final de juego**», «**Blow-up**» na versa.

«IL MANIFESTO»

Numa edição portuense (Afrontamento, Textos, n.º 3) temos agora à disposição as celebradas teses do grupo italiano de «Il Manifesto», intituladas em volume «**O socialismo crítico de hoje**». Tentativa de formulação de «uma estratégia clara e coerente» para a esquerda italiana e, por extensão, europeia, as teses fazem parte do património político dos nossos anos 60, no seio do qual constituem um «apport» de reflexão que é urgente conhecer antes de eventualmente passar à frente.

Sexo, naturalmente

Aclamado lá fora como um utilíssimo livro de apoio, «**Prática sexual e controlo dos nascimentos**», de Jean Dalsace e Raoul Palmer, foi vertido para português pela Livraria/Editora Paisagem, do Porto, e incluído na colecção Eros e Pessoa, que dirige o dr. Albino Aroso. Obra aconselhável para os jovens casais (mas quantos casais não jovens estão verdadeiramente a par destes problemas?), é valorizada por um prefácio do Nobel francês prof. Jacques Monod.

PESSOA NA BIOLOGIA

Pedimos vénia para a transcrição (e muitas desculpas aos nossos leitores por só agora aproveitarmos um «tuyau» do passa e quase longínquo dia 1 de Setembro): no semanário «**Mar alalto**», da Figueira da Foz, pergunta o major Raúl Traveira «porque não o nome de Fernando Pessoa para um Museu de Biologia Marítima a construir» na referida cidade?-

Trata-se de uma carta aberta a Joaquim Montezuma de Carvalho, tendo por base um artigo deste intitulado «Conchas e Neruda». Infelizmente só pudemos ler a primeira parte, já que o major Traveira prometia alargar-se em considerandos sobre o poeta e o museu a criar.

AS TRANSCRIÇÕES

Chegou-nos casualmente às mãos o número de 2/3 de Outubro da «**Voz de Portugal**», do Rio de Janeiro, onde José Pedro Sá Carneiro publica uma secção incluída nas páginas culturais Chegou-nos às mãos, e fomos ler. E pasmámos. E não queremos ainda hoje a creditar. Claro que José Pedro Sá Carneiro não deve ter culpa nenhuma, são coisas que sucedem, mas...

Mas o facto é que se transcrevia (foi mesmo J.P.S.C.que transcreveu?) uma nota do nosso Prontuário intitulada «Almada Poeta», escrita (por nós, claro!) a propósito do lançamento do IV volume das Obbras Completas, edição da Estampa. Comentários? Bem, até achamos uma honra, embora uma honra especial... Etc, etc... Claro.

ARAGON E «L'EXPRESS»

Louis Aragon deu uma entrevista ao hebdomadário «L' Express» em que evocava fundamentalmente as suas ligações com o movimento comunista. Responsável das «**Lettres Françaises**», que não podem entrar na U.R.S.S., o poeta de «**Les yeux d' Elsa**» chamou a Soljenitsyne «um homem corajosoque vive nas condições que a gente sabe» e referiu-se aos acontecimentos de Praga precisando que, se o P.C.F. não houvesse reagido como reagiu, ele, Aragon, não teria sobrevivido.

NAMORA EM 40 MIL

Namora foi agora publicado no Clube do Livro do Brasil. Trata-se de «**Cidade solitária**», cuja edição para os associados atingiu a bonita conta de 40 mil exemplares.

Segundo informação das Publicações Europa-América,o livro inclui uma extensa nota sobre o autor, na qual são referidas e analisadas, na qual são referidas de Fernando Namora já editadas no Brasil. Diz-se também que o autor português se «impõe como escritor em plena maturidade e em constante renovação da sua obra, já tão ricamente diversificada».

PONTOS DE REFERÊNCIA

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO EM "IVAN GROSNY"

Por FERNANDO LUSO SOARES

Está fora de dúvida que toda a representação, teatral ou cinematográfica, constitui um acto semântico de extrema densidade. Relações da língua e da palavra, natureza (analógica, simbólica ou convencional) do signo espectacular, variações significantes ta d e n o t a ção e conotação da mensagem — todos os problemas fundamentais da semiologia estão presentes no espectáculo de cinema. Nesta ordem de ideias, e em referência ao título do nosso artigo de hoje, perguntaremos como é que, no seu caso particular, se nos apresenta a linguagem cinematográfica de *Ivan, O Terrível*. A película de Eisenstein, projectada entre nós com um atraso aproximado a trinta anos, ainda hoje (apesar de tudo o que entretanto sucedeu no campo da arte cinematográfica) constitui um modelo exemplar na promoção de uma determinada linha estética.

Quando os irmãos Lumière «inventaram» o cinema, muito diferente foi a *função social* que todos (os pioneiros desta arte, os técnicos especializados, os críticos, os jornalistas e os historiadores) lhe atribuiram. De começo o aparelho cinemático afigurou-se um simples processo de arquivo e conservação documental. Ou uma técnica auxiliar da investigação e do ensino das ciências naturais. Até uma nova forma de jornalismo, quando não o instrumento para piedosas evocações (movimentadas) de mortos muito venerados. O filme concebia-se como o dado de uma espécie de máquina cibernética: em repouso, escondia os elementos arquivados; posto o projector a funcionar, ela enviava para o exterior a mensagem documentária.

Só posteriormente se encarou o aparelho de cinema como uma máquina de contar histórias. Deu-se, então, o encontro do cinema com a narratividade. Já não se tratava de um puro meio de conservação e reprodução de visualidades em movimento — termos em que, quanto à sua origem, foi o cinema entendido por um André Malraux em *Esquisses d'une psychologie du cinéma*, ou por um Jean Mitry em *Esthétique et psychologie du cinéma*. Agora é já possível pôr-se a questão do filme como realidade verdadeiramente semiológica.

O filme enfrenta, assim, os problemas da narração. Passa a ter um conjunto específico de meios significantes. E levantam-se questões próprias, relativas aos movimentos da câmara, à graduação dos planos, à organização das sequências, aos processos de montagem. Mas os primeiros cineastas da narratividade — um Griffith, por exemplo — eram homens de denotação. Ou melhor: mais de denotação do que de conotação. Queriam, fundamentalmente, obter um discurso narrativo, por vezes de extrema ingenuidade. Só mais tarde o cinema veio a sofrer uma dicotomia nítida, de polos predominantes. A arte cinematográfica seguirá, então, a *dominância* de um de dois caminhos: para um lado aquele que podemos chamar o «cinema de denotação», para outro o «cinema da conotação».

A conotação desempenha um papel considerável em todas as linguagens estéticas. Ela torna-nos mais próximos do cinema como arte — é a conclusão a que chega Christian Metz no seu estudo *Alguns Aspectos da Semiologia do Cinema*. Aliás, a arte do filme, a arte do teatro e a arte literária estão todas na mesma escala semiológica. A conotação significa um determinado *estilo* literário, teatral ou cinematográfico. Tem um determinado género, por exemplo, o «western», a comédia musical ou o filme policiário. Um certo *símbolo*, filosófico, humanitário ou ideológico. Tem, enfim, uma determinada *atmosfera poética* criada pelo conjunto (denotante, na base) do material semiológico.

Vejamos, entretanto, o que a semiologia eisensteineana tem de particular como técnica de sign i f i cações, designadamente naquilo que nos vem ser demonstrado pelo filme em exibição no «Apolo 70».

O cinema é, como já vimos, uma linguagem específica em que jogam elementos denotantes e conotantes. Todos eles tendem para a *diegese*, tão importante para a «filmosemiologia» como a ideia de arte. A diegese (termo que para a estética cinematográfica foi trazido por Etienne Souriau, em *L'univers filmique*) designava primitivamente a parte da oratória forense em que os advogados faziam a narração dos factos. Tal momento vale agora (na estética do cinema) a *representação* do filme, que Mikel Dufrenne, em *Phénoménologie de l'expérience esthétique*, opõe à *expressão* do filme, ou seja pura denotação fílmica.

Ora, é precisamente na organização dos elementos denotantes (ou expressivos) que a montagem eisensteineana consegue toda a sua particularidade. A partir desta, Eisenstein realiza a maior amplitude conotante, posta em comparação com os processos mais lineares do cinema. É que a linearidade (ou nível puramente denotativo) é própria da montagem cinematográfica conforme com a per-

Eisenstein

cepção idealista do real. Porém, a montagem eisensteineana, numa linha de dialéctica materialista, é sistemática, polémica, episodística. Por isso se verifica, ao contrário de uma conexão puramente causalista (aristotélica) dos elementos denotantes, a contraposição dos fragmentos (dos «segmentos mínimos» a que alude Martinet nos seus *Eléments de Linguistique Générale)*, contraposição capaz de produzir um resultado *qualitativamente* distinto do seu puro somatório.

A este propósito, num inteligente artigo publicado no n.º 1.512 da «Seara Nova», Eduardo Geada falava-nos de Laçan. Mas nós poderíamos, adequadamente, falar também do gestaltismo, o qual — por meio de Christian Ehrenfels — nos leva ao conceito de «melodia»: uma estrutura, unidade dinâmica de sons (no caso de *Ivan, O Terrível*, uma unidade dinâmica de imagens) que se podem dispor segundo diferentes escalas e combinações, e nos implica na ideia de que a frase oral ou musical (quanto a *Ivan*, o texto fílmico) que proferimos, ou montamos, não teria sentido se o todo não existisse no nosso espírito, no plano estrutural, na eventualidade dialéctica.

A montagem eisensteineana é dupla: em primeira mão, a montagem dos denotantes, depois (aos saltos) a das sequências já colhidas na película. Opera-se, pois, uma descontinuidade (que é uma melodia em que se funde a melodia de Prokofief), a qual em cada momento põe em causa os modos da percepção idealista. Eis assim o contrário daquilo que, por exemplo, faria um cineasta americanizado da figura do Czar Ivan. Porque só a mitologia idealista se serve dos mitos para inflectir sobre as pessoas uma crença conservadora. No filme em causa, todavia, a personagem principal contesta toda a ideia de conservação. E contesta, em consequência, aquela concepção pré-r e v oluciona´ria da arte russa que nos dava Ivan como um títere denotante da cólera divina. Eisenstein aceita, portanto, o aspecto progressista da acção do seu herói na luta contra os boiardos, os titulares da feudalidade rural na Rússia do século 16.

O progressismo de Ivan Grosny é análogo, aliás, ao de todos os outros movimentos de centralização do poder real. Poderíamos fazer filmes semelhantes (ou paralelos) a propósito de um D. João II de Portugal, dos Reis Católicos de Espanha, de Luís XI de França. Só neste sen-

Continua na página seis

Kikhail jarov

N. Tcherkassov

Jazz em Portugal

ENTREVISTA COM RONNIE SCOTT e MIKE CARR

(Ronnie Scott e Mike Carr estiveram entre nós há cerca de um ano, juntamente com Tony Crombie. Vieram para umas curtas férias e acabaram tocando em diversos sessões de jazz. Ronnie é considerado um dos melhores músicos ingleses - toca sax-tenor - e um dos grandes impulsionadores do jazz em Inglaterra, até porque dirige o melhor clube de jazz de Londres; Mike Carr - que toca órgão, piano e vibrafone - é presentemente considerado um dos melhores organistas da Europa, tendo feito parte, há alguns anos, do Quinteto Académico; Tony Crombie é o actual bateria deste trio).

CONVERSANDO COM RONNIE...

P. **Qual a tua opinião sobre a actual situação do jazz particularmente em Londres e duma forma geral em Inglaterra?**
Ronnie Scott: Existem diversos bons músicos jovens, tocando principalmente jazz moderno, quase todos integrados em três ou quatro grandes orquestras.

P: **E quanto a grupos pequenos?**

RS: Também existem alguns, na maior parte dos casos, constituídos por elementos das universidades e alguns, poucos, por músicos profissionais, que tocam frequentemente no meu clube (o Ronnie Scott's de Londres). Costumo aí apresentar os melhores músicos jovens que tenho oportunidades de escutar, mas efectivamente reconheço não ser essa situação comercial para um clube de jazz como o meu. Normalmente, estes músicos tocam para o público universitário e não universitário, jovem em idade, o qual económicamente não me parece ter possibilidade de frequentar locais mais dispendiosos. Daí a promoção de sessões nas próprias escolas e universidades.

P: **Essa será a situação em Londres. E noutras cidades?**

RS: Não sei bem o que se passa fora da área de Londres, mas creio que esta cidade é de momento o centro do jazz «mais jovem» no meu país. A maior parte dos «jazzmen» de vanguarda inglêses encontra-se na capital.

P: **Quanto a músicos considerados «free»? Existem alguns bons ao nível europeu?**

RS: Certamente que sim. Por exemplo, John Surman (sax-barítono, soprano e clarinete baixo) é um dos mais destacados músicos europeus e considerado pelos críticos, mesmo os americanos, como um dos melhores saxofonistas, no barítono, surgidos até hoje. A sua educação musical foi totalmente recebida em Inglaterra. Outro caso é o de Tony Oxley (bateria), considerado um dos músicos mais de vanguarda, que bastante admiro - possui agora um quinteto excelente fazendo o que se pode considerar como experiências dentro do free jazz. Com Tony Oxley tocam outros músicos também representativos da nova corrente, tais como Evan Parker (sax tenor), Kenny Wheeler (trompete) e Derek Bailey que considero um guitarrista absolutamente fantástico. Parece-me que alguns bons músicos europeus estão mesmo a tentar mostrar aos seus colegas norte-americanos como chegar a um caminho de características free definidas.

P: **Ronnie, com essa tua última afirmação, estás a englobar também os músicos negros americanos?**

RS: Não, estou a referir-me particularmente aos músicos brancos americanos, considerados de vanguarda (que não são muitos, aliás). Como exemplo europeu, posso citar os músicos do quarteto de Phil Woods (Eruropean Rhythm Machine): Gordon Beck, pianista inglês, cujo estilo é parecido com o de Chick Corea, Henri Texier, contrabaixista francês e Daniel Humair, bateria suiço radicado em França. Portanto aqui representados três países europeus. Todos eles são músicos cuja concepção e estética e técnica é impressionante. Creio que nos Estados Unidos não ficariam atrás dos músicos que neste momento seguem semelhante corrente musical (1).

Continua na pág. sete

PLANO

no dia mundial da poupança oferecemos

SEGUROS PROGRAMADOS DE VIDA CI

aos primeiros 25 pais de crianças, nascidas no dia 31 de Outubro de 1971, que se apresentem no dia 2 de Novembro na nossa sede em Lisboa (Rua Arco do Bandeira, 12) e na delegação no Porto (Rua dos Clérigos, 7), e que sejam posteriormente aprovados em exame médico.

Não perca esta oportunidade de obter um SEGURO PROGRAMADO DE VIDA CI

CI

COMÉRCIO - INDÚSTRIA

segura, realmente!

PONTOS DE REFERÊNCIA

Continuação da página cinco

tido entendo o facto de o excelente programa do «Apolo 70» aludir a que o filme ali em projecção constitui, relativamente ao primeiro Czar de todas as Rússias, *o seu hino à ideia estatista». Ivan, O Terrível* põe em análise, segundo os saltos de tempos não-dialécticos (em que nada se passa, mas que vinculam como «engrenagem» como domínio de fundo) para tempos dialécticos (próprios do conflito, levados pela contradição interna a produzir o seu resultado, o seu devir), a contradição das concepções do poder: um «poder-poder» puramente absoluto, como aquele que só admite Eufrosínia, a tia do Czar, intrigante promotora da conspiração dos boiardos, e um «poder-função», absoluto mas funcionalmente, em favor do povo (daí um poder-dever).

Mas *Ivan, O Terrível* é um filme dos anos quarenta, não o esqueçamos. Tal como acontece na dramaturgia de Brecht (de certo modo contemporânea), na filmografia de Eisenstein o povo é o conjunto de forças diversas e opostas entre si, não uma singular comunidade cimentada pelo sangue e pela raça, como ao tempo se dizia nos termos do conceito biológico-nacionalista e o sustentavam então os ideólogos nazistas. Por isso *Ivan, O Terrível* é, no final de contas, o drama do poder político. E todo o seu episodismo — que, aliás, tem antecedentes em Shakespeare, na dramaturgia de Goethe, designadamente no seu *Goets von Berlichingen*, no *Woyzech* de Bucher, no naturalismo de Hauptmann, em *Os Tecelões*, e mesmo no expressionismo de Strindberg, tal como se verifica em *O Caminho de Damasco* — todo aquele episodismo, repito, é usado para o conseguimento de uma dialéctica.

Logo no início, após a sagração, Ivan afirma o seu poder-funcional contra o poder feudalista. Seguem-se as contradições próprias daquilo que pessoal no Czar e geral nas c cunstâncias. Daquilo que é von tade do homem e dever do monarca. Daquilo que é crueldade do sujeito e humanidade do patrono. Mas, segundo um descentramento sistemático de todo os elementos, sem dúvida qu esta obra de Eisenstein transpõ ao máximo a linearidade d pura denotação, e atinge um co notan e modelar de uma prática materialista do cinema. O es paço cénico, os olhares e os ge tos, o movimento dos actore e os diálogos, o canário, a músic e os ruídos, tudo ali vive nã sob a categoria da *causalidade* em que cada cena ou pormeno é só com elo do todo, mas d *substancialidade*, a própria dc autores épicos, em que cada mo mento tem os seus direito próprios.

FERNANDO LUSO SOARE

Continuação da pág. seis

P: **O teu clube está aberto todas as noites?**

RS: Toca-se todas as noites, excepto domingo, em que aproveito para dormir durante todo o dia...

P: **Considera as pessoas suficientemente receptivas ao jazz moderno, especialmente em relação à música feita no teu clube?**

RS: Já cheguei à conclusão de que se tiver nomes importantes de duas em duas semanas, actuando no clube, as pessoas aparecem e a sala enche-se e então pode-se alternar esses músicos com outros ingleses menos conhecidos. Mas se só apresento estes últimos, a frequência por vezes não chega para pagar a renda...

Além disso, para mim, torna-se difícil apresentar «free» pois a assistência a essas sessões é reduzida a não ser que sejam músicos da craveira de

Mike Carr

um Archie Shepp ou de um Ornal já comprovada! O que se tem tentado fazer é utilizar outro clube mais pequeno, não tão dispendioso, e fazer as sessões com músicos free ingleses nesse local.

P: **No referente à rádio e à televisão, como canais de divulgação de jazz, que se passa em Londres?**

RS: Bem, há dois ou três bons programas semanais, na rádio, com a apresentação de conjuntos ingleses...

P: **Discos ou música gravada em fita?**

RS: Não, programas «ao vivo», com a audição directa ou gravada de grupos no estúdio. Há um programa semanal que alterna os músicos ingleses mais representativos do jazz moderno com os do jazz mais tradicional. Esporádicamente, realizam-se também programas de televisão, não muitos. Recentemente fez-se uma série de programas que foram filmados precisamente no meu clube, uma vez por semana, não directos, gravados e transmitidos mais tarde. Mas esses programas apresentaram principalmente músicos norte-americanos de passagem por Londres. Shelley Manne (bateria), por exemplo, foi um dos músicos apresentados. Esteve em Londres com o seu sexteto.

P: **Quanto a músicos ingleses na televisão?**

RS: Muito raramente aparecem. Alguns dos músicos novos, mais modernos, tocam também em grupos pop ou de rock-jazz e portanto vão sobrevivendo dessa forma. De qualquer modo, a situação do jazz em Londres, entenda-se o jazz feito por ingleses, ainda não é famosa.

...E COM MIKE CARR...

P: **Primeiramente gostaria que me dissesses como te surgiu a ideia de vires com Ronnie Scott e Tony Crombie a Portugal.**

MC: Acontece que costumo passar férias, quando as tenho, no Algarve. Tony e eu já cá estivemos anteriormente. Como desta vez estávamos a tocar em trio com Ronnie, sugerimos-lhe a vinda a Portugal e ele aceitou. Acontece que planeara já vir passar uns dias aqui e aproveitar para tocar no clube do Tim (Timothy é o dono do «Sobe e Desce» na Praia do Carvpeiro e ele próprio tocou jazz durante anos) de quem sou amigo, mas como Ronnie Scott, em sax-tenor, se integra tão perfeitamente no nosso grupo e a sua sonoridade juntamente como a do órgão é tão especial que foi bom ele ter aceite a sugestão (eu acabara de assistir à primeira actuação do trio e a aceitação, por parte da assistência - e não particularmente interessada no jazz - fora quase total).

P: **Que tipo de jazz te interessa mais fazer presentemente?**

MC: O trio está a fazer um jazz fundamentalmente com swing, muito na linha do de Jimmy Smith, que aprecio bastante, contando no entanto com a força melódica e rítmica que Ronnie imprime com o tenor.

P: **Queres dizer, uma música próxima ou até vinculada nos rhythm and blues?**

MC: Não, fundamentalmente jazz, sómente jazz! Tocamos sim muitos blues, mas não com a marcação rítmica característica dos rhythm and blues.

P: **Que pensas sobre o free jazz? Nunca te interessou acompanhar a evolução do jazz nesse sentido, efectivamente como músico?**

MC: Acho que não. Como já tivestes oportunidades de ouvir, o jazz que o nosso trio está a fazer, integra-se numa corrente absolutamente tradicional. Além disso, as experiências que fiz há já algum tempo com Ronnie, foram em piano e vibrafone, instrumentos que também toco. Esta é

Ronnie Scott (sax) e Mike Carr (or)

das primeiras actuações com órgão, tenor e bateria, e não me sinto ainda preparado para outro tipo de jazz. Em Londres, antes de partirmos, tivemos três dias de ensaios, com o resultado dos quais ficámos satisfeitos. Aliás a gravação que fizemos esta semana em Lisboa, para a TV, no programa do Manuel Jorge Veloso, ficou muito boa e mesmo o Luis Villas-Boas achou o grupo com boa coesão e sonoridade. Creio que continuaremos nesta linha musical.

P: **Discos gravados?**

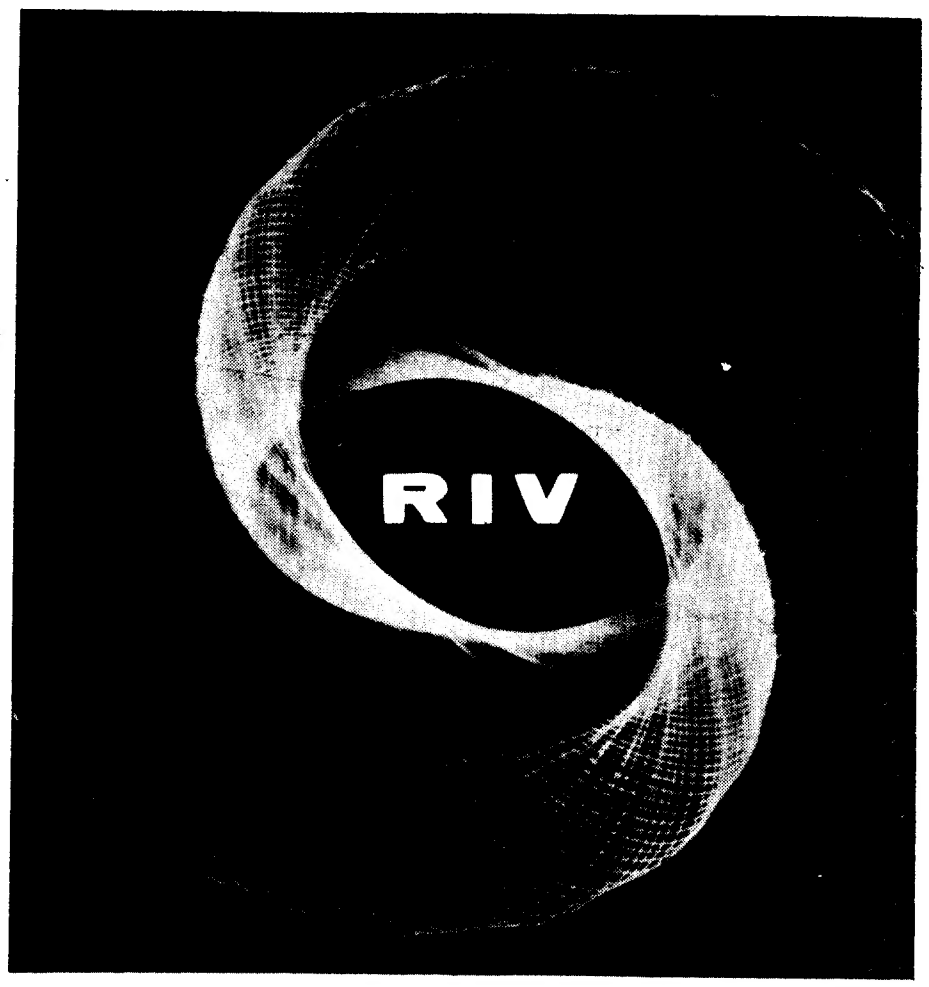
MC: Eu, Tony Crombie e Earl Jordan (que trabalhou em Portugal como cantor do Quinteto Académico), temos um trio «comercial», o «Pendulum», e acabámos de gravar para testes em Londres, após o que assinámos um contrato com a Philips para a gravação de um LP. Com Ronnie é mais complicado, pois necessitamos ainda de grande rodagem de temas. E provável que após o nosso regresso a Inglaterra e depois de algumas sessões no Ronnie Scott's Club, se consiga algum programa na rádio ou televisão. Contudo o mais certo é fazerem-se sessões para a massa universitária. Posteriormente, talvez venha então a possibilidade do disco. Ainda é cedo para determinar até que ponto seria oportuno um disco de jazz neste momento em face do tempo de existência do trio.

P: **Para terminar, a tua opinião acerca da divulgação do jazz em Inglaterra?**

MC: Na minha opinião, parece-me que o que se está fazendo ainda não é satisfatório... Programas diários na rádio, com jazz «ao vivo» ou música gravada comentada são muito importantes tanto no respeitante ao tempo de duração de cada programa e também à frequência com que se apresentam,, pois sabes certamente que o número de interessados no jazz aumenta com a habituação de audição, e, de momento, as entradas nos clubes não são baratas e os discos são relativamente dispendiosos. A televisão é outro canal que mais se devia debruçar sobre a divulgação do jazz, até porque o jazz é uma música que impressiona físicamente e portanto para além da audição, ver a actuação do grupo torna-se importante. Dizem encontrar-se de tal modo sobrecarregados com programação, que se torna difícil prestar mais atenção a um tipo de música que ainda é para minorias... E já tentam fazer um programa semanal! **NOTA:** Parece-me que esta última reposta a Mike Carr se aplica com pequenas diferenças ao «caso português». Quero dizer com isto, se não seria exemplo a seguir, as tentativas feitas em Inglaterra, dando portanto o possível apoio a todos quantos se dedicam à divulgação do jazz em programas na rádio, na televisão, sessões fonográficas, organização de concertos, de festivais, etc.

(1) - Phill Woods esteve recentemente com o seu grupo no Festival de Newport, onde não chegou a actuar por este festival ter sido suspenso ao terceiro dia. Imediatamente foram convidados para actuações noutros locais, onde o seu nível musical ficou plenamente demonstrado pelas críticas americanas. E não me parece que tenha sido por Phil Woods ser um músico americano «de regresso à terra».

PAULO GIL



rolamentos

RIV

■60 anos de experiência
na produção de rolamentos
de todos os tipos e dimensões

■um produto de alta qualidade
que satisfaz a técnica mais avançada

AUTO~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

SURDEZ

CENTRO AUDITIVO

Organização especializada em prótese auditiva

SEDE — RUA AQUILES MONTEVERDE, 32-1.º — TELEF. 5'59'97

(á Estefania — frente ao Jardim Constantino)

Sempre as últimas novidades em aparelhos auditivos

Modelos em todos os sistemas
Adaptação por técnicos especializados

ASSISTÊNCIA E DEMONSTRAÇÕES EM TODO O PAÍS

Informa-se na sede nos dias das visitas

Director técnico:

Francisco Marcão — 23 anos de especialidade

Artes Visuais

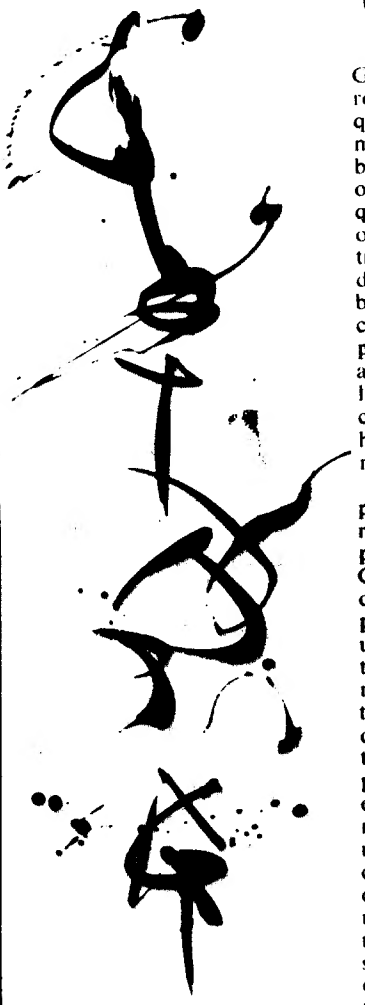
PRÉMIO SOQUIL OU A MORAL DA HISTÓRIA

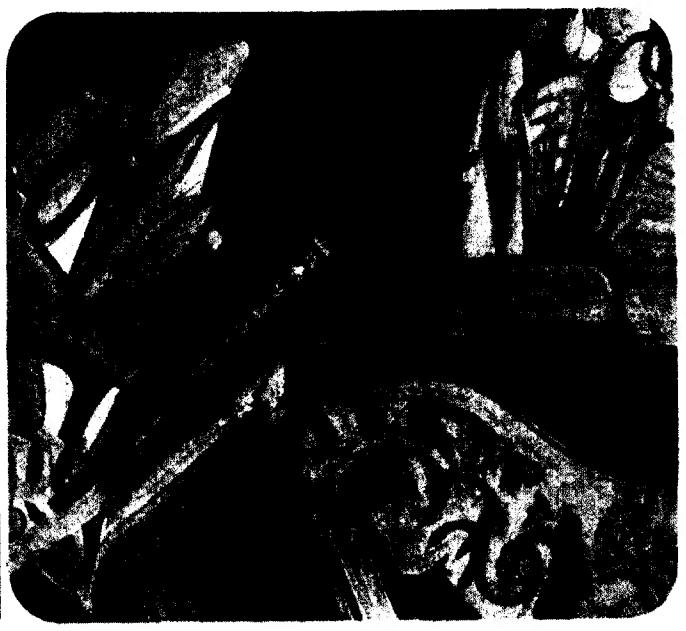
Cumprindo uma «rotina» de quatro anos e acreditando numa ilusória perpetuidade da instituição, a crítica portuguesa de artes plásticas (ou mais precisamente, a Secção Portuguesa da A. I. C. A.) «julgou» este ano, de novo, as exposições da temporada anterior e forneceu à Soquil Ld.ª o ensejo de premiar mais sete artistas nacionais. Membros do júri: José Augusto França, Fernando Pernes e Rui Mário Gonçalves. O primeiro destes críticos, a quem coube desta vez justificar a razão de ser da iniciativa, reafirmou, no jantar consagrado à entrega do Prémio e das Menções Honrosas, a importância de um acto de referência crítica que não obriga os artistas à sujeição competitiva dos concursos e que realiza, ao longo dos anos, «com maior ou menor acerto, com maior ou menor desacerto», a «história» dos acontecimentos artísticos do nosso país dentro da extensão permitida pelo Prémio Soquil. O orador foi modesto em relação à actual equipa de críticos que atribui as distinções, previu a constituição de outras equipas em cuja competência disse acreditar e mostrou aceitar a iniciativa Soquil como uma forma ainda válida de intervenção crítica e de estímulo aos artistas. Claro que o Doutor José Augusto França não pretendeu esgotar o assunto nem superar os condicionalismos da circunstância entretanto criada. Não pretendeu, nem podia — ali e então. A um crítico, a um historiador e a um sociólogo não escaparão por certo as mutações que se geram num determinado espaço cultural, por muito persistentes ou resistentes que as conjunturas se mostrem. É evidente também que um Prémio, mesmo sem sujeitar os artistas a concurso e mesmo que atribuído por entidades competentes e idónias, é sempre produto de uma escolha, de juízos comparados, de confrontos — pressupõe também competição, porque distingue e destaca o melhor. Teria sentido chamar-se Prémio se assim não fosse? Prémios há um pouco por toda a parte, as sociedades de consumo. Prémios são o prato forte dos sistemas de venda e concorrência. Prémios são o aliciante veículo de promoção numa realidade em que o esforço nem sempre pode decorrer de uma programação científica, bem distribuída e equilibrada.

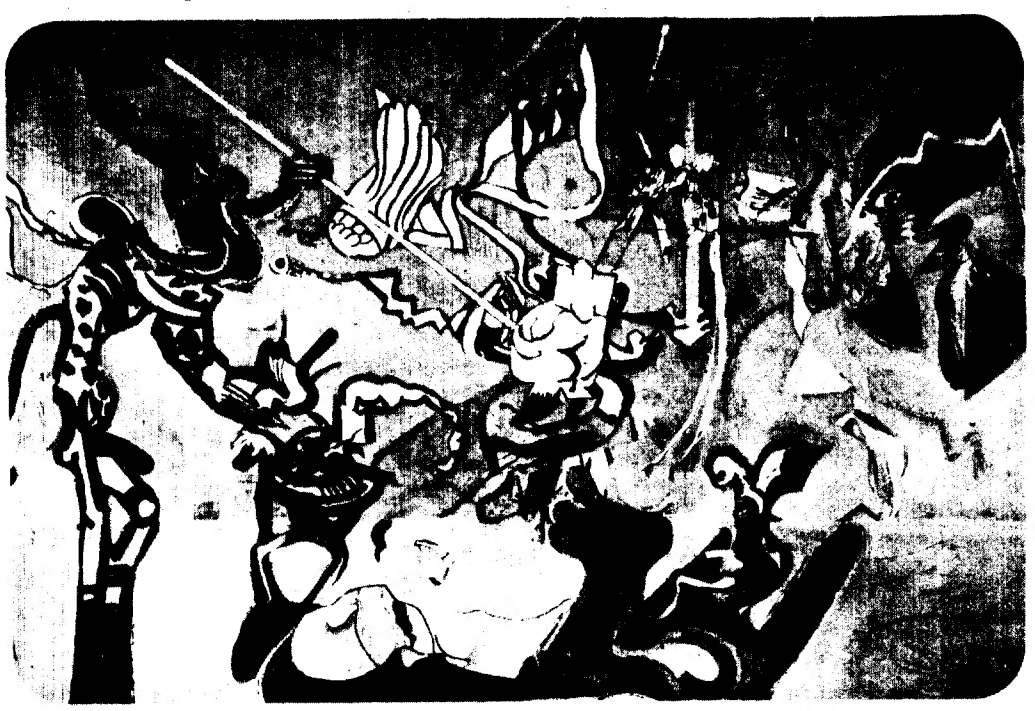
Na distribuição dos prémios que a Soquil instituiu, só um artista se apresentou à mesa da consagração. Os outros estiveram ausentes por razões diversas e assistiu-se então, com um certo desconforto, ao cortejo dos directores das galerias, representando e substituindo os artistas na recepção das distinções.

Um breve mas significativo incidente veio pouco depois chamar a nossa atenção, mais uma vez, para este problema tão debatido de Prémios, Empresas que promovem actividades artísticas, críticos, júris, publicidades directas ou indirectas, todas estas pequenas grandes coisas que definem uma situação e podem, da melhor ou da pior forma, influenciar o futuro do campo a que nos referimos. Dois artistas distintas Eurico Gonçalves e Sá Nogueira, declaravam não aceitar o prémio — ou pelo menos não o aceitar nos termos em que é proposto, **fechado** como dádiva ao artista escolhido. Esses artistas manifestaram estar em desacordo com a forma de contribuição para a arte portuguesa seguida pela Soquil, e apoiada pela crítica, e mostraram entender que o esforço financeiro dispendido não deveria reverter no sentido de consolações individuais, mas antes tornar-se rentável em ordem ao fomento de actividades expressas em regime colectivo, no ensino artístico particular, em sectores similares ou em campos de investigação. Sá Nogueira: «...não quero deixar de salientar que essa acção, que enquanto prémio é feita sobretudo a expensas dos artistas, deveria ser dirigida de molde a obter resultados mais profundos e duradouros aplicando-se esse capital em empreendimentos como o Curso de Formação Artística ou similares, bolsas de estudo, constituição e auxílio de equipas de investigação ou qualquer outra forma séria de contribuir para a evolução das artes plásticas». A atitude de Eurico Gonçalves é muito semelhante. Sá Nogueira, ao aceitar o prémio, reivindica a sua coerência na oposição manifestada, pois fê-lo apenas, segundo declarou, para canalizar o dinheiro para a Sociedade Nacional de Belas Artes afim de ser aplicado em fins pedagógicos. Trata-se de uma aceitação-não-aceitação, ou melhor: de uma demonstração prática de como o esforço económico das premiações deveria ser reconvertido. Por muito que aceitemos a inevitabilidade dos prémios, estamos de facto perante um precedente de consequências morais inesperadas e significativas. Resta-nos salientar que foram os artistas que abriram tal precendente, pelo menos na perspectiva aqui referida, o que nos dá conta de um acto de consciência que talvez corresponda a uma reacção positiva à conjuntura actual do nosso meio.

O Prémio Soquil foi atribuído este ano à pintora Paula Rego e as Menções Honrosas foram distribuídas por seis artistas: os dois já referidos e ainda Lourdes Castro, Alberto Carneiro, Cutileiro e Jorge Martins.







Por Rocha de Sousa

Exposição de Gonçalo Duarte texto publicado no catálogo

Não **gosto** da pintura de Gonçalo Duarte. Mas esta obra representa-se numa trajectória que me fascina. Tal facto torna mais pesada a minha responsabilidade enquanto espectador e obriga-me a um tipo de **viagem** que «dispensa» polèmicamente o encargo do crítico. Ao contrário, ou de outro modo, é na direcção de uma **poética** perturbadora e para que me sinto inclinado a caminhar — e um pouco como se fosse possível abandonar a indagação especulativa sobre o fenómeno artístico em geral ou a própria relação histórica dos actos que o determinam.

Antes das minhas **escolhas** particulares, da memória e do meu corpo de experiências, as pinturas e os desenhos de Gonçalo Duarte são já o produto de outras **escolhas** cumpridas. E propõem-me, em realidade, a urgência de um exercício de leitura que tem de escapar à organização cómoda dos meus hábitos visuais, ao comportamento do meu olhar, à minha natural tendência para restringir o campo dos conceitos de actualidade e dos objectos que invadem o meu quotidiano. Exigem-me uma espécie de virgindade (ou de disponibilidade) que os padrões da produção artística corrente tendem a adulterar a cada movimento da inteligência — e sempre que a partir de tais padrões se extraem informações mais ou menos preciosas. Em Gonçalo Duarte, tudo recomeça onde a história parece já ter sido cumprida, numa zona obscura que se opõe à clareza linear das nossas mais comuns simplificações, num mundo interior onde a palavra sonho readquire a sua autoridade mais íntima e onde as relações formais revelam — um **cáos** carregado de novos elementos de informação. Senhor de uma liberdade que propositadamente desconhece as convenções de uma óptica recente, mesmo quando essas convenções se encobrem sob os pretextos de uma abertura incerta, o autor entrega-se a uma prática cujo suporte imagístico reside numa espécie de alienação redentora. Não é deste mundo — do nosso mundo — que ele dá directamente testemunho. As suas pinturas e os seus desenhos contêm por vezes representações de objectos cujo significado **parece** momentâneamente equivalente à nossa própria **ordem** de significados. Mas essa noção apenas se torna permissível numa primeira abordagem dos quadros propostos ao nosso olhar, porque afinal tudo neles se transforma à medida que a leitura adquire o seu tempo próprio, tudo neles nos é imediatamente estranho, enigmático, originário de outro tempo, de outro espaço, de outra paisagem. A própria brutalidade (ou informalidade) dos contornos, traduzindo embora memórias do rigor, ao perfil despojado dos objectos de consumo, à ideia de tecnicismo e à instrumentalização mecânica da mão. E no entanto, perante uma pesquisa identificadora frustrada, o tempo dá-nos consciência de que o mundo de Gonçalo se situa irremediàvelmente paralelo ao nosso. Irremediàvelmente paralelo e irremediàvelmente desconhecido, dirigido a uma noção de **abertura**, e perante o qual os significados prováveis introduzem no reconhecimento da mensagem uma pluralidade de direcções intencional.

Surrealismo por um lado, ou a tonalidade abstracta «fluente» de certa pintura francesa por outro, são filiações que Gonçalo Duarte se podem aplicar, mas de uma forma, quanto a mim, sobejamente indirecta. O cerne da sua originalidade é mais importante e é nele que reconhecemos a marca de um **descomprometimento** técnico, liberdade de riscar, de escrever de pintar ou de fechar as formas de um universo absurdo. Os seus guachos, que recolhem elementos figurativos não antropomórficos, são janelas abertas para uma paisagem interior, onde os destroços, as larvas e a memória de uma civilização desconhecida (mas insidiosa e ìrònicamente evocada da nossa) se confundem com o êxito das linguagens pictóricas ocidentais. Os corpos, as máquinas absurdas, os seres impossíveis e míticos que obsessivamente povoam a pintura de Gonçalo Duarte apontam na direcção do onírico e formulam a ficção dionisíaca do nosso tempo ou do nosso futuro, traduzem o poder hipnótico da perturbação e do medo. Quanto mais se afastam do testemunho que esperamos, mais aumentam o sistema das probabilidades de leitura, aí onde a nossa experiência não pode demitir-se de reconhecimentos cómodos, contaminada por uma forma que é por natureza acusadora dos gostos dominantes desmistificação (pelo fantástico das inércias em que navegamos. As telas são por vezes de exíguas dimensões, exercício de uma reflexão que ignora com assiduidade as exigências técnicas da pintura, mas dentro dessa espaço há objectos representados cuja monumentalidade absurda nos refere um sinal de presença alguma vez necessária hoje perturbante na sua inutilidade. De facto, é nessa inutilidade que os destinos confluem — numa espécie de representação de sucessivas demolições petrificadas.